



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

O FOLCLORE REGIONAL MADEIRENSE: PECULIARES MEMÓRIAS

Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha

Rolando da Silva Varela



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Rolando da Silva Varela

O Folclore Regional Madeirense: Peculiares
Memórias. Grupo de Folclore da Casa do Povo da
Camacha

Mestrado em Educação Artística

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Doutora Manuela Cachadinha & Doutor Carlos Almeida

Mês de 2021



Dai-nos as Festas felizes, a paz e a salvação!

Fotografia de Georgina Abreu
Fonte: Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha

Bate o Pé

(Tema eternizado por Max)

Bate no chão as tamancas e maneia as ancas p'ra frente e p'ra trás
Bate as palmas a compasso e acerta o passo cá pelo rapaz
Faz como eu digo, se é que não sabes bailar
E vem comigo que assim te vou ensinar

(Refrão)

Ai bate o pé, bate o pé, três passinhos p'ra direita, bate o pé
Outros três p'ro outro lado, bate o pé, na poeira do caminho.
Ai bate o pé, bate o pé, vê como a gente se ajeita, bate o pé
Neste passo bem marcado, bate o pé, assim se dança o Bailinho.

Podes subir apressada pela Encumeada, sempre ligeirinha
Que na Senhora do Monte há sempre uma fonte com água fresquinha.
Vamos bailando, deixa as tristezas, Maria;
Só paras quando chegares à romaria

Resumo

A presente dissertação tem como objetivo suscitar uma análise e reflexão sobre a valorização do património cultural madeirense, mais concretamente sobre a atividade desenvolvida pelos Grupos de Folclore, tendo como objeto de investigação o Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha, que viabilizou no tempo, imensamente alargado, um lugar de memória (Nora, 1993); realçando o seu historial, a motivação dos seus intervenientes, o papel que desempenham, na recolha, preservação e transmissão dos costumes e das tradições com mais significado na freguesia da Camacha e na Região Autónoma da Madeira, assim como, o papel que os jovens estão a ter na valorização desse património cultural nos dias de hoje.

Sendo a freguesia da Camacha uma terra marcada por uma forte tradição popular, pretendo compreender como intervém o Grupo de Folclore da Camacha na comunidade local, a sua influência, com os seus responsáveis, participantes e com o público que o acompanha; bem como, conhecer as motivações que estão implícitas, no que diz respeito à recolha, preservação e valorização do folclore madeirense.

O Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha assume a sua ação muito para lá da simples apresentação de um conjunto de cantigas e danças de âmbito tradicional madeirense. O seu trabalho começa na recolha criteriosa, passando pela preservação e divulgação dos costumes e tradições das gentes da terra da Freguesia da Camacha, assim como, da Ilha da Madeira, onde o profano e o sagrado convivem, desde há muito tempo, até aos dias de hoje, de uma forma rica e harmoniosa.

Desde a sua origem, o Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha, participa e realiza eventos culturais e festivos de cariz popular e/ou religioso, muito procurados pelas populações em geral e pelo turismo, que possibilita desenvolver a economia local, o que tem contribuído para um reforço e conhecimento da identidade local. Madeirenses ou estrangeiros procuram envolver-se e participar mais, nos eventos de natureza popular e de âmbito religioso; os locais agradecem e mostram-se especialmente orgulhosos dos seus costumes e tradições, possibilitando uma salutar partilha da cultura popular.

O Grupo que serve de estudo e análise, nesta dissertação, permite-me uma amostra, com intervenientes no intuito de identificar as principais motivações para a sua participação no Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha, como responsáveis, participantes e/ou colaboradores, ou como público. Por outro lado, pretendo avaliar se os participantes envolvidos estão conscientes que a sua participação promove e valoriza manifestações do património cultural madeirense.

É imprescindível resgatar e reavivar as muitas e riquíssimas singularidades culturais e identitárias locais, antes que se apaguem das memórias, como é o caso do folclore que serviu de propósito a este estudo. A cultura popular possui características singulares e peculiares, na maioria das vezes, transmitidas por via oral, enquanto tivermos testemunhas ainda vivas. É preciso transmitir um conjunto de dados teóricos e práticos no presente, para que fiquem para o futuro, tendo por base a implementação de iniciativas, ou dinâmicas culturais e educativas que surjam com o apoio do poder local.

Palavras-chave: Património Cultural; Cultura Popular; Identidade Cultural; Lugar de Memória; Folclore Madeirense.

Abstract

The present dissertation aims to raise interest on the valorization of the Madeiran cultural heritage, specifically on the activity developed by the Folklore Groups, having as research object the Folklore Group of Casa do Povo da Camacha, that made possible, since the early days, a place of memory (Nora, 1993); highlighting its history, the motivation of the answerable, the role they play, in the collection, preservation and transmission of the most significant customs and traditions in the parish of Camacha and in the Autonomous Region of Madeira, as well as, the role that young people are playing in enhancing this cultural heritage nowadays.

As the parish of Camacha is a place marked by a strong popular tradition, I intend to understand how the Camacha Folklore Group intervenes in the local community, its influence, with those responsible for it, participants and the public that follows it, as well as, knowing the motivations that are implicit, regarding the collection, preservation and valorization of madeiran folklore.

The Folklore Group of Casa do Povo da Camacha assumes its activity far beyond the simple presentation of a set of traditional madeiran songs and dances. Its work begins with careful collection, preservation and dissemination of the customs and traditions of the people of the Parish of Camacha, as well as of the Madeira island, where the profane and the sacred have coexisted, since the beginning until today, in a rich and harmonious way.

Since its origins, the Folklore Group of Casa do Povo da Camacha, participates and holds cultural and festive events of a popular and / or religious nature, highly sought after by the population and by tourism, which makes it possible to develop the local economy, which has contributed to a reinforcement and knowledge of the local identity. Madeirans or foreigners seek to get involved and participate more in events of a popular nature and religious scope; locals are grateful and are particularly proud of their customs and traditions, enabling a healthy sharing of popular culture.

The Group that serves as study and analysis in this thesis, grants me a sample, with actors that allows me to identify the main motivations for their participation in the Folklore Group of Casa do Povo da Camacha, as answerables, participants and / or collaborators, or as an audience. On the other hand, I intend to assess whether the participants involved are aware that their participation promotes and values demonstrations of madeiran cultural heritage.

It is essential to rescue and revive the many and very rich cultural singularities and local identity, before they are erased from the memories, as is the case of the folklore that served the purpose of this study. Popular culture has unique and peculiar characteristics, many times, orally transmitted, as long as we have witnesses still alive. It is necessary to pass on a set of theoretical and practical data in the present, so that they remain for the future, based on the implementation of initiatives, or cultural and educational dynamics that arise with the support of local authorities.

Key words: Cultural heritage; Folklore; Local Cultural Identity; Place of Memory; Madeiran folklore.

Agradecimentos

A conclusão desta dissertação só foi possível graças ao apoio e ao contributo de um conjunto alargado de pessoas que me ajudaram na concretização desta investigação, por isso quero manifestar a enorme gratidão a todas as pessoas que me apoiaram nesta caminhada e peço desculpa por não mencionar todos e cada um pelo seu nome.

Expresso os meus mais sinceros agradecimentos aos meus orientadores, Professor Doutor Carlos Almeida e Professora Doutora Manuela Cachadinha, pela orientação ao longo de todo o percurso, pelas sugestões e acompanhamento que me ajudaram a clarificar o caminho a seguir, pela disponibilidade e palavras de incentivo que foram fundamentais para chegar ao fim desta caminhada.

Dirijo um agradecimento muito especial ao Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha, na pessoa do seu diretor, o senhor Avelino Sousa pela sua disponibilidade, num período alargado e muito difícil para todos, que, de uma forma, ou de outra, viram as vidas e as suas atividades em suspenso, consequência da pandemia que assolou o mundo. Obrigado por facultar-me todos os elementos que lhes solicitei e pelas agradáveis e muito ricas palavras que escreveu sobre o folclore, da freguesia da Camacha e da nossa Madeira em geral. Um profundo agradecimento aos elementos do grupo pela disponibilidade para responderem aos questionários, pela partilha das experiências e vivências no seio do vosso grupo, em prol da preservação da nossa identidade enquanto madeirenses e, também no vosso caso específico, da vossa identidade enquanto camachenses. Obrigado aos meus colegas do Curso de Mestrado de Educação Artística, pelos bons momentos de convívio, pela interajuda nos períodos mais aflitivos. Um obrigado especial a minha colega de Curso e também amiga Raquel, sempre disponível em ajudar, sempre com uma palavra de incentivo do outro lado da linha. Obrigado ao meu colega e amigo, Hugo Cruchinho, pela camaradagem, o teu apoio, pelas conversas noite dentro, ouvindo o *velhote*, como simpaticamente gostas de me tratar (vai-se lá saber o porquê!). Um obrigado aos meus colegas da Escola EB1/PE da Achada, no Funchal, a diretora Fábria Carina, por todo o apoio e incentivo. Não posso, igualmente, deixar de agradecer ao pároco da Paróquia de Santa Cecília, Pe. Paulo Sérgio, pela disponibilidade no empréstimo de alguns artigos religiosos. Um obrigado as minhas irmãs, por estarem sempre presentes. E porque este trabalho é o resultado do contributo de muitas mais pessoas, um grande bem-haja a todos.

Siglas e Abreviaturas

AFERAM – Associação de Folclore e Etnografia da Região Autónoma da Madeira.

DSEA – Direção de Serviços de Educação Artística.

GCEA – Gabinete Coordenador de Educação Artística.

GFCPC – Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha.

RAM – Região Autónoma da Madeira.

SER – Secretaria Regional de Educação.

TEF – Teatro Experimental do Funchal.

ÍNDICE

| | |
|---------------------------------------|-----------|
| Resumo..... | 2 |
| Abstract | 3 |
| Agradecimentos..... | 4 |
| Siglas e Abreviaturas..... | 5 |
| | |
| Capítulo I | 12 |
| 1. Introdução | 13 |
| 1.1 Contexto da Investigação | 14 |
| 1.2 Pertinência do Estudo..... | 16 |
| 1.3 Declaração do problema..... | 17 |
| 1.4 Questões da Investigação | 18 |
| 1.5 Finalidades da Investigação | 19 |
| 1.6 Questões Éticas | 19 |
| 1.7 O papel do investigador..... | 19 |
| 1.8 Plano Geral do Estudo..... | 20 |
| Sumário | 22 |
| | |
| Capítulo II..... | 23 |
| 2. Enquadramento teórico | 24 |
| 2.1 Conceitos..... | 26 |
| 2.1.1 Património cultural..... | 26 |
| 2.1.2 Cultura Popular | 28 |
| 2.1.3 Identidade cultural..... | 30 |
| 2.1.4 Lugar de memória | 32 |
| 2.1.5 Folclore madeirense | 33 |
| Sumário | 37 |
| | |
| Capítulo III | 38 |

| | | |
|-------------------------|--|-----------|
| 3. | Desenho Metodológico | 39 |
| 3.1 | Estudo de caso..... | 40 |
| 3.2 | Método Etnográfico..... | 41 |
| 3.3 | . Amostra | 42 |
| 3.4 | Procedimentos, instrumentos e análise de dados..... | 43 |
| 3.5 | Observação participante | 44 |
| 3.6 | Análise documental | 44 |
| 3.7 | Entrevista etnográfica..... | 45 |
| 3.8 | Plano de Ação | 46 |
| 3.9 | Questões éticas | 47 |
| | Sumário | 49 |
| Capítulo IV..... | | 50 |
| 4. | O Arquipélago da Madeira..... | 51 |
| 4.1 | A Freguesia da Camacha..... | 54 |
| 4.2 | . O Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha. | 56 |
| 4.3 | Recolhas | 60 |
| 4.3.1 | A indumentária: o traje..... | 60 |
| 4.3.2 | Os instrumentos musicais da tradição popular madeirense..... | 63 |
| 4.3.3 | Os instrumentos musicais utilizados pelo GFCPC..... | 63 |
| 4.3.4 | Os cordofones utilizados pelo GFCPC, referência da tradição popular madeirense... 66 | |
| 4.3.5 | Reportório Musical Tradicional | 67 |
| 4.4 | Quadros etnográficos: tradições, usos e costumes | 71 |
| 4.4.1 | Festividade: O Natal..... | 71 |
| 4.4.2 | Os “Jogos Tradicionais da Quaresma” | 72 |
| 4.4.3 | Festividade: O Espírito Santo..... | 74 |
| | Sumário: | 75 |
| Capítulo V | | 76 |
| 5. | Apresentação e Discussão dos resultados | 77 |
| 5.1 | Relação com o GFCPC | 77 |

| | | |
|---------------------------|---|------------|
| 5.2 | Motivação para pertencer ao GFCPC..... | 77 |
| 5.3 | Apresentação dos resultados da análise de conteúdos das entrevistas | 78 |
| 5.4 | Discussão dos resultados | 84 |
| Capítulo VI..... | | 91 |
| 6. | Conclusões | 92 |
| | Reflexão pessoal final | 103 |
| Bibliografia | | 108 |
| ANEXOS | | 114 |
| | Anexo 1 – Guião da entrevista/questionário. | 115 |
| | Anexo 2 – Recorte de jornal (Jornal da Madeira-11 de novembro de 2020): “Emigrante madeirense comemora 100º aniversário..... | 117 |
| | Anexo 3 – Recorte de jornal (Jornal da Madeira-11 de novembro de 2020): “Fundador do Grupo de Folclore da Camacha celebra 100 anos na Cidade do cabo..... | 118 |
| | Anexo 4 – Recorte de jornal: Há dezoito anos o folclore madeirense ficava mais pobre com a morte de Maria Ascensão..... | 119 |
| | Anexo 5 – Recorte de jornal: “Missão cumprida” para Maria Ascensão..... | 120 |
| | Anexo 6 - Recorte de Jornal (Diário de Notícias - 14 de maio de 2021): Casa-museu Maria Ascensão..... | 121 |
| | Anexo 7 - Recorte de Jornal (Diário de Notícias - 14 de maio de 2021): Casa-museu Maria Ascensão 2 | 122 |
| | Anexo 8 - Recorte de jornal (Jornal da Madeira - 02 de abril de 2021): Instrumentos Tradicionais nascem das mãos de jovem de 15 anos | 123 |
| | Anexo 9 - Recorte de jornal (Jornal da Madeira - 21 de abril de 2021): "aCorde" | 124 |

Lista de Figuras

Figura 1 – Mapa do Arquipélago da Região Autónoma da Madeira.

Figura 2 – Mapa do Concelho de Santa Cruz e freguesias constituintes.

Figura 3 – Mapa da localização do Concelho de Santa Cruz na Ilha da Madeira.

Figura 4 – Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha no ano de estreia em 1949.

Figura 5 – Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha na atualidade.

Figura 6 – Indumentária/traje: da mulher e do homem, utilizado pelo GFCPC.

Figura 7 – GFCPC: o traje masculino de seriguilha.

Figura 8 – Instrumento de canto: a harmónica.

Figura 9 – Instrumento de canto: o violino.

Figura 10 – Instrumento de canto: a flauta transversal.

Figura 11 – Instrumento de percussão: o bombo.

Figura 12 – Instrumento de percussão: a árvore de castanholas, ou brinquinho.

Figura 13 – Instrumento de percussão: os ferrinhos, ou triângulo.

Figura 14 – Instrumento de corda: a viola francesa.

Figura 15 – Instrumento de corda: o braguinha, ou machete.

Figura 16 – Instrumento de corda: o rajão.

Figura 17 – Instrumento de corda: a viola de arame.

Figura 18 – O braguinha, ou machete madeirense.

Figura 19 – O rajão madeirense.

Figura 20 – A viola de arame madeirense.

Figura 21 – O Presépio tradicional madeirense de escadinha.

Figura 22 – Os jogos tradicionais da Quaresma: o jogo do pião.

Figura 23 – Festa do Espírito Santo: procissão do pão.

Figura 24 – Cartaz oficial de apresentação da VIII Gala de Folclore Maria Ascensão.

Figura 25 – Grupo de Cordofones (avançado) da Escola Básica com Pré-Escolar da Achada (Funchal): apresentação no espetáculo comemorativo do Dia da Região, 1, de julho de 2009.

Figura 26 – Grupo de Cordofones (iniciação e avançado) da Escola Básica com Pré-Escolar da Achada (Funchal): número de abertura do Festival da Canção Infantil 2019.

Figura 27 – Grupo de dança da Escola Básica com Pré-Escolar da Achada (Funchal): número referente ao concurso: “Eu represento a minha história”, apresentado nas comemorações do Dia da Criança em 1 de junho de 2019.



Fotografia de Georgina Abreu
Fonte: Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha



Capítulo I

1. Introdução

O presente trabalho, *O Folclore Regional, Peculiares Memórias: Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha, 1948-2021*, é um estudo de caso que tem como objeto o Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha, do Concelho de Santa Cruz, da Região Autónoma da Madeira.

O Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha assume-se muito para além da simples apresentação de um conjunto de cantigas e danças de âmbito tradicional madeirense. O seu campo de atuação começa na recolha, passando pela preservação e divulgação dos costumes e tradições das gentes da terra da Freguesia da Camacha, onde o profano e o sagrado convivem, desde há muito tempo, até aos dias de hoje, de uma forma harmoniosa e rica.

Foi nos finais dos anos quarenta que surgiram de um modo, mais ou menos organizados, alguns grupos de Folclore na Região, a partir da necessidade de introduzir animações tradicionais nas festividades anuais, como a Festa das Vindimas, o Natal, o Fim de Ano, ou para serem incluídos na visita de figuras importantes à Região, nomeadamente, políticas. Na Camacha começam também a surgir alguns grupos, destacando o Grupo de Folclore da Camacha, que veio posteriormente integra-se na Casa do Povo com o mesmo nome: Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha (GFCPC), sob a orientação de António Martins Júnior, figura muito querida e conhecida da altura. Contudo, este Grupo não teve continuidade e, em finais do ano de mil novecentos e quarenta e oito, o então Presidente da Assembleia da Casa do Povo da Camacha, Alfredo Ferreira de Nóbrega, propõe a formação de um grupo de Folclore, tendo como propósito representar a Região no Concurso Internacional de Danças Populares, em Madrid (Espanha).

A partir desse período, homens e as mulheres que passaram pelo Grupo, permitindo que permanecesse ininterruptamente em atividade, conferindo-lhe uma longevidade temporal de setenta e três anos, que se traduz numa dimensão histórica extraordinária, o que lhe permitiu a convivência com alterações da sociedade madeirense, em todas as suas dimensões, conferindo-lhe hoje o estatuto como o mais antigo Grupo de Folclore da Região Autónoma da Madeira, e, portanto, num exemplo de excelência para um estudo de caso, no âmbito do Folclore Regional.

É meu objetivo com o presente estudo perceber como se construiu e viabilizou no tempo, imensamente alargado, este *lugar de memória* (Nora, 1993), identificando os fatores que permitiram o contínuo funcionamento da sua atividade, assim como, identificar os principais atores e impulsionadores internos do Grupo e os agentes, políticos e culturais, da freguesia onde se insere. Procurarei, igualmente, conhecer as motivações que levam à adesão dos mais novos ao Grupo, que são manifestamente o garante da continuidade deste legado, assim como, conhecer a garrida persistência dos mais velhos em manterem vivo e “genuíno”, o património tradicional, procurando manifestamente a autenticidade na recolha, na preservação e divulgação do folclore, deixado pelos seus antepassados, um tesouro inesgotável de memórias, valores e saberes, a identidade do povo.

Deste modo, importa entender como se concretizou a materialização do passado, de modo que não se perdessem referências identitárias, porque sabemos que as sociedades se transformam ao longo do tempo e um grupo folclórico não se consegue isolar da sociedade e das suas inevitáveis transformações. Neste contexto, a construção de um *lugar de memória* resultará sempre da capacidade que o Grupo teve em reajustar-se às transformações da sociedade, ou seja, na capacidade em construir o seu espaço de representação, tendo em linha de conta a “autenticidade” e o “genuíno”. Neste processo de materialização percebemos que interagem diferentes agentes, que adotam referências mistas, do passado e do presente, cujo resultado final resulta *num tempo fora do seu tempo*.

É inquestionável que os grupos de folclore, entre outras funções, promovem a identidade, a memória local, numa sociedade que se tornou, e cada vez mais, globalizada, o que acarreta novos desafios, mais concretamente, no campo da representatividade, pelo que se distinguem, uns dos outros, pela capacidade com que conseguem, com maior ou menor grau, a referida autenticidade.

1.1 Contexto da Investigação

Este trabalho de investigação decorre na freguesia da Camacha, concelho de Santa Cruz, na Ilha da Madeira, com a colaboração do Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha, fundado no ano de 1948, com a missão de recolher, preservar e divulgar a cultura popular da Região Autónoma da Madeira. Pretendo identificar as motivações, os

acontecimentos que estiveram na formação do Grupo, conhecer o percurso, a atividade desenvolvida, o trabalho de recolha, de preservação e de divulgação do folclore, até aos dias de hoje.

Para realizar o estudo, tendo como referência, o Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha, o contato com um elemento da direção da Junta de freguesia da Camacha, o senhor Justino Rodrigues, foi crucial, uma vez que conhecendo muito bem o Grupo, o seu diretor artístico, o senhor Avelino Sousa, acompanhando, também ele, toda a atividade cultural que anualmente agrupamento promove, permitiu que, sem constrangimentos, eu realizasse facilmente uma primeira abordagem. Foi, sem sombra para dúvidas, um facilitador em todo o processo, colocando-se disponível para ajudar-me, numa fase em si difícil, em consequência do confinamento causado pela pandemia. De salientar que, não só me colocou em contato com o responsável e os restantes elementos do Grupo, como também fez um “retrato” da situação atual do folclore na freguesia da Camacha, que, nas suas palavras, continua “forte e presente”, vincando, deste modo, o sentir do pulsar da cultura popular, a genuína identidade local, das gentes daquela freguesia.

O trabalho de campo não foi o desejado, não apenas porque vi-me impedido de deslocar-me até à freguesia da Camacha para o efeito, em virtude das restrições impostas para deslocações, com o propósito de poder participar nas reuniões e nos encontros (ensaios, apresentações), como porque, e também, o Grupo ficou impedido de realizar as suas atividades semanais, isto em virtude da situação pandémica, que já anteriormente referi.

Os testemunhos recolhidos, através da direção do Grupo, como dos seus elementos participantes, resultaram do questionário que elaborei, primeiramente, com o objetivo de realizar entrevistas presenciais. Acordei com o senhor Avelino Sousa, diretor artístico, de enviar o questionário, via email, para a direção do Grupo, que se encarregou, posteriormente, de fazê-lo chegar aos seus elementos participantes (tocadores/as, bailadores/as e cantadores/as).

Recolhi, deste modo, os testemunhos de participantes com mais idade, de alguns jovens, de elementos da atual direção do Grupo, nomeadamente o senhor Avelino Sousa.

O Senhor Justino Rodrigues, o senhor Avelino Sousa, fizeram-me, igualmente, chegar artigos relacionados com a atividade do Grupo, assim como, com as festividades locais, da freguesia da Camacha, e o folclore madeirense em geral. Igualmente, recorri à Associação Musical e Cultural Xarabanda, através da pessoa do professor Rui Camacho, presidente desta associação, que me facultou algumas revistas da mesma, tal como, alguns livros e artigos, relacionados com a temática do folclore madeirense.

1.2 Pertinência do Estudo

No artigo “A Arte de Recolher” (1995), publicado na *Revista Folclore* (Associação de Folclore e Etnografia da Região Autónoma da Madeira), Gonçalves (1995) refere

Para conhecermos e, se possível, estudarmos as transformações ocorridas nos usos e costumes de um povo é necessário, antes de mais, observar a realidade de forma precisa e sistemática (...) Esta atitude implica um trabalho de campo, todo ele frutuoso e, sem dúvida, dos momentos mais aliciantes num trabalho de investigação (p.18).

Santos (1991) escreve no seu artigo intitulado “*Folclore: estudo do passado, orgulho do presente, e perspectiva do futuro*”, publicado na *Revista Folclore*, da Associação de Folclore e Etnografia, da Região Autónoma da Madeira:

O folclore exige estudo e carinho para não correr o risco de cair em exibições descaracterizadas e sem espontaneidade. Quando não há respeito pelo tempo e espaço e o folclore resulta de elementos estranhos e alheios, deixa de ser folclore. (p.11).

Ao analisar um grupo folclórico, para além da sua dimensão histórica nas suas interações com a dimensão social, política e cultural onde se insere há, também, a preocupação com a “pureza”, a “autenticidade” e o “genuíno” com que o grupo constrói o seu espaço de representação (Martins, 2014, p. 14). Lopes Graça (1906-1994) a esse propósito chama a atenção para o seguinte:

(...) o folclore que sai do seu âmbito próprio, que são os campos e as aldeias, e exorbita das suas funções próprias, que são as de exprimir a vida e os trabalhos do homem rústico, esse folclore assim posto em evidência e assim utilizado deixa precisamente de ser folclore para se transformar em divertimento banal ou servir de mero cartaz turístico (In Vozes do Povo, p.19-20).

Deste modo, parece justificável perceber de que forma é feita a preservação ao longo do tempo, uma vez que o receio da perda de referências identitárias, consequência das sucessivas e constantes transformações da sociedade, apela à materialização do passado

como forma de impedir o seu esquecimento e desaparecimento. Estes e outros folcloristas previamente mencionados defendem esta mesma ideia de “genuíno”, “autenticidade”, e que representa uma preocupação na defesa da preservação dos usos, costumes e tradições.

Só assim se compreende a exigência de uma pesquisa contínua, quer na história, quer na vida, de modo a uma descoberta dos traços que ligam factos atuais aos históricos, transmitidos de geração em geração.

1.3 Declaração do problema

Vários e importantes desafios se colocam e carecem de clarificação, nomeadamente: onde nos situamos hoje no campo da investigação do folclore madeirense; qual a exigência e o rigor que “colocamos” na investigação do património cultural e concretamente no folclore da nossa Região; quem são hoje aqueles que assumem o verdadeiro papel na investigação, divulgação e preservação do folclore; como é feita e com base em que critérios é feita a investigação nos nosso tempo e se faz a preservação e divulgação do folclore para lá dos grupos folclóricos.

Os grupos folclóricos, enquanto manifestação cultural, conseguiram alcançar a visibilidade até aos dias de hoje, traduzida numa implementação de tal ordem que a *“multiplicação de agrupamentos dedicados à exibição folclórica ganha expressão na sociedade, ganhando dimensão de movimento social”* (Freitas-Branco, 2010, p.21). Nestes agrupamentos, a memória encontrou um lugar onde manifestar-se tanto na sua forma material, como imaterial. No primeiro caso, através do traje; no segundo caso, encontramos-la nas suas danças e cantares e outras tradições (como os jogos tradicionais) que recuperam. Estes testemunhos de memória encontram a sua funcionalidade no âmbito da denominada folclorização (Melo, 2001), em que

a lógica de organização anulava a espontaneidade e informalidade tradicionais e em que a (...) lógica da competição, sobretudo via concursos, cortejos e festivais nos permite aferir que (...) o grosso das festividades encontravam-se desintegradas de um contexto festivo tradicional rigoroso, fosse dos calendários agrícola, religioso ou outro (Melo, 2001, pp.187, 188).

O distanciamento existente entre a realidade efetiva e atual e a realidade retratada através dos grupos folclóricos confere a estes lugares de memória a forma como a

sociedade se vê, se projeta e se idealiza. O programa disciplinar da Federação do Folclore Português exige aos agrupamentos que adotem um trabalho que não se resuma à exibição de danças e cantares. Como escreve um dos dirigentes daquele organismo, José Maria Marques (1979)

Só aceito a existência de um grupo quando atrás dele, e implantado ao nível da terra ou região a que pertença, possa ficar a sua verdadeira autenticidade representada pelo repositório da total recolha de tudo aquilo que possa ter constituído motivo do seu Folclore, Etnografia e Artesanato [...] Em suma, uma obra folclórica-etnográfica vai mais além do simples grupo habitualmente visto em cima de um estrado (Marques, 1979: p. 9).

A esse mesmo respeito, Leite de Vasconcelos (2001) argumenta:

“Acudamos a tudo, enquanto é tempo! De ano para ano extinguem-se ou transformam-se muitas cousas e surgem outras de novo em vez delas. Com a implantação da República em Portugal acabou o beija-mão no Paço, o traje da corte, o fardamento dos archeiros. Não é preciso ser muito velho para notar grandes mudanças etnográficas sucedidas numa terra: quem vivendo hoje houvesse nascido nos meados do século XIX, lidou com cruzados, patacos e peças, viu a liteira, ouviu a sanfona – e nada disto existe hoje! Os romances ou xácaras, como é sabido, vão a desaparecer na tradição... empenhemo-nos por isso na investigação das tradições populares...”.

Esta citação do autor é uma clara defesa da preservação dos usos, costumes e tradições do país, uma crítica às mudanças etnográficas, infligidas em prol da modernidade e que vêm descaracterizar as tradições populares do passado, permitindo que se percam da memória presente, enquanto identidade local.

1.4 Questões da Investigação

- ◁ Quais as dinâmicas implementadas pelo Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha (GFCPC) na (re) construção da sua identidade, desde a sua formação até aos dias de hoje?
- ◁ Quais os princípios reguladores adotados pelo GFCPC na construção de um *lugar de memória*, representativo da identidade cultural local e regional.
- ◁ Como se enquadram as atividades do GFCPC nas políticas culturais locais?

1.5 Finalidades da Investigação

- ◁ Conhecer a história do GFCPC, desde a sua fundação até aos dias hoje.
- ◁ Perceber de que modo o GFCPC se manifesta enquanto um *lugar de memória*.
- ◁ Perceber como diferentes gerações se identificam no GFCPC.
- ◁ Conhecer os procedimentos, técnicas utilizadas, no âmbito das recolhas etnográficas.
- ◁ Diagnosticar eventuais constrangimentos nas recolhas etnográficas.
- ◁ Conhecer os procedimentos no âmbito da preservação e divulgação do folclore.
- ◁ Identificar o papel do GFCPC Camacha enquanto referência identitária e transformadora da comunidade local.
- ◁ Averiguar o contributo do GFCPC nas políticas culturais locais e regionais.

1.6 Questões Éticas

Nesta investigação levantam-se algumas questões do campo da ética, nomeadamente:

- ◁ A escolha do grupo folclórico, o porquê a escolha recair sobre o GFCPC e não num outro Grupo da Região.
- ◁ O dever de informar: Antes de realizar o estudo junto do Grupo folclórico, todos os elementos que compõem o agrupamento deverão ser informados do trabalho de investigação que será realizado.
- ◁ O dever de solicitar o consentimento junto dos responsáveis/direção do Grupo em questão e das entidades locais, nomeadamente, a Casa do Povo da Camacha.

1.7 O papel do investigador

A investigação carece sempre de um plano de trabalho, que deverá estar devidamente autorizado pelos intervenientes (indivíduos, instituições ou associações), após esclarecido o intuito do trabalho de investigação. Qualquer participante tem acesso aos dados e resultados resultantes da investigação. O investigador é fiel aos objetivos do seu

estudo, transparente e esclarecedor. Por isso, respeita a privacidade, confidencialidade, a segurança e proteção de dados de todos os intervenientes, a quem é solicitada a assinatura de um termo de consentimento.

1.8 Plano Geral do Estudo

Seis capítulos constituem esta investigação. O primeiro capítulo, ocupa-se e contextualiza a investigação, refere a pertinência do estudo, apresenta a declaração do problema, as finalidades e objetivos, o papel do investigador e as questões da investigação.

O segundo capítulo trata da revisão da literatura, considerada relevante para o contexto deste estudo, define os conceitos: património cultural, cultura popular, identidade cultural, lugar de memória e folclore madeirense.

O capítulo terceiro apresenta a metodologia selecionada, o desenho geral de toda a investigação, o contexto do estudo e a amostra. Foca, igualmente, as vantagens e desvantagens do método qualitativo, os instrumentos e o método escolhidos para a recolha de dados. O capítulo finaliza, expondo os procedimentos e as questões éticas.

Relativamente ao quarto capítulo, ele é dedicado a uma breve abordagem histórica e caracterização do Arquipélago da Madeira, assim como, da freguesia da Camacha (Concelho de Santa Cruz), de onde é proveniente o objeto de estudo nesta investigação. De seguida, faz-se uma viagem temporal/histórica do Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha, identificando o trabalho de recolha, preservação e divulgação do património cultural, no âmbito da indumentária/traje, dos instrumentos musicais tradicionais madeirenses, onde se destacam os cordofones tradicionais madeirenses, do repertório musical tradicional (os cantares e as danças tradicionais). O capítulo termina com uma breve alusão às tradições, usos e costumes, os quadros etnográficos, onde se destacam: os jogos tradicionais e as festividades de maior projeção na freguesia e em toda a Ilha da Madeira, como são as festividades do Natal e do Espírito Santo.

A análise e discussão de dados recolhidos, estão em evidência no quinto capítulo, com a realização das entrevistas aos participantes da amostra, às quais se faz um estudo com base em categorias e subcategorias, que nos permite uma análise de conteúdo mais detalhada.

No sexto e último capítulo, sintetizam-se as conclusões. As ideias finais têm em conta as finalidades e as questões-chave, deixando no final algumas considerações consideradas pertinentes, os constrangimentos e as implicações, e levantadas algumas recomendações futuras. Por fim, são apresentadas as referências bibliográficas mencionadas ao longo do trabalho de investigação, assim como, os anexos considerados pertinentes para uma melhor compreensão desta investigação.

Sumário

O primeiro capítulo é dedicado aos aspetos relacionados com a justificação da escolha do tema, a pertinência do estudo e o problema da investigação. Igualmente, estão delineadas as finalidades e objetivos, as questões da investigação que se pretende desenvolver e ver respondidas no final do estudo, descreve-se o problema desta investigação, no contexto da comunidade local na Região Autónoma da Madeira (RAM). As comunidades têm a sua identidade específica, têm manifestações que incluem rituais profanos, com um fundo de religiosidade popular. Procura-se entender como os indivíduos de faixas etárias diversificadas veem a atividade do folclore, mais concretamente, no Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha e, se existe algum elo de ligação com as questões-chave como justificação deste estudo.

O capítulo termina com a apresentação do Plano Geral do Estudo, que descreve toda a estrutura da investigação nos seus seis capítulos.



Capítulo II

2. Enquadramento teórico

Este estudo propõe uma temática a qual tenho um particular interesse. A primeira abordagem aconteceu no primeiro semestre, do Mestrado em Educação Artística, na unidade curricular de Sociologia e Antropologia da Cultura, onde nos foi solicitado um trabalho de investigação, com o objetivo de mobilizar os conhecimentos no campo da Antropologia e Sociologia, nomeadamente conceitos e abordagens teóricas, focado no campo da cultura, privilegiando as expressões artísticas. Como resultado, desenvolvi uma investigação centrada no *Património Musical Madeirense*.

O receio presente da perda das nossas referências identitárias, consequência das visíveis transformações na sociedade, cada vez mais galopante, apela, não apenas, a uma reflexão e consciencialização do problema, como a concretização de ações concretas, com vista à materialização do passado, de modo a impedir o seu esquecimento e desaparecimento.

Pretendi, sobretudo, compreender o que se tem feito na Região Autónoma da Madeira (RAM) em prol da investigação, preservação, e promoção do património tradicional e musical da Região, quem são os agentes de promoção local, impulsionadores desse importante trabalho, qual o contributo que impulsionam na salvaguarda do folclore da nossa Ilha.

O Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha (GCPC), freguesia da Camacha (Santa Cruz-Ilha da Madeira) representa um desses importantes agentes, centrando o seu trabalho na procura da identidade popular, tão enraizada no povo madeirense, através das suas tradições, das suas músicas, danças e cantares. Este estudo procura conhecer e analisar como o Grupo tem defendido e valorizado o património cultural local /regional, através do seu trabalho de recolha, preservação e divulgação do folclore madeirense.

Enquanto madeirense e professor das Áreas Artísticas de Expressão Musical e Dramática, na ilha da Madeira, sinto a responsabilidade e uma particular preocupação em inculcar aos meus alunos, crianças dos seis aos nove/dez anos (1º ciclo do Ensino Básico), o gosto em conhecerem, através da vivência, da experimentação e criação, o nosso património tradicional, o saber popular, as tradições e os costumes, em suma, o nosso folclore. É o folclore que nos define enquanto povo, com uma identidade própria, que é só nossa.

Nas sábias palavras do cardeal, poeta e teólogo português, José Tolentino Mendonça (1965), natural da ilha da Madeira, atualmente Arquivista do Arquivo Apostólico do Vaticano e Bibliotecário da Biblioteca Apostólica Vaticana, na Cúria Romana, proferidas numa conferência intitulada: Arte, Mediação e Símbolo: o sentido que vem”, no dia quatro de abril de dois mil e dezoito: “A arte antes era a eternidade. Hoje é um fósforo aceso sobre o instante”.

E quão importante representa promover junto dos mais novos a nossa música tradicional, os nossos cordofones (instrumentos tradicionais de cordas), as nossas tradições mais genuínas, o verdadeiro “retrato” vivo da nossa identidade. Porque o presente faz-se procurando raízes no passado, trilhando caminhos para o futuro, o que se espera das nossas crianças, adolescentes e jovens é que sejam, também eles, verdadeiros “embaixadores” na genuína preservação e divulgação do património musical da nossa Região.

A responsabilidade que sinto, enquanto educador, permite-me uma maior motivação, que evolui e faz aumentar a minha curiosidade, de modo a compreender mais e melhor, para que também melhor eu possa transmitir aos meus alunos, na minha atividade/prática letiva.

Há, igualmente, um manifesto interesse e motivação crescente, à medida que o estudo avança, e a satisfação pessoal é, sem dúvida alguma, grande no momento da partilha, mesmo considerando todas as restrições resultantes da pandemia, que, em muito, restringiu o meu trabalho. Contactar com pessoas simples, ainda que telefonicamente, por email, voluntários, que demonstram uma paixão enorme em manter “presente o passado”, salvaguardando, deste modo, continuidade no para o futuro.

O folclore envolve atividades artísticas diversificadas, nomeadamente, a música (os instrumentos musicais tradicionais e os cantares), a dança, os costumes, as tradições, por isso, a conveniência deste estudo para conhecer e compreender, perante um olhar etnográfico, o que representa na comunidade local e, também, no âmbito regional.

Neste âmbito, é inegável a importância que têm as associações culturais e musicais, os grupos de música tradicional, as bandas municipais e, obviamente, os grupos folclóricos. Recordo-me de uma conversa informal com o professor Rui Camacho, homem “apaixonado”, dedicado e preocupado com o nosso folclore, nomeadamente, no

que se refere aos cordofones tradicionais madeirenses, presidente da Associação Musical e Cultural Xarabanda, em que refere que a salvaguarda do nosso património tradicional é o principal objetivo que deverão assumir, todos aqueles que verdadeiramente se preocupam com estas questões relativas ao nosso património, defendendo deste modo, que o registo e divulgação é a única forma de não se perder a tradição.

O GFCPC não é, portanto, exemplo único, no entanto, é uma inegável referência, não apenas pela longevidade, como, sobretudo, pelo trabalho de excelência que desenvolve, na freguesia da Camacha e no panorama Regional, na recolha, preservação e divulgação do nosso folclore.

2.1 Conceitos

2.1.1 Património cultural

Numa visão jurídica, o património define todos os recursos que se herdam, bens mobiliários e imobiliários, capitais, etc., podendo ter, neste sentido, um âmbito que será tanto privado como público. Em qualquer caso, o objetivo é o de garantir a sobrevivência dos grupos sociais e de interligar gerações (Rodríguez Becerra, 1997). Sob esta perspetiva, tem-se em conta que, de uma geração para outra, o património pode ser acumulado, perdido e transformado.

Esta definição jurídica, acerca do conceito de património cultural, passa, igualmente, a considerar os bens culturais imateriais e a vida social de um grupo/ povo. Deixa-se de valorizar apenas as criações estéticas e idolatradas pelas elites, para se valorizar, de igual modo, o que é “culto” e “popular”. Não menos importante, o património cultural deixa de ser exclusivamente “histórico-artístico” (o que consideramos como herdado e importante preservar), para ser algo na qual o passado é interpretado, a partir do presente e de acordo com critérios de seleção e valoração determinantes em cada época. Isto acontece, numa simbiose de memórias e de esquecimentos, que tentam dar resposta às necessidades sociais do presente e do futuro (Riegl, 1987).

Num artigo publicado no periódico diário: *Açoriano Oriental*, sobre a temática do património - O Património perto de si, a professora da Universidade dos Açores, Susana

Goulart Costa, refere que “Ao contrário do que muitas vezes supomos, o Património Cultural não respeita o passado, mas sim o presente. Com efeito, o processo de identificação, valorização, defesa e divulgação do Património tem a ver com o olhar com que nós, hoje, olhamos o passado” (in *Açoriano Oriental*, 4 de março de 2012.).

O património surge como uma forma de recuperar o passado, “resgatá-lo” para o tempo presente. Llorenç Prats (1997) define como “construção social”, resultante de um legado herdado que é considerado como relevante para a identidade de um determinado povo. Enquanto uma convocação do passado, como afirma Martins (2011), o património tem a função de (re)memorar acontecimentos, daí a sua relação com o conceito de memória social de que fala Llorenç Prats. A memória social legitima a identidade de um grupo, através do património. No seu artigo: *Património Cultural, Memória Social e Identidade: uma abordagem antropológica*, Rodrigues (2012) reforça essa perspetiva ao reportar o pensamento de Choay (1992) quando refere: “O património tem com a identidade inúmeras e variadas relações. Enquanto atributo coletivo, o património é um elemento fundamental na construção da identidade social/cultural e, simultaneamente, é a própria materialização da identidade de um grupo/sociedade”. (Choay, 1992, in L’Allégorie du Patrimoine).

Moura (2002, p.195) refere-se ao património como “todo o registo sistemático que quer os nossos antepassados, quer os nossos contemporâneos deixam para trás que é julgado essencial preservar para as futuras gerações”. Helder Pacheco (1995, p.16), grande estudioso do Património Português, reforça a mesma ideia ao dizer que: ‘o presente contém todo o passado e todo o futuro’ (citado por Moura, idem, p.195). O património não será unicamente resultado de um legado, mas uma escolha seletiva e consciente, herdada por um grupo significativo que se considera socialmente digno de ser legado e, por isso, digno de legar às futuras gerações (Peralta, 2000). Trata-se de um processo simbólico de legitimação social e cultural de determinados objetos que conferem a um determinado grupo um sentimento coletivo de identidade (Peralta, 2000).

Na perspetiva de Rodríguez Becerra (1997), o património cultural é a recuperação do passado a partir de uma perspetiva presente, que visa explicar a mudança dos modos de vida. Neste sentido, o património cultural está integrado por elementos culturais que adquirem um novo valor através de um processo de “patrimonialização”, contudo não é o mesmo que a noção de cultura. Trata-se, por assim dizer, de uma intervenção na

cultura. Os bens patrimoniais representam formas de vida de um determinado grupo no seu tempo.

Há um evidente consenso entre os vários autores, por considerarem o património, não unicamente, como manifestação identitária de um determinado povo, como também, um elemento impulsionador e construtor da identidade (Moura, 2002, p.194). Será, pois, legítimo entender todo o património como uma “ponte” no tempo entre passado e futuro. A materialização do passado pressupõe, segundo Nora (1993), acima de tudo, uma construção onde interagem diferentes agentes que constroem um tempo com referências do passado e do presente. A este tempo misto, ou híbrido, como é também denominado, conhecemo-lo como um lugar de memória (Nora, 1993).

Segundo o Artigo 1.º da Lei n.º 13/85, de 6 de julho, referente à Lei de Bases do Património Cultural publicada em 1985, “o património cultural português é constituído por todos os bens materiais e imateriais que, pelo seu reconhecido valor próprio, devam ser considerados como de interesse relevante para a permanência e identidade da cultura portuguesa através do tempo”. Podemos, então, referir-nos ao património nacional como o “(...) conjunto de bens materiais, morais e de ordem cultural que constituem a riqueza de uma nação. Por sua vez, o património nacional compõe-se de outros patrimónios: património artístico, património religioso, património jurídico, etc.” (Chorão. 1997, p. 145). A Lei de Bases da Política e do Regime de Proteção e Valorização do Património Cultural, publicada no ano de 2001, no Artigo 2.º da Lei n.º 107/2001 refere ainda que “integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devem ser objeto de especial proteção e valorização”. Este conjunto de bens representa um legado de crucial valor e importância que uma comunidade, um povo, recebe das gerações passadas, seus antepassados.

2.1.2 Cultura Popular

O conceito de cultura popular não está claramente esclarecido, quer nas Ciências Sociais e Humanas, quer na linguagem quotidiana. Quando falamos em cultura popular, estamos a falar da cultura do povo, das suas práticas culturais tradicionais desenvolvidas de forma anónima e coletiva, pelas classes sociais mais baixas de uma sociedade. Essas práticas estão relacionadas, quase sempre, às atividades quotidianas, ao trabalho, assim

como, às crenças, e que são apresentadas em contextos de lazer (Certeau, 1980). Mas a cultura popular pode estar também relacionada com a cultura para o povo, ou seja, para a produção cultural feita para chegar a muitos, aquilo que entendemos por cultura de massas, saída das fábricas da indústria cultural. Deste modo, a cultura popular, nos dias de hoje, representa um lugar de conexão e de forças entre a produção cultural massificada para o povo e a ideia de cultura tradicional, representativa de um povo.

A ideia de cultura popular foi amplamente influenciada pelo movimento do Romantismo no século XIX, que a identifica enquanto práticas supostamente genuínas, tradicionais, da cultura rural, do campo, do povo. Com o fenómeno da industrialização as estruturas rurais entram em colapso, as pessoas voltam-se para o meio urbano, com a crescente oferta de trabalho na indústria, e, deste modo, passam a consumir as primeiras formas de cultura massificada.

Alguns estudos revelam que, a *folk culture* foi criada pelas elites letradas e pelo *common people* (Storey, 2003). A cultura popular esteve associada à emergência dos nacionalismos e das culturas nacionais na Europa e representava a alma de uma nação. É neste âmbito que surge à necessidade em resgatar e preservar as práticas culturais, aos arqueólogos, folcloristas, etnólogos, filólogos, musicólogos, etc., cumpre a missão de identificarem o que é a “cultura autêntica” e como, através dela, se expressão a identidade nacional. Assim, essas práticas foram recuperadas dos seus contextos originais, apropriadas e incorporadas pela classe média que, entretanto, foi emergindo na sociedade. Essas práticas resultam na representação do passado das nações, dos povos e do meio rural, contrapondo-se à idade moderna, industrializada, assim como, à cultura das classes operárias.

O próprio conceito de “folclore” é, muitas vezes, entendido como sendo um sinónimo de cultura popular, ou como o seu estudo. Para a sociologia a noção de “folclore” relaciona-se com conceitos como cultura local, identidade local e memória coletiva. Os grupos de folclore, os ranchos, ou agrupamentos, entendemo-los como tratando-se de um grupo de pessoas, com indumentária/trajes tradicionais, instrumentos musicais e artefatos diversos, que transmitem práticas performativas locais, regionais ou nacionais. Esses grupos começaram a surgir em manifestações culturais e em festas, um pouco por toda a ilha da Madeira, através de melodias criadas e textos, das quais se faziam

demonstrações coreográficas, que “relatavam” o ambiente popular vivido nas comunidades.

Para Leal, nos anos 1870 e 1880, a cultura popular é quase exclusivamente representada pela literatura e pelas tradições populares. No que concerne a literatura popular, esta compreende, ainda, três grandes gêneros: o cancionero, o romanceiro e os contos. No que às tradições populares diz respeito, trata-se de uma área mais abrangente onde encontramos as crenças e «superstições», as festas cíclicas, ritos de passagem, etc. (Leal, 2000).

A cultura popular é caracterizada pela representação da identidade cultural de uma comunidade local e procura transmitir valores, experiências, características próprias de uma comunidade. Depende em grande parte do que uma comunidade decide aceitar e procura transmitir. Hoje, encontramos, de um lado, a tradição, do outro lado oposto, a modernidade, dado que as manifestações recebem influências exteriores, mais atuais, de forma mais ou menos consciente (Sarmiento, 2008).

A cultura popular manifesta-se através das festas religiosas, manifestações onde acontece, por um lado, o compromisso do pagamento de promessas, por graças alcançadas, por outro lado, momentos de convívio, propícios ao estreitamento de laços de solidariedade. Por isso, cultura popular e religiosidade popular estão intimamente ligadas, uma influência a outra de forma recíproca. A Igreja Católica refere que a religiosidade popular é uma inculturação, por outras palavras, um enraizamento da religião na cultura local de uma comunidade (Ferretti, 2007). A realização de festas, com tudo o que ela envolve: a música, a dança, a gastronomia, o artesanato, manifesta, o simbolismo e a mentalidade popular, porque tomam parte da vida local, assinalam uma algo que sai da rotina diária habitual da comunidade.

2.1.3 Identidade cultural

A identidade cultural tem sido um assunto amplamente “discutido na teoria social” na pós-modernidade, com a argumentação que as velhas identidades estão em decadência, causando novas identidades dividindo o “indivíduo moderno” encarado “como um sujeito unificado” dando origem a uma “crise de identidade” um processo de mudança que está abalando as estruturas das sociedades contemporâneas (Hall, 1992, p. 7).

De acordo com Fróis (2004), o mundo de hoje é composto por sociedades com características culturais distintas, geralmente ancoradas em "fundamentos religiosos", tão antigos "quanto o processo de formação dessas sociedades. "O homem procura "estabelecer critérios de convivência e de ritualização" com significados "que tornam a sociedade dos homens" num mundo próprio "construído e consolidado na mente das gerações", que contribui para que a cultura espelhe a "expressão e o caráter de um povo." Um processo lento que valoriza a transmissão e preservação das tradições e saberes do povo, uma cultura construída à luz do que é socialmente aceite "e regulada pelo corpo da própria cultura." O sentimento de pertença a uma cultura significa ter uma identidade, perante o outro, e partilhar um grau de igualdade com outros que pertencem a uma mesma cultura (Fróis, 2004, p. 3-4). A identidade cultural é algo que permite a cada indivíduo reunir-se emocionalmente e afetivamente a um país, grupo ou religião ao qual se sente pertencer, ou até mesmo, "reconhecê-lo como estranho", distante "ou incompatível" com a sua própria forma de estar e de ser.

Embora o indivíduo atue como um ser autónomo, quando se apresenta e refere a sua nacionalidade ou origem está a identificar-se com um país, um grupo, etnia ou religião que reconhece instintivamente como seu. Sem um sentimento de identificação a uma pátria, grupo ou religião sentiríamos "um profundo sentimento de perda subjetiva" (Sucruton 1986, p. 156 citado em Hall 1992, p. 48).

A identidade cultural de um país consolida-se com o passar do tempo e vai se fortificando com as marcas trazidas por outras culturas, decorrentes pelas novas tecnologias que facilitam a comunicação e se transformam a cada momento que passa. Embora não seja possível afirmar qual é a identidade cultural própria de um povo, sabemos que ela está em constante transformação. Apesar disso, podemos considerar que, em muitos casos, está relacionada com manifestações culturais que continuam a subsistir reinventando-se. Manifestações de âmbito performativa, como a música e a dança, têm-se constituído num campo de reflexão muito interessante e rico na discussão desta área, nomeadamente, através dos estudos realizados sobre os muitos grupos de música tradicional, grupos etnográficos e folclóricos.

2.1.4 Lugar de memória

Marcadamente historiográfica, *O lugar de memória* é uma abordagem francesa, criado por Pierre Nora e assumido por outros profissionais (historiadores, antropólogos, sociólogos, arquitetos, etc.), refere-se à forma como uma sociedade lê o seu próprio passado construído no presente, considerando que entre o tempo passado e o tempo presente exista um lugar intermédio, onde permanecem referências do passado com significados atribuídos a partir do presente (Nora, 1993).

O lugar de memória, segundo Nora (1993), é um lugar “misto” de negociação entre o tempo passado e o tempo presente. Representa, acima de tudo, um processo de construção, através da interação de diferentes agentes (grupos folclóricos, associações culturais e musicais, grupos de música tradicional portuguesa...) que, deste modo, materializam, através de referências mistas, um tempo intermedio. Trata-se de um conceito onde se fundem dinâmicas de interação de diferentes tempos (passado e presente), que resulta num tempo fora do seu tempo.

O mesmo autor atribui aos lugares de memória três dimensões: material, funcional e simbólica, que permitem “fixar um estado de coisas” que tem como finalidade “bloquear o trabalho de esquecimento”, (Nora, 1993, p. 22), que é o principal propósito dos lugares de memória. A construção e o modo operante de um lugar de memória poderão ser entendidos como a seleção dos meios com que se materializará (dimensão material), implementação de dinâmicas de funcionamento para dar cumprimento ao seu propósito (dimensão funcional), e, principalmente, o porquê de assegurar a manutenção desse lugar (dimensão simbólica).

Os lugares de memória como que solucionam a descontinuidade existente entre o tempo presente e o tempo passado, que surge em consequência das rápidas e constantes transformações das sociedades, pelo que, não são considerados lugares estáticos, pelo contrário, estão predispostos a constante mutação assegurada pelo caráter vivo que a memória possui. Os lugares de memória abrangerão a preocupação de projetarem o futuro, enquanto “espaços criados pelo indivíduo contemporâneo diante da crise dos paradigmas modernos” perante os quais os indivíduos “se identificam, se unificam e se reconhecem agentes de seu tempo” (Arévalo, citado por Francisco das Chagas F. Santiago Júnior, in *Dos Lugares de Memória ao Património: Emergência e Transformação da Problemáticas dos Lugares*. 2015).

2.1.5 Folclore madeirense

O folclore é o que conhecemos enquanto manifestações da cultura popular que acontecem e que formam a identidade social de um povo. O folclore é reproduzido tanto individualmente quanto coletivamente, bem como é transmitido de geração para geração. Ele é, por excelência, o campo que manifesta a cultura popular e não a “alta cultura”, nome pelo qual conhecemos a cultura erudita.

“O Folclore (palavra que tem a sua origem na expressão inglesa Folk-lore) situando-se, inicialmente (séc. XIX) no âmbito do estudo das tradições orais populares, alargou depois o seu campo de estudo integrando-se no âmbito daquilo a que os alemães, desde o princípio do século XIX, designaram por VOLKSKUNDE, ou seja, a cultura do povo.” (Marcel Louiis)

As manifestações folclóricas dão-se basicamente por meio de mitos, contos, música, dança, credices, jogos, brincadeiras, festas populares, entre outros. Esses elementos são conhecidos, dentro das áreas que os estudam, como factos folclóricos. Nas palavras de Tomás Ribas “Deste modo, o que interessa ao Folclore, é o que de primitivo e popular ainda permanece num dado povo ou num dado grupo étnico que vive já segundo padrões sociais evoluídos”. (Tomás Ribas (1918-1999), citado Teresinha Santos, in *Folclore Estudo do passado, orgulho de presente e perspectiva do futuro*. Revista Folclore nº1, julho de 1991).

Ao analisar um grupo folclórico, para além da sua dimensão histórica nas suas interações com a dimensão social, política e cultural onde se insere há, também, a preocupação com a “pureza”, a “autenticidade” e o “genuíno” com que o grupo constrói o seu espaço de representação (Martins, 2014, p. 14). Lopes Graça (1906-1994) a esse propósito chama a atenção para o seguinte:

(...) o folclore que sai do seu âmbito próprio, que são os campos e as aldeias, e exorbita das suas funções próprias, que são as de exprimir a vida e os trabalhos do homem rústico, esse folclore assim posto em evidência e assim utilizado deixa precisamente de ser folclore para se transformar em divertimento banal ou servir de mero cartaz turístico (In Vozes do Povo, p.19-20).

O folclore no Arquipélago da Madeira, suportado por uma identidade e cultura própria, guarda as suas origens no tempo do seu povoamento e colonização. Carlos Santos (1893-1955), Visconde do Porto da Cruz (1890 – 1962) e o P.e Manuel Pita Ferreira (1912-1963) imbuídos do espírito regionalista, dedicaram-se ao património cultural madeirense, deixando um relevante legado para todos aqueles que se preocupam e se dedicam aos estudos das tradições do Arquipélago da Madeira.

De entre estes destaco Carlos Santos (1893-1955), pela sua intervenção multifacetada na recolha, estudo e cuidada análise do folclore, da qual destaco o trabalho performativo de apresentação do folclore, tendo colaborado com vários agrupamentos (a título exemplificativo: o Grupo Carlos Santos (1940-1948) e o Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha, de que foi diretor artístico a partir de 1949, e durante três anos, que é, aliás, o objeto de estudo nesta dissertação), no domínio dos instrumentos musicais tradicionais, do traje, à interpretação, procurando “eternizar” o característico da Ilha da Madeira (Branco, 1989).

Carlos Santos (1893-1955) foi o primeiro a publicar estudos sobre o folclore em livros como *As Trovas e Bailados da Ilha da Madeira* (1944), *A Voz Regional da Madeira* (1952) e *A Voz e a Cultura da Ilha da Madeira* (1955). O autor refere esta tradição como o pilar da construção da história, reconhecendo-lhe, no entanto, refere no livro: *As Trovas e Bailados da Ilha da Madeira* (1944) os constrangimentos no âmbito da investigação do folclore madeirense, referindo-se aos *vilões* extremamente desconfiados que fogem a dar informações acerca do seu modo de viver e dos seus costumes, conservados através dos séculos, tornando difícil a pesquisa etnográfica que os grupos folclóricos deveriam fazer, pois, tal como Castro (1979) alerta: *O componente de um grupo folclórico que quer dar a conhecer os usos e costumes de meios rurais ou piscatórios terá e deverá, por consideração pelas gentes que representa e por respeito a si próprio, ser fiel espelho dos seus ancestrais* (p. 6).

No artigo: *A Construção da Música Tradicional na Madeira: Uma Breve Digressão Histórica*, da autoria de Filipe dos Santos, Secretaria Regional da Cultura, Turismo e Transportes; Centro de Estudos de História do Atlântico – Madeira, publicado na *Revista Portuguesa de Educação Artística* (publicação anual), do ano de 2013, propriedade da extinta Direção de Serviços de Educação Artística e Multimédia (DSEAM), atualmente denominada Direção de Serviços de Educação Artística (DSEA) – Secretaria Regional da Educação (SRE), o autor faz referência a Jorge Costa Freitas Branco, professor catedrático, para dizer que “houve um manifesto intuito dos organismos oficiais em construir e fixar as tradições da Madeira, tendo em vista um aproveitamento por parte da indústria do turismo (Branco, Jorge. *A Geração da Ilha da Madeira: Realidade: Reflexões sobre a Madeira como Experiência Anterior* » i *Atas do Colóquio Internacional de História da Madeira*, vol. I. pág. 272-273).

O mesmo artigo refere que, desde então, surgem em algumas festividades representações de folclore, bailes de camponeses tipicamente trajados. Mas, é a partir dos anos 30 e 40 do séc. XX, que estas representações ganham maior evidência e os grupos de folclore ganham maior projeção regional. Para isso, muito contribuiu a primeira visita dos reis de Portugal ao arquipélago no ano de 1901. Um espetáculo variado foi organizado e realizado a 22 de junho, que culminou com um arraial tipicamente madeirense, ou a visita do presidente da república Óscar Carmona, em 13 de julho de 1938. Um grupo anónimo dançou, no cais do Funchal, o *Baile das Camacheiras*; e os Folcloristas dos Louros protagonizaram bailes e descantes típicos no Casino da Madeira (Fernandes, 1999, pág. 31, citado por Filipe dos Santos).

A acrescentar que, algumas festividades mais “típicas”, como as festas das vindimas, começam a contar com a forte presença dos grupos de folclore, que desfilam, cantam e dançam pelas ruas principais da cidade do Funchal.

Atualmente, existem vários grupos folclóricos na Madeira. Por ordem cronológica de fundação, aqueles que são associados da AFERAM (Associação de Folclore e Etnografia da Região Autónoma da Madeira): Grupo de Romarias Antigas do Rochão (1945); Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha (1948); Grupo de Folclore do Porto Santo (1963); Grupo de Folclore e Etnográfico da Boa Nova (1965); Grupo de Folclore Monteverde (1967); Grupo de Folclore da Casa do Povo do Porto da Cruz (1974); Grupo Folclórico da Casa do Povo de Gaula (1978); Grupo de Folclore da Casa do Povo de Santana (1978); Grupo de Folclore de Ponta do Sol (1981); Grupo de Folclore da Casa do Povo de Santa Cruz (1982); Grupo de Folclore de Machico (1982); Grupo de Folclore do Rochão (1986); Grupo de Folclore da Casa do Povo do Curral das Freiras (1987); Grupo de Folclore de São Martinho (1990); Grupo de Folclore da Casa do Povo do Caniçal (1991).

Destes grupos de folclore evidenciou o Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha, o mais internacional grupo de folclore madeirense, e o Grupo de Folclore e Etnográfico da Boa Nova, que alia a vertente performativa a uma considerável atividade de investigação de temáticas etnográficas e folclorísticas.

Quando falamos sobre o folclore madeirense um nome vem-nos à memória: Max. Maximiano de Sousa, nasceu na Madeira, a 20 de janeiro de 1918 e faleceu em Lisboa, a 29 de maio de 1980. Um dos mais populares e referências da canção popular, mais

tarde do teatro e da televisão portuguesa. A ele se devem os êxitos como "Noites da Madeira", "Bailinho da Madeira", ou "A Mula do Cooperativa".

Já nos anos 70 uma equipa, liderada por António Aragão, desenvolveu um trabalho de recolha de âmbito etnográfico no arquipélago. O resultado consistiu na edição, em 1982, de um trabalho discográfico, intitulado *õCantares e Música da Madeiraö*. No ano de 2012, foram publicadas as recolhas etnográficas – canções, orações e romances – do município de Machico.

Após o estatuto de Região Autónoma, confirmada pela Constituição de 1976 ao Arquipélago da Madeira, outros organismos oficiais continuaram o notável trabalho de« o folclore como valência turística: a Delegação Regional de Turismo, antecessora das Secretarias Regionais que tutelaram esta área; e a Secretaria do Ambiente e Recursos Naturais, por intermédio dos Serviços de Extensão Rural e das Casas do Povo, os quais levaram ao incremento da fundação de vários grupos – alguns já mencionados anteriormente –, em finais dos anos 70 e nos anos 80 (Pinto, 2005-2006: 20).

No início dos anos 80, no tocante à tipologia dos agrupamentos de música tradicional, iniciou-se um outro capítulo, corporizado pel'Os Algozes (1981), depois Associação Musical e Cultural Xarabanda (1988). Esta associação aliou – e alia – a atividade de recolha, no meio rural, e de estudo de canções tradicionais (e de outras dimensões da etnografia e da cultura tradicional da Madeira) com o desempenho musical (no arquipélago e no exterior). Estas atividades foram e são acompanhadas de uma assinalável ação editorial, materializada na Revista Xarabanda (desde 1992), em volumes monográficos e em trabalhos discográficos.

Sumário

O presente capítulo aborda as palavras-chave definidas para o estudo, tendo por base diversas teorias sobre património cultural, cultura popular, identidade cultural, lugar de memória e folclore madeirense.

A revisão de literatura permite a familiarização com as metodologias estudadas no curso de Mestrado em Educação Artística, permitindo superar as dúvidas e inseguranças que tenha sentido. A revisão da bibliografia revela, não apenas, as transformações ocorridas no tempo na cultura popular madeirense, como também, manifesta a necessidade da salvaguarda das tradições do seu povo, e que representa a identidade cultural, que em comunidades mais pequenas, isoladas, ou, mesmo até, em regiões insulares, como é o da Ilha da Madeira, mantêm-se orgulhosamente vivas e presentes até aos dias de hoje.



Capítulo III

3. Desenho Metodológico

A escolha do método para a recolha da informação, está relacionado com as questões de investigação que defini tendo em vista a interpretação dos elementos intervenientes que pretendo pesquisar e analisar, no meio onde estão inseridos, nos seus modos de vida, na dinâmica local/regional em que estão envolvidos. Figueiredo (2000) refere que a metodologia adequada permite ao investigador encontrar os procedimentos adequados para a sua pesquisa e as linhas orientadoras para concretizar o seu trabalho em campo.

No âmbito deste contexto optei pela abordagem do estudo de caso, por considerar que me permite uma compreensão precisa e aprofundada acerca da realidade que pretendo analisar. Assim, o desenho metodológico, inicialmente previsto, considerava três momentos distintos: I) análise documental e revisão bibliográfica, II) observação participante e III) análise dos dados recolhidos. Contudo, atendendo à situação pandémica da altura, assim como, às medidas restritivas impostas, o momento referente a observação participante não se concretizou. O momento seguinte, referente a análise dos dados recolhidos, dizem respeito aos questionários que enviei (também não foi possível a realização de entrevistas presenciais) e que, posteriormente, chegaram até a mim, via email. Procurei ao máximo, no primeiro momento, dedicar-me ao nível da análise documental para melhor caracterização e compreensão do contexto territorial e, nomeadamente, do Grupo em análise, procedi à revisão da literatura para uma melhor conceptualização do estudo. De modo a atender os objetivos propostos, efetuei uma pesquisa bibliográfica para aprofundar o conhecimento acerca do folclore, mais concretamente, ao nível da Região, o património cultural, identidade cultural, cultura popular, que permitiu organizar de forma mais estruturada as estratégias para a recolha de dados.

De referir que a pesquisa documental e a bibliográfica têm ambas o mesmo objeto de investigação, o que as diferencia é a “natureza da fonte”. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes resultantes de livros e artigos científicos. No que se refere a pesquisa documental utiliza fontes primárias, dados e informações que ainda não foram tratados científica ou analiticamente. Na terceira fase, foi feita a análise de conteúdo aos dados

recolhidos resultantes dos questionários, em substituição às entrevistas. Optei pela análise qualitativa porque permite considerar informações que não são de outra forma consideradas, procurando, deste modo, desta forma, uma maior profundidade aos resultados do estudo. Já com as fontes organizadas e classificadas, procedi a análise das informações. Neste momento, as interpretações dos dados dar resposta às questões de investigação e retirar, da análise, conclusões de forma lógica.

3.1 Estudo de caso

A presente investigação tem o seu foco, de estudo, o Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha (GFCPC). Segundo Yin (2005), a abordagem ao estudo de caso é adequada quando se pretende investigar o como e o porquê de um conjunto de eventos atuais. O mesmo autor refere que o estudo de caso é uma investigação empírica, permite o estudo de um fenómeno vigente dentro de um contexto da vida real, sobretudo, quando os limites entre o fenómeno e o contexto não estão esclarecidamente definidos.

Gil (2009) refere que o conceito de estudo se alargou, podendo ser interpretado como uma família, um grupo social, uma organização, um conjunto de relações, um papel social, um processo social, uma comunidade, uma nação ou uma cultura.

O estudo de caso, enquanto, uma estratégia de pesquisa, utiliza um método que abrange: planeamento, técnicas de recolha de dados e as abordagens específicas à análise dos mesmos. Nesse sentido, não se trata de uma estratégia para a recolha de dados, nem apenas uma característica do planeamento em si, trata-se de uma estratégia de pesquisa abrangente (YIN, 2005).

O presente estudo em questão centra-se num grupo – Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha. O grupo está inserido numa comunidade local, tem como objetivo principal, desde a sua formação, preservar e promover as tradições culturais herdadas dos antepassados, com a particularidade de contar com a participação de descendentes das famílias dos participantes mais antigos que estiveram na sua formação inicial. A freguesia da Camacha, de onde é oriundo o Grupo, orgulha-se em preservar as suas tradições, através das suas atividades, práticas culturais, assim como, pela participação em outras de carácter mais religioso, sem dúvida, marcadamente presentes na freguesia.

Para atingir os objetivos propostos, a estratégia adotada para recolha de dados foi o método etnográfico, embora houvesse a necessidade de reajustar o método às restrições impostas causadas pela pandemia.

3.2 Método Etnográfico

O método etnográfico é designado como uma modalidade de investigação das Ciências Sociais que surge na Antropologia Cultural e Sociologia Qualitativa e se encontra na família da Metodologia interpretativa/qualitativa. É um modelo alternativo à investigação tradicional utilizada pelos Cientistas Sociais para estudar a realidade Social.

Erickson (1986), refere que a origem do método etnográfico radica no “início do século XX (...) nos relatos redigidos por intelectuais europeus (...) nas descrições cada vez mais completas e pormenorizadas da vida quotidiana dos povos estrangeiros e colonizados [e que] eram alvo da atenção de uma nova ciência (...) a antropologia que apelidou esses relatos de etnografia” (p.123).

Para Marconi & Pressotto (1992), o método etnográfico:

"Refere-se à análise descritiva das sociedades humanas, principalmente das primitivas ou ágrafas e de pequena escala. Mesmo o estudo descritivo requer alguma generalização e comparação, implícita ou explícita. Refere-se a aspetos culturais. Consiste no levantamento de todos os dados possíveis sobre sociedades ágrafas ou rurais, e na sua descrição, com a finalidade de conhecer melhor o estilo de vida ou a cultura específica de determinados grupos" (p. 32).

A etnografia não é o “trabalho de campo” que o investigador realiza, é o “que se escreve sobre o trabalho de campo. Geertz (1978) refere que:

"O etnógrafo 'inscreve' o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente" (p. 29).

Para autores como Ludke, M. e André, M. (1986) os estudos de caso etnográficos possibilita o investigador de relatar as suas experiências no decorrer do próprio estudo, de modo que o leitor ou usuário, possa fazer as suas “generalizações naturalistas” (p.19).

Contudo, o estudo etnográfico apresenta várias e complexas limitações, resultantes, entre outros, da natureza do método: a interação do investigador com o objeto de estudo e a consequente identificação com a cultura estudada, constituem, simultaneamente, o melhor argumento para a utilização do método e a sua maior fragilidade, porque existindo identificação do investigador ao objeto em estudo, este passa a ser também parte do processo, com o qual pode sentir-se comprometido; às condições da sua realização: onde destacaria a permanência do investigador do terreno, que pode ser contornado, por exemplo, pela análise documental e a entrevista; por último, à forma de agir do investigador, que não pode estar distanciado do facto que é analisado. Não sendo possível anular estas complexas limitações, a realização de diferentes estudos sobre o mesmo objeto de interesse por diferentes investigadores em outros contextos e a posterior comparação dos resultados obtidos, pode de forma positiva ultrapassar as limitações apontadas.

3.3 . Amostra

A amostra do presente estudo abrange um total de vinte e nove participantes, todos pertencentes ao Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha. Construiu-se uma amostra intencional e por conveniência. Assim, as entrevistas/questionários são realizadas aos participantes, de acordo com a função que desempenha no Grupo.

◁ 14 bailadores/as.

◁ 11 tocadores/as.

◁ 4 elementos com outras funções no grupo (presidente da assembleia geral, vice-presidente da assembleia geral, secretário da direção e o tesoureiro).

O capítulo V, desta investigação, centra-se na análise dos dados recolhidos nas entrevistas, com base em grelhas, devidamente, identificadas com as categorias e subcategorias, atribuídas às questões e nomeando os grupos de estudo, em análise.

Para o grupo dos participantes bailadores/as, os indivíduos são denominados com a letra B, que designa entrevista, com numeração árabe 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14 (onze entrevistados/questionários). No caso dos participantes tocadores/as, os

indivíduos são denominados com a letra T, utiliza-se a mesma numeração 1, 2, 3 e 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 (onze entrevistados/questionários).

Para os entrevistados que permitem a recolha de dados sobre o historial e funcionamento do GFCPC, identificam-se com as letras A, B, C e D (quatro indivíduos). No mesmo grupo em estudo, mas indivíduos com mais anos no GFCPC, apenas se usam as letras A e B (dois indivíduos).

3.4 Procedimentos, instrumentos e análise de dados

Na intenção de obter respostas ao problema da investigação, é necessário que a escolha dos instrumentos de recolha de dados seja a mais adequada. Segundo Bell (1997) estes são, as ferramentas que permitem proceder à recolha de informação tendo como base as entrevistas que foram realizadas aos diferentes elementos participantes do Grupo. A recolha de dados acontece em momentos diferentes:

- ◁ reunião para apresentar o estudo, solicitar o consentimento e respetiva autorização aos intervenientes;
- ◁ calendarização da realização do estudo; - marcação das entrevistas e recolha de imagens; - participação em reuniões e realização de visitas nos dias de ensaios.

Importa referir, uma vez mais, que em virtude da situação pandémica, as ações previstas para a recolha de dados sofreram radicalmente alterações, nomeadamente, a apresentação do estudo, os pedidos de consentimento e autorização, foram realizados via email para o diretor, o senhor Avelino Sousa, que se incumbiu de informar todos os intervenientes do Grupo acerca do estudo e do meu pedido de colaboração, respondendo ao questionário, que teria sido utilizado como guião para a entrevista. Ultrapassada essa fase, enviei ao senhor diretor, via email, o questionário, o qual fez chegar aos participantes.

Em relação a participação em reuniões e realização de visitas nos dias de ensaios, tal não aconteceu, já que as reuniões e os ensaios foram suspensos, por via do confinamento obrigatório.

3.5 Observação participante

Como já referi, anteriormente, o contexto em que realizei este estudo foi conturbado, devido a pandemia, trouxe enormes constrangimentos e frustração pessoal inicial. A metodologia de recolha de dados, inicialmente, previa a observação participante. A este respeito referem Quivy e Campenhoudt, (1994) que é, no geral, a que melhor replica “às preocupações habituais dos investigadores em ciências sociais”. Trata-se de uma das variantes da observação direta e que “consiste em estudar uma comunidade durante um longo período, participando na vida coletiva.” Este método permite ao investigador estudar ao pormenor modos de vida sem que a sua presença faça interferir nas dinâmicas do grupo. Como principais vantagens verificamos “apreensão dos comportamentos e dos acontecimentos no próprio momento em que se produzem.” (Quivy e Campenhoudt, 1994 p.197).

Infelizmente, não foi possível utilizar esta estratégia, as restrições impostas pela situação pandémica suspenderam todas as atividades culturais, não só, pelo que todos os contatos realizados foram por via email e telefone.

3.6 Análise documental

“Não existe investigação sem documentar” (Saint-Georges, 1997). Neste âmbito, a investigação documental permite-me conhecer as origens e a história do Grupo, ao longo do tempo, o ponto de partida para uma reflexão e questionamento do objeto de estudo.

Deste modo, recorri aos documentos oficiais pertencentes ao arquivo do GFCPC, que gentilmente me deram acesso, por uma ocasião, ainda que de modo limitado, devido as circunstâncias da situação pandémica que se vive, nos quais pôde recolher informações acerca da história/percurso do Grupo e suas principais “figuras”, que ao longo da vida do Grupo quiseram ir “mais além”, em prol da nossa cultura tradicional popular. Na página oficial do Grupo pôde recolher outros dados, nomeadamente, registo fotográfico e alguns vídeos que evidenciam todo o trabalho que este Grupo realiza, ao longo do ano, nas diferentes comemorações e festividades.

Recorri, igualmente, aos artigos existentes na página oficial da Associação de Folclore da Região Autónoma da Madeira, onde constam, entre outros, os principais artigos da

revista “Folclore”. Trata-se de uma revista anual que é apresentada, todos os anos, no mês de julho, por ocasião do Festival de Folclore de Santana - “48 horas a bailar” (no passado: “24 horas a bailar”), onde constam evidências dos trabalhos de recolha, preservação e divulgação do Folclore, realizados pelos diversos Grupos de Folclore da Madeira, pertencentes a esta Associação, para além de outros artigos de folcloristas e outras pessoas interessadas no fenómeno do Folclore madeirense.

Na Associação Musical e Cultural Xarabanda, pelo professor e investigador Rui Camacho, pôde recolher dados pertinentes, especialmente, sobre os instrumentos musicais de tradição popular madeirense, não só através de conversa informal, como através dos dados recolhidos em alguns livros da especialidade e no arquivo da Associação, onde consta, entre outros, a revista “Xarabanda”, que já não é publicada.

Por fim, recorri também a alguns recortes de imprensa, outros artigos, resultado de uma pesquisa dedicada, procurando sempre verificar a veracidade das fontes e da informação recolhida.

3.7 Entrevista etnográfica

Foi criado um guião de entrevista semiestruturado com perguntas abertas que ajudaram a orientar a entrevista e torná-la mais objetiva. (Anexo 1) “A Entrevista semiestruturada utiliza-se quando é importante obter dados comparáveis de diferentes participantes” (Coutinho, 2011, p. 291). O guião foi orientado para três objetivos e organizado em três grandes blocos: (I) A Relação com o GFCPC; (II) Motivação para pertencer ao GFCPC; (III) Identidade e pertença ao GFCPC. Para cada objetivo foram definidas quatro ou mais perguntas encadeadas sequencialmente. As respostas que resultaram das entrevistas foram tratadas usando a análise de conteúdo.

Os dados recolhidos foram inseridos e analisados, a partir de um documento Excel da Microsoft. As respostas dos elementos participantes foram analisadas e agrupadas de acordo com cada categoria. A interpretação dos resultados foi feita a partir da quantificação das respostas, por categoria e, posteriormente, efetuada uma leitura qualitativa, a partir do número de respostas obtidas por categoria.

Para uma fiel leitura e análise qualitativa optou-se por citar expressões e frases, proferidas pelos entrevistados, para uma melhor justificação dos resultados. O

tratamento dos dados recolhidos facilitou a leitura e interpretação dos dados, através das categorias provenientes das respostas, o que permitiu conhecer o tipo de relação e a motivação subjacente à frequência e permanência no Grupo em análise.

3.8 Plano de Ação

O Plano de Ação, inicialmente, previsto para esta investigação foi desenhado para o período entre o mês de setembro de 2020 a janeiro de 2021, com a seguinte ordem e como mostra a tabela 2.

1. Consentimento informado aos participantes no estudo-setembro;
2. Revisão de literatura, recolha de dados, realização de entrevistas- setembro e outubro de 2020;
3. Implementação e análise de dados, estabelecimento de categorias de codificação e procura de regularidades e padrões com base nos dados que constituam categorias a estudar- novembro de 2020;
4. Apresentação dos resultados e conclusões, estabelecimento de relações e exploração do reagrupamento de ideias em relação aos temas ou categorias para compreensão dos dados, conclusões de modo a estruturar a teoria e apresentação de recomendações para futuras investigações com este tema - dezembro de 2020;
5. Relatório Final – janeiro de 2021

| Plano/Meses | Setembro | Outubro | Novembro | Dezembro | Janeiro | Fevereiro |
|---|----------|---------|----------|----------|---------|-----------|
| Revisão da Literatura | | | | | | |
| Palavras-Chave | | | | | | |
| Seleção do método de investigação | | | | | | |
| Implementação da investigação: recolha de dados | | | | | | |
| Análise dos dados | | | | | | |

| | | | | | | |
|--------------------------------|--|--|--|--|--|--|
| Resultados e conclusões | | | | | | |
| Relatório final | | | | | | |

(Tabela 1)

A situação pandémica, que não me permitiu desenvolver a minha investigação, de acordo com o estabelecido, a minha atividade profissional e outras circunstâncias de âmbito pessoal, que resultaram em períodos de alguma carência de motivação, não me permitiu cumprir o plano de ação estabelecido, que resultou num primeiro pedido de prorrogação, e consequentemente a definição de um novo plano de ação (Tabela 2).

| Plano/Meses | Março | Abril | Maió |
|-----------------------------------|--------------|--------------|-------------|
| Nova revisão da Literatura | | | |
| Análise dos dados | | | |
| Resultados e conclusões | | | |
| Relatório final | | | |

(tabela 2)

3.9 Questões éticas

Muitos os autores referem a pertinência das questões éticas a considerar num projeto de investigação. Bogdan e Biklen, (1994) e, também, Merrian (1998), entre outros, referem que numa investigação deve-se ter em conta os problemas éticos. Em todas as etapas, o investigador deve manter credíveis os dados da pesquisa, de forma, a que nunca sejam alterados. Todos os participantes no estudo devem ter conhecimento dos aspetos que envolvem a investigação e que a eles diga diretamente respeito. Segundo Bogdan e Biklen (1994) a ética diz respeito às normas relativas e aos procedimentos, julgados corretos e incorretos por determinado grupo. Neste âmbito os autores ressaltam duas orientações a ter em consideração: o consentimento e a proteção dos participantes dos dados fornecidos.

No decorrer desta investigação são tidas em linha de conta estas questões éticas entre as quais, o pedido de autorização (consentimento informado) para todos os participantes na

investigação. É prestada toda a informação sobre os objetivos da investigação, garantindo aos indivíduos a confidencialidade e o anonimato.

Sumário

Este capítulo aborda a metodologia seguida no estudo, a escolha do método, a sua pertinência e ferramentas utilizadas durante a recolha dos dados. Aborda, igualmente, como foi seleccionada a amostra, os procedimentos realizados para a recolha e análise de dados, enuncia o plano de ação da investigação e as apresentam-se as considerações éticas tidas em conta.



Capítulo IV

4. O Arquipélago da Madeira

O arquipélago da Madeira, região do território português, é de origem vulcânica, constituída por várias ilhas: a ilha da Madeira, a maior e mais povoada; dezenas de quilómetros a nordeste o Porto Santo, a outra ilha, também ela, habitada; a leste, as pequenas e despovoadas ilhas Desertas; e a 250 km para sul do Funchal encontramos as Selvagens, hoje classificadas como reservas naturais.

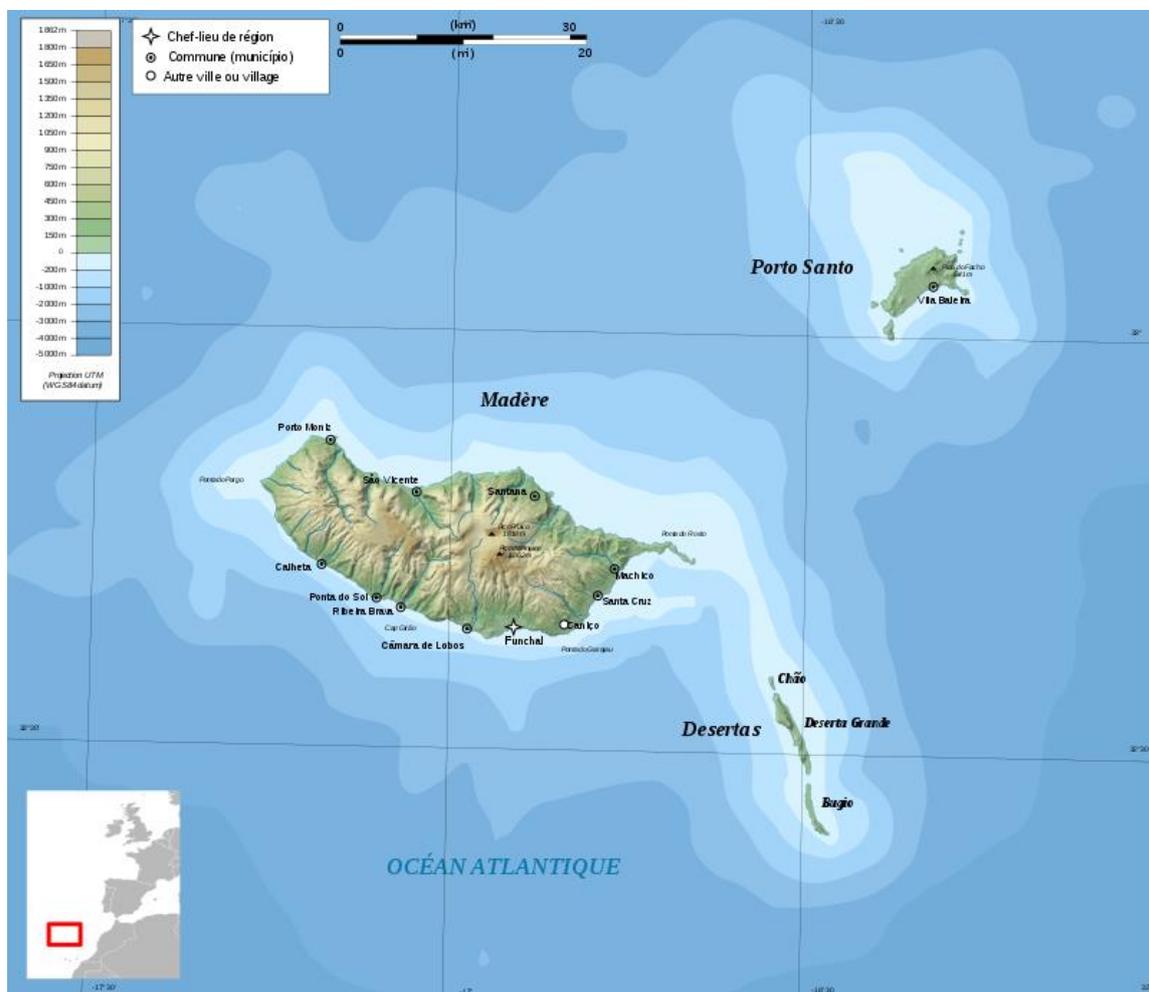


Figura 1 – Mapa do Arquipélago da Região Autónoma da Madeira

Fonte: https://de.wikipedia.org/wiki/Madeira#/media/Datei:Madeira_topographic_map-fr.svg

O arquipélago estava desabitado até 1419, ano em que o navegador português João Gonçalves Zarco desembarcou na Madeira. No entanto, existem evidências que gregos, romanos, fenícios e árabes já por aqui tivessem passado, durante as suas expedições pelo Atlântico Norte.

A chegada, em 1419, dos primeiros navios portugueses terá sido acidental. Navegadores ao serviço do Infante D. Henrique avistaram o Porto Santo quando, ao explorarem a costa da Guiné, foram arrastados para noroeste por uma violenta tempestade. Com a aprovação do Infante, a ilha viria, por isso, a receber o nome de Porto Santo. A frota regressou um ano mais tarde e foi então que avistaram à sudoeste, envolta em brumas, a ilha da Madeira.

Recebe o nome de ilha da Madeira por causa da vegetação abundante que a cobria. Os troncos gigantes das árvores, influenciaram, inclusive, a construção naval portuguesa, permitindo dotar as caravelas de mastros mais altos e elevar os castelos da proa e da ré, o que contribuiu para o sucesso dos descobrimentos portugueses, como a viagem de Vasco da Gama à Índia (1498).

Para assegurar a colonização, o Infante D. Henrique dividiu administrativamente o arquipélago em três capitânias: Tristão Vaz, um guerreiro de ascendência nobre recebeu a parte leste da Madeira, cujo principal povoado viria a ser Machico; João Gonçalves Zarco que chefiara a primeira expedição e combatera pelo infante em Tânger, ficou responsável pela parte restante, estabelecendo-se no Funchal; do povoamento e governação da ilha do Porto Santo foi incumbido Bartolomeu Perestrelo, um italiano ao serviço da coroa portuguesa. Esta divisão em capitânias manteve-se até à ocupação espanhola de 1580, passando então todo o território a ser administrado por um governador. Esta situação prevaleceria daí em diante, mesmo após a restauração de independência portuguesa em 1640.

As plantações de vinha e cana-de-açúcar foram as bases da produção em todo o arquipélago e rapidamente dominaram a economia da ilha. Com o prosperar da colonização, o rei D. Manuel I interessou-se pessoalmente pela urbanização do Funchal, tendo mandado construir alguns dos edifícios mais importantes dessa época, nomeadamente a igreja da Sé.

No século XVI a ilha passou a receber menor atenção por parte da coroa. Foram necessários sucessivos ataques de corsários para que os monarcas voltassem a prestar atenção ao Arquipélago. Os habitantes viviam num estado de alerta permanente, sempre à espera de ataques vindos do mar. Tinham por hábito refugiarem-se nos pontos altos da ilha.

A coroa investe na fortificação do Funchal e do Porto Santo, e passou a ter oficiais superiores a residir permanentemente nas ilhas. O vinho da Madeira floresceu durante o século XVII, destronando o açúcar como sustentáculo da economia local. É nessa altura que a presença dos ingleses aumentou na ilha.

Ao longo do século XVIII as rotas comerciais mais importantes continuaram a passar pelo Arquipélago da Madeira. Frotas inglesas, tanto comerciais como de guerra, aqui aportavam a caminho das Antilhas. E o mesmo sucedia com as viagens de cientistas e exploradores. O Capitão Cook e Charles Darwin passaram por aqui. Em 1815 Napoleão passou na Madeira a caminho do exílio. O navio aportou na baía do Funchal para recolher mantimentos e vinho da Madeira.

Já no decorrer dos séculos XIX e XX, a Madeira tornou-se num dos primeiros destinos turísticos da Europa, sendo muito procurada pela aristocracia europeia da época. Os bons ares da ilha e as suas paisagens eram recomendados pelos médicos aos doentes vitimados pela tuberculose. Muitos vieram para aqui convalescer, como o escritor Júlio Dinis.

Em 1910 Portugal tornou-se uma república, e em 1926 numa ditadura que viria a ser liderada por Salazar durante 36 anos. Durante este período a Madeira chegou a ser militarmente ocupada, na sequência de uma revolta em 1931. A revolução portuguesa de 1974 trouxe novos tempos para o arquipélago. A Madeira ascendeu ao estatuto político de Região Autónoma.

Ao longo dos anos o arquipélago da Madeira conseguiu reconverter-se, passando de uma região carenciada, dependente da agricultura de subsistência, para um dos destinos turísticos mais atrativos da Europa. O turismo tornou-se no motor da economia do arquipélago, com destaque para a qualidade dos seus hotéis, eco-turismo e soberbas paisagens naturais.

(Informação recolhida do site comemorativo dos 600 anos do descobrimento do arquipélago da Madeira).

4.1 A Freguesia da Camacha

A Camacha é uma das cinco freguesias que constituem o concelho de Santa Cruz (Mapa 1), na Ilha da Madeira (Mapa 2), a mais de 700 metros de altura, com uma população de 7449 habitantes (2011), muito conhecida pelas suas tradições, o seu folclore e etnografia, que vêm a perdurar no tempo como se nos quisesse contar a sua história, verdadeiros “retratos vivos” de memórias, através das suas danças, saberes e cantares, sem esquecer o conceituado artesanato, com referência para os trabalhos em vimes e no bordado regional. A vila situa-se envolvida pela típica serra da Ilha da Madeira, entre montes e vales, rodeada de pequenas aldeias e lugares ou sítios e locais de grande valor natural como o Poiso e o Montado do Pereiro, capital da cultura madeirense.

Dados recolhidos na Junta de Freguesia da Camacha dão conta que esta começou por ser apenas a serra da Freguesia do Caniço, mas foi o alvará régio de D. Pedro II, de 28 de dezembro de 1676, que autorizou o bispo diocesano D. António Teles da Silva a criar a Paróquia da Camacha, que somente parece ter ficado definitivamente constituída no ano de 1680. Apesar da perda temporária da sua identidade, no ano de 1738, esta recuperou o estatuto de freguesia e assim o ficou até aos dias de hoje.

A freguesia da Camacha tem dez sítios, designação toponímica dos diferentes aglomerados de população dentro dos seus limites geográficos. São eles: Sítio da Igreja, Sítio do Rochão, Sítio do Ribeiro Serrão, Sítio da Achadinha, Sítio dos Casais d'Além, Sítio do Vale Paraíso, Sítio do Ribeiro Fernando, Sítio da Nogueira, Sítio dos Salgados e o Sítio da Ribeirinha.

Na página Oficial da Associação de Folclore e Etnografia da Região Autónoma da Madeira (AFTRAM), do ano de 2005, a secção dos “Grupos de Folclore”, apresenta o Grupo de Folclore da Camacha da Casa do Povo da Camacha, onde pode ler-se, acerca da origem do nome da freguesia: “Parece muito antiga a denominação Camacha, supondo-se que o seu nome provenha de algum Sesmeiro ou povoador de apelido Camacho, que porventura ali possuísse terrenos ou tivesse moradia”.

No entanto, o padre Fernando Augusto da Silva (1863-1949), professor, escritor português e investigador da História da Madeira, autor do *Elucidário Madeirense* (1921) refere: “Conjetura o Dr. Álvaro de Azevedo que este nome provenha de algum sesmeiro ou povoador de apelido Camacho, que porventura ali possuísse terrenos ou

tivesse ali moradia. Não julgamos plausível a ideia de atribuir a origem desta denominação a um primitivo colonizador que, como recordação da Pátria, desse aqui nome igual ao de algum lugar ou povoação do Continente, pois pelo que podemos averiguar, não se encontra esse nome em território português”.

Outros dados recolhidos, com a gentil colaboração do senhor Justino Rodrigues, elemento pertencente à Junta de Freguesia da Camacha, referem que, desde os tempos da colonização, as terras férteis ditaram a tradição agrícola na localidade. Hoje podemos visitar quintas ali existentes, os muitos legados rurais, como os moinhos, as levadas, as fontes, entre outros.

A indústria de Vimes, tem lugar sobretudo mais a norte da Camacha. As oficinas dos artesãos situam-se ainda hoje, normalmente, junto às casas de habitação, onde se produzem objetos e peças que constituem uma imagem muito própria da Freguesia e da Ilha da Madeira.

A freguesia da Camacha orgulha-se igualmente do seu património construído, com monumentos, tais como: as Igrejas Matriz, Nova e a do Rochão, ou a Capela de São José, como do seu património natural, mais concretamente as Levadas da Serra do Faial e dos Tornos.

A Camacha é particularmente conhecida pelo seu folclore, contando com sete coletividades folclóricas, que para além de bailar e cantar, animam as festas e dinamizam outras atividades no Concelho de Santa Cruz: Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha, Grupo de Folclore do Rochão, com um excelente trabalho de recolha, Grupo das Romarias Antigas do Rochão, que possui um museu próprio, Grupo de Romarias e Tradições da Camacha, Associação Cultural da Camacha (Grupo Infantil e Grupo Juvenil), legado da professora Maria Augusta, pioneira no Cortejo da Flor, no Funchal.

Apesar de reconhecer esta diversidade, rica em história e tradição, com maior destaque nesta Freguesia, existem divergências, modos diferentes de “estar” no Folclore, de “olhar” o Folclore, em fazê-lo chegar do passado ao presente, causando dificuldades na preservação do próprio património cultural e tradicional.

(Informação recolhida do site da Junta de Freguesia da Camacha)



Figura 2 – Mapa do Concelho de Santa Cruz e freguesias constituintes.

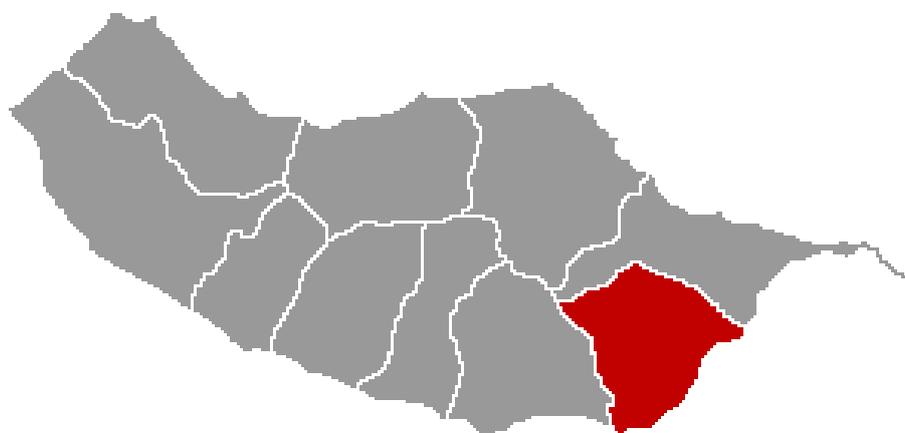


Figura 3 – Mapa da localização do Concelho de Santa Cruz na Ilha da Madeira.

4.2. O Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha.

O senhor Avelino Sousa, diretor artístico do Grupo, não esconde o seu amor e orgulho pela sua terra, a Camacha, as suas gentes, os seus costumes e as suas tradições, diz que as pessoas da Camacha sempre tiveram um gosto especial pelo bailinho, prova disso os grupos familiares que existiam pelos sítios e que nas épocas festivas, especialmente pela

“Festa” (Natal) se reuniam para bailarem o tão característico Brinco d’Oito e outros bailinhos.

Tendo presente esse pensamento, o senhor Avelino Sousa refere o objetivo principal do Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha (GFCPC): “foi e continua a ser, desde a sua fundação, o de recolher, preservar as tradições da Camacha e da Madeira e, posteriormente, divulgar, junto dos Madeirenses, pelo país e pelo mundo”. Um outro objetivo é referenciado no artigo, da responsabilidade do Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha (GFCPC), publicado na Revista: *Folclore*, nº 1, de julho do ano de 1991, na secção dedicada ao historial dos grupos de Folclore da Madeira, o dia 1 de novembro é a data da fundação do Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha, no ano 1948, a ele associado o doutor. Alfredo Ferreira Nóbrega, enquanto impulsor do projeto, com o propósito de representar a Região Autónoma da Madeira no Concurso Internacional de Danças de Madrid, em Espanha.

Sendo a Camacha fértil em tradições, reunir um conjunto de pessoas interessadas não foi tarefa difícil. Difícil, naquela época, diz o senhor Avelino Santos, foi convencer os pais das raparigas a autorizarem que participassem. O doutor Nóbrega ficou incumbido dessa missão. Primeiro convidou os componentes da Tuna de Bandolins da Casa do Povo, todos eles foram tocadores e bailadores. Quanto as raparigas, a estratégia inicial foi convidar familiares dos rapazes, as irmãs, em outros casos, as noivas. A primeira rapariga a entrar no GFCPC foi Áurea de Jesus Rodrigues, na altura noiva de José Valentim Rodrigues, pessoa tida como exemplar na sua conduta. Com ela, vieram duas irmãs e um irmão, as cunhadas, irmãs do noivo.

Segundo contava a dona Áurea, antes de aceitar ingressar no Grupo foi aconselhar-se ao senhor padre Medeiros, tendo este a incentivado a aceitar o convite, o que facilitou, numa fase posterior, a vinda de novos componentes femininos. Foram também convidados dois casais, para dar credibilidade ao projeto e fazer sentir que o Grupo seria um “local” em que as mães poderiam deixar as suas filhas participar em segurança. O senhor Avelino Sousa destaca ainda a colaboração do senhor António Martins Araújo, um dos fundadores, pessoa com boa reputação, que abordou diretamente os pais e facilitou de certo modo o ingresso de raparigas no Grupo. A título de curiosidade, António Martins Araújo ainda é vivo, está com a bonita idade de cem anos (anexo 2 e 3).

O primeiro diretor artístico do Grupo foi o etnógrafo Carlos Santos (1893-1955), responsável por inúmeras recolhas sobre músicas, danças, trajes e costumes de todo o arquipélago da Madeira, o que em muito contribuiu para a projeção do Grupo, quer na Região, quer “fora de portas”, no continente e no estrangeiro (in, revista “Folclore”, artigo 7, nº 2, julho de 1992).

Uma notícia publicada no *Diário das Freguesias*, a 31 de outubro de 2020, por ocasião das comemorações do septuagésimo segundo aniversário do GFCPC, do jornalista Eugénio Perregil, escreve que as músicas e danças representadas pelo Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha remontam ao século XIX e ao início do século XX. Transportam a memória até ao século XV e ao tempo da colonização da Ilha.

Na plataforma online de multi-conteúdos de acesso universal, denominado: “Aprender Madeira”, em funcionamento desde maio de 2015, um projeto que tem investigado e atualizado o conhecimento da História e da herança cultural da Madeira e dos madeirenses ao longo dos 600 anos, credível e rigoroso, envolvendo a comunidade científica local e reputadas instituições e investigadores nacionais e internacionais, apresenta um artigo sobre o GFCPC onde, entre outros, retrata o repertório musical, constituído por peças escolhidas que retratam a realidade do folclore regional.

Os registos mais atuais constatarem, porém, uma mudança no conceito Folclore e no papel que deve ser desempenhado pelo Grupo. Nas primeiras gravações, predominam os bailes, onde destaca-se uma versão do Baile da Meia Volta, da Ilha do Porto Santo, caso único em grupos da ilha da Madeira, as cantigas de trabalho ou outras. Nas gravações efetuadas nos anos mais recentes, verificamos, não apenas o desaparecimento da predominância destes géneros, como a incorporação de outras cantigas associadas às festividades do Espírito Santo e do Natal, romances tradicionais, cantigas narrativas, jogos cantados, etc. Exemplo disso é o que acontece na época da Quaresma, desde os anos noventa, o período escolhido para, no Largo da Achada, proporcionar aos mais jovens o contacto com os jogos tradicionais em risco de desaparecimento da memória viva das suas gentes.

Em relação a indumentária, uma vez que o Grupo surgiu com o objetivo de representar a Madeira e seus costumes e tradições, o traje escolhido pelo etnógrafo Carlos Santos (1893-1955), primeiro diretor artístico, é resultado do seu trabalho de recolha, apresentado no seu livro: *O traje Regional da Madg k t*, mantém-se presente ainda

hoje, ainda que tenham sido acrescentados um outro elemento novo e um outro traje masculino, que retrato no ponto dedicado exclusivamente ao traje do Grupo.

O longo trabalho de Carlos Santos (1893-1955), não se ficou apenas pela recolha do traje. No que aos instrumentos musicais tradicionais diz respeito, utilizados pelo GFCPC, resultaram igualmente do trabalho de investigação protagonizado pelo etnógrafo. Os instrumentos musicais estão distribuídos em três famílias: instrumentos de canto: harmónica, violino e flauta transversal, instrumentos de percussão: bombo, brinquinho, ferrinhos, entre outros, instrumentos de corda – viola francesa, braguinha, viola de arame e rajão.



Figura 4 – Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha no ano de estreia em 1949.
Fonte: Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha.
<https://www.facebook.com/gfcpcamacha/photos/a.802592859800668/868807096512577>

O GFCPC conta atualmente com 30 elementos, tendo representado a Região e o País em inúmeros festivais, nacionais e internacionais, nos quais foram agraciados inúmeros troféus. Na Ilha da Madeira, participam com regularidade em festivais e encontros de folclore e com frequência são “requisitados” para apresentações em hotéis da Região (figura 5).



Figura 5 – Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha na atualidade.

4.3 Recolhas

4.3.1 A indumentária: o traje

Em relação a indumentária/traje, no artigo publicado na revista: *Folclore*, nº 4 ó *Santana*, 24 horas a bailar, de julho do ano de 1994, no âmbito das recolhas realizadas pelo Grupo, destacam o trabalho de investigação realizada pelo professor universitário e historiador João Adriano Ribeiro (1953-2018) que no seu livro: *õO Trajo da Madeira ó Elementos para o seu estudoö* (1993), refere: “O traje riscado da Camacha divulgou-se, como se fosse uma *farda* obrigatória, quando a Câmara do Funchal em 1933, o impôs as mulheres que se deslocavam á cidade para venderem flores” (pág.28).

Reportando-me ainda ao mesmo artigo, o traje feminino (figura 6) usado na parte sul da ilha, no século XIX era:

“composto por camisa branca de linho da terra de fabrico regional e aperta com dois botões de ouro no pescoço. Usam capa e colete de baeta vermelho bordado, sendo ambos debruados a verde. A saia listada de várias cores de lã

de ovelha tingida, debruada de linho branco. Usam na cabeça carapuça azul-escuro, com um lencinho bordado. Calçam bota chã com risca vermelha”. O traje masculino, era mais simples. O artigo refere que:” integra camisa, calção e faixa de linho da terra de cor natural. Usam carapuça de baeta azul-escuro, forrado de vermelho e calçam bota chã (pág. 28).

No caso do traje masculino, o mesmo artigo refere:

“integra camisa, calção e faixa de linho da terra de cor natural. Usam carapuça de baeta azul escuro, forrado de vermelho e calçam bota chã” (pág. 28).



Figura 6 – A indumentária/traje: da mulher e do homem; utilizado pelo GFCPC. (Carina Teixeira)
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=115084843708512&set=t.100063478303441&type=3>

O senhor Avelino Sousa, refere ainda, em relação ao traje feminino, que hoje se mantêm ainda fiéis à recolha do primeiro diretor artístico do Grupo, o etnógrafo Carlos Maria dos Santos e autor do livro: *õ Q " jv regional da Madeit c (d952)*, e que se generalizou por algumas freguesias da ilha nos séculos XVIII e inícios do século XIX. Refere que houve uma época, por dificuldades de encontrar quem tecesse a lã e a tingisse, ainda

foram introduzidas saias tecidas com lã industrial. O traje masculino também se mantém, com à exceção do lenço, colocado no pescoço, usado para proteção da camisa e do traje quando o homem trabalhava. Foi introduzido na década de sessenta do século passado um outro traje, de seriguilha. O traje de seriguilha era usado principalmente pelos homens que viviam nas Serras. Usavam, assim, o jaleco e calças de seriguilha castanha e um barrete de lã de ovelha, para melhor protegerem-se do frio serrano (figura 7).



Figura 7 – GFCPC – o traje masculino de seriguilha.
<https://www.facebook.com/photo?fbid=844101062316514&set=a.844101018983185>

Importante referir que, de acordo com o senhor Avelino Sousa, até a década de setenta quem confeccionava os trajes do Grupo era Maria de Ascensão Fernandes, a *õLoura da Camachaõ*, como era carinhosamente conhecida. Maria de Ascensão era ensaiadora, componente do Grupo e costureira. No seu tempo de costura ensinava outras raparigas o ofício. Uma das suas alunas era Maria Rosa Barreto, que nos dias de hoje tem a responsabilidade de preservar e confeccionar os trajes para os componentes do Grupo.

4.3.2 Os instrumentos musicais da tradição popular madeirense

Os instrumentos musicais que acompanham as canções representam fontes históricas de crucial importância para interpretarmos a nossa cultura. Alguns nomes populares, porque são conhecidos, resultam dos sons que os próprios produzem – sons onomatopaicos, como o reque-reque, ou, até mesmo, sons de objetos (in, “*Instrumentos Musicais da Tradição Popular Madeirense ó um Património Cultural a Defep f g t ö* revista *Folclor*, nº 16, em julho de 2006).

Rui Camacho, professor, músico e investigador, no Centro de Documentação Musical Xarabanda, refere, no artigo: *õ K p u v t w o g p v q u " O w u iklæ Makeirehnsf c " V t c f k ó um Património Cultural a Defep f g* publicado na revista *Folclor*, nº 16, em julho de 2006. que, historicamente falando, foi do noroeste português que, no século XV, vieram os primeiros povoadores para a Ilha da Madeira. Com eles, trouxeram, entre outros, a sua tradição musical. Não será, pois, de estranhar que encontremos características comuns nestas duas Regiões, nomeadamente, nos instrumentos tradicionais.

Dentro da diversidade de instrumentos de tradição popular existentes na Região, encontramos aqueles que são o resultado dessa união geográfica (a viola de arame, o braguinha ou machete, a rabeca (violino de construção popular), a harmónica, o bombo, o reque-reque, o pandeiro, as tréculas, entre outros.), assim como, aqueles menos comuns, ou até inexistentes fora da Região (o rajão, o brinquinho, as castanholas de tábua, o búzio, o pife e as pinhas.).

Neste âmbito, se analisarmos o que acontece na Ilha, podemos constatar que, apesar de pequena, da curta distância entre as comunidades, podemos encontrar diferenças na tradição musical. No Porto Santo, por exemplo, adotou-se o uso exclusivo dos cordofones: o violino, a viola de arame, o rajão e a braguinha.

4.3.3 Os instrumentos musicais utilizados pelo GFCPC

A origem de qualquer instrumento da tradição popular apresenta sempre incerteza e controversa, a falta de informações iconográficas não permite uma avaliação inteiramente correta. No folclore Regional, os instrumentos musicais tradicionais e/ou popularizados na Região, através do tempo, são aqueles que na tradição popular das

comunidades eram e continuam a ser ainda hoje, os que acompanham as canções e as danças, com características próprias que permanecem nos dias de hoje e representam uma parte importante da história e da cultura popular madeirense (in, “*Instrumentos musicais da tradição popular madeirense*”. Revista *Folclore*, nº 16, julho de 2006).

O Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha utiliza também os instrumentos musicais tradicionais e/ou popularizados ao longo do tempo, na ilha da Madeira. Assim, temos os instrumentos de canto (melódicos) – harmónica (figura 8), violino (figura 9) e flauta transversal (figura 10) – os instrumentos de percussão – bombo, brinquinho, ferrinhos, entre outros – e os instrumentos de corda, ou cordofónicos – viola francesa, braguinha, viola de arame e rajão, bem como a viola de arame, o rajão e o braguinha, que são instrumentos tradicionais da ilha da Madeira.



Figura 8 - Instrumento de canto: a harmónica.



Figura 9 - Instrumento de canto: o violino.



Figura 10 – Instrumento de canto: a flauta transversal.



Figura 11 – Instrumento de percussão: o bombo.



Figura 12 – Instrumento de percussão: a árvore de castanhas, ou “brinquinho”.



Figura 13 – Instrumento de percussão: os ferrinhos, ou triângulo.



Figura 14 – Instrumento de corda – a viola francesa.



Figura 15 – Instrumento de corda: braguinha, ou machete.



Figura 16 – Instrumento de corda: o rajão.



Figura 17 – Instrumento de corda: a viola de arame.

4.3.4 Os cordofones utilizados pelo GFCPC, referência da tradição popular madeirense



Figura 18 – O braguinha, ou machete madeirense.

A origem de qualquer instrumento musical de tradição popular gera sempre alguma controversa, no caso do braguinha (também conhecido pelo nome de machete), há quem defenda que este instrumento é uma criação madeirense, devendo-se o seu nome ao facto de ser usado por gente que vestia bragas, traje típico madeirense (Silva & Meneses, 1978).

É um instrumento cordofónico, caracteriza-se pelo seu som alegre e gracioso, com uma construção idêntica à do seu homónimo cavaquinho de Lisboa, apresentando escala elevada sobre o tampo, ao contrário do Cavaquinho de Braga (que apresenta escala rasante), dezassete trastes, com 51 cm de comprimento total e boca redonda.

Este instrumento é idêntico ao “ukelele” das ilhas do Hawai, tendo aí chegado pelas mãos dos portugueses, responsáveis pela difusão deste instrumento por várias partes do mundo, sendo de destacar o Brasil, país onde tem grande popularidade, devido ao seu uso em conjuntos de choros e escolas de samba (Oliveira, 2000).

Com cabeça de cravelhas de madeira ou de carrilhão, o braguinha tem três cordas de aço e um bordão, é afinado do agudo para o grave (da 1ª para a 4ª corda ou seja de baixo para cima): 1ª corda – Ré, 2ª corda – Si, 3ª corda – Sol, 4ª corda – Ré (bordão, nota Si da Guitarra de Fado), sendo que tocado em simultâneo ou arpejado com as cordas soltas faz soar o acorde de Sol Maior.



Figura 19 – O rajão madeirense.

O rajão é um cordofone da mesma família do braguinha, de tamanho intermédio (cerca de 66 cm de comprimento por 21 de largura), com dezassete trastos e cinco cordas,

todas de arame ou as primeiras e quartas de arame e as segundas e as terceiras de tripa ou de bordão.

Trata-se de um cordofone de pouca estatura, também apelidado de machete, como era inicialmente conhecido e ainda nos dias de hoje, popularizando-se na Região de tal forma que em 1768, o então Bispo da Madeira, Gaspar Afonso Brandão, editou a proibição de ajuntamentos de homens e mulheres em suas casas, em serões animados, com os seus machetes e pandeiros, evitando assim o surgimento de ofensas a Deus.

Apresenta a mesma afinação do braguinha e à semelhança deste, toca-se com a técnica de rasgado, afinando do grave para o agudo ré-sol-dó (baixo)-mi-lá.



Figura 20 – A viola de arame madeirense.

Este cordofone madeirense faz parte da família de violas de arame portuguesas, assumindo em cada região uma diferente denominação. É o caso da braguesa no Minho, da amarantina no Douro Litoral, da toeira na Beira Litoral, da beiroa da Beira Baixa, da campaniça do Alentejo ou da viola da terra dos Açores.

O número de cordas e a afinação variam de região para região, mas têm em comum serem produto da evolução de tradições locais, sempre asseguradas por via popular. Na Ilha da Madeira, assume a designação de viola de arame da Madeira, é o instrumento

privilegiado de acompanhamento da charamba, surgindo noutros géneros a par de distintos instrumentos.

De pequeno enfranque, boca com abertura circular, a escala entra em ressaltado sobre o tampo harmónico, dividida em trastos metálicos – entre 14 e 17. Esta viola apresenta cabeça com cravelhas perpendiculares e, nos modelos posteriores, tem um mecanismo de carrilhão metálico. Possui cravelhame para 10 cordas, sendo que se utilizam apenas 9. O encordoamento é feito com cinco ordens de cordas, que se subdividem em quatro ordens de cordas duplas e uma simples (a 2.^a do agudo para o grave).

As suas dimensões podem variar, tendo a viola de arame geralmente um comprimento total de cerca de 86 cm, correspondendo metade do comprimento à caixa-de-ressonância. O braço mede cerca de 42 cm e o tiro de corda é de cerca de 51 cm. Todas as cordas são metálicas, tendo a afinação sofrido alterações ao longo do tempo.

4.3.5 Reportório Musical Tradicional

Num artigo publicado na revista *õ H q neö, m° ç*, em julho de 1993, Teresinha Santos, que durante anos trabalhou em prol do folclore madeirense, através dos Serviços de Extensão Rural / Serviços de Desenvolvimento Rural, tendo sido também presidente da Associação de Folclore e Etnografia da Região Autónoma da Madeira, refere-se as danças/bailado como “um modo simples e espontâneo do povo exprimir as suas alegrias e emoções, em momentos festivos, ao terminar os trabalhos agrícolas, a caminho ou durante as festas e romarias, nas tardes de domingo...”. No mesmo artigo, a autora refere ainda “Desde tempos recuados da História, as danças aparecem acompanhadas de música, ou sons (...) Em princípio, o bailar e o cantar era em simultâneo. Depois, enquanto uns dançam outros apenas cantam. Finalmente os instrumentos musicais substituem o canto”. (in, *õO bailado no folclore madeirenseö*. Revista *Folclore*, nº 3. julho de 1993).

O senhor Avelino Sousa, diretor artístico do Grupo, esclarece que no caso do GFCPC, o ponto de partida foi algo mais geral – Folclore da Madeira. O reportório era constituído por seis bailes e algumas cantigas que ilustravam bem o viver e o sentir das gentes da nossa ilha. Nessa época, o responsável pelos ensaios era Carlos Santos (entre 1955 e 1957). Parte desse programa ainda é hoje apresentado nas atuações do Grupo: Baile

Corrido, Baile Pesado, Baile da Chamarita de Gaula, Baile da Ponta do Sol, Baile dos Canhas e Baile das Camacheiras. Em relação as cantigas, muitas são cantigas de trabalho, Cantiga dos Borracheiros, Cantiga do Trigo, Cantiga de Água de Pena, Cantiga do Porto Santo, entre outras.

A partir de 1957 ficaram responsáveis pelo Grupo António Policarpo e Maria Ascensão Fernandes que, com as orientações deixadas por Carlos Santos, nomeadamente, no seu livro sobre as danças: *Trovas e Bailados da Ilha* (1994), efetuaram outras recolhas, nomeadamente, O Baile do Alta Moda, originário da freguesia de S. Martinho, no Funchal. Outras recolhas foram realizadas, das quais destaco: Brinco d'Oito, o mais popular da Camacha.

Outros, como o Baile da Viuvinha, Baile da Mourisca, Baile da Chama Rita da Camacha, Baile dos Amores, entre outros, foram recolhidos, e contaram com a colaboração de António Policarpo de Freitas, ensaiador do Grupo até ao início da década de setenta do século passado. Salienta-se que muitos destes bailes eram igualmente do conhecimento das pessoas mais idosas, a partir da década de 80/90 fossem efetuadas essas recolhas, cantigas de roda, jogos de roda cantados, jogos e brinquedos tradicionais, histórias, lengalengas e alguns poemas do romanceiro tradicional, que vieram e muito, alargar e enriquecer o repertório do Grupo, assim como, o património musical tradicional madeirense.

O diretor artístico do Grupo refere, muitas vezes, da importância atribuída aos costumes e as tradições da Camacha, para falar do trabalho desenvolvido ao longo dos anos pelo GFCPC, também neste âmbito: na recriação das tradições do passado, onde verificamos, em alguns exemplos, uma salutar comunhão entre o profano e o religioso, como acontece na época do Natal e por ocasião da Páscoa.

Relacionado ao trabalho do campo, do dia-a-dia, encontramos a “cantiga da Carga”, onde se recria o transporte da lenha; a “cantiga dos Borracheiros”, a recriação do transporte do mosto, desde os lagares da freguesia para o Funchal, as cantigas da ceifa, na qual se recria a apanha do trigo e outros cereais, a cantiga da Cava, tal como o nome indica, trata-se da recriação do preparar dos terrenos, cavar a terra, para a sementeira. Relacionado com os arraiais, as “cantigas ao despique”, onde é recriado todo o ambiente alusivo aos arraiais que acontecem por toda a Ilha da Madeira, especialmente, por altura do verão e, sobretudo, na época do Natal.

4.4 Quadros etnográficos: tradições, usos e costumes

4.4.1 Festividade: O Natal

No livro *O Natal na Madeira: Estudo Folclórico* (2010), O padre Manuel Juvenal Pita Ferreira refere que o Natal madeirense “respira tradição, etnografia e folclore”, destacando que esta reparte-se em vários momentos religiosos e culturais: Missas do Parto – do dia 16 a 24 de dezembro, a matança do porco, a noite do mercado – 23 de dezembro, Noite de Natal, a passagem de ano – do dia 31 de dezembro, as oitavas, o Dia de Reis – 05 de janeiro, o Santo Amaro – Dia 15 de janeiro.

As tradições de Natal são especialmente “queridas” em toda a Ilha, na freguesia da Camacha há uma forte vivência, pelo que não é surpreendente que sejam também elas recriadas/ encenadas pelo GFCPC, especialmente nesta quadra, onde se destaca a participação na Missa do Parto (tradição única na Ilha da Madeira. São nove novenas marianas/ missas, representam os nove meses de gravidez da Virgem Maria, ou Nossa Senhora do Ó, designada na Ilha da Madeira, por Senhora ou Virgem do Parto, celebrações preparatórias do nascimento do Menino Jesus. São muito participadas em toda a Ilha, ocorrem de madrugada, antes do nascer do sol. No fim de cada novena, os adros das igrejas enchem-se para momentos de convívio, com grupos ao despique, onde não faltam as iguarias da época: os licores, as sandes de carne, vinho e alhos...) em que o Grupo não se traça, por considerarem que se torna mais fácil a participação da população; a construção da tradicional Lapinha de escadinha madeirense (presépio), na entrada da Casa do Povo da Camacha; a participação nas romagens, ou entrada dos pastores (grupos de homens e de mulheres, a representar o seu sítio/lugar, que entram a tocar e a cantar na igreja levando oferendas ao Menino que nasceu.), após a Missa do Galo, com todo o ambiente envolvente alusivo a esta festividade, as luzes, os despiques e a gastronomia.



Figura 21 – O Presépio tradicional madeirense de escadinha (foto de Rui Camacho, 2006)

4.4.2 Os ãJogos Tradicionais da Quaresmaö

Lígia Brazão (1945) professora especializada em Expressão Dramática, que conjuntamente com o professor Carlos Gonçalves, criou o Gabinete de Apoio à Expressão Musical e Dramática, depois Gabinete Coordenador de Educação Artística Multimédia, atualmente, Direção de Serviços de Educação Artística – Secretaria Regional da Educação, escreveu num artigo dedicado aos jogos populares/ tradicionais madeirenses: “*Jogos Popularesö*. Revista Folclore, nº 7 (1997):

“julgamos ser dever de todos nós, preservar os jogos populares e os jogos tradicionais, não para manter formas ultrapassadas de viver, que o tempo tornou caducas e incapazes de dar resposta aos anseios e impulsos do nosso tempo, como nos diz António Cabral, no seu livro *Jogos Populares portugueses*, mas para saber conjugar o presente com o passado, ajudando-nos a compreender melhor as raízes da alma popular, aproveitando todo o seu potencial educativo” (pág. 12-13).

É nesta linha de pensamento que o GFCPC organiza todos os anos, pela Páscoa/Quaresma os “Jogos Tradicionais da Quaresma”, que acontecem no grande largo

da Achada, aberto à população, onde chegam ali pessoas de toda a Ilha, que levam maioritariamente os filhos para darem-lhes a conhecer as brincadeiras do antigamente.

De entre os escolhidos destaque para as pedrinhas, as andilhas, o pião, o saltar à corda, o batoque, o burro ou a ‘báginha’, jogos que hoje em dia já praticamente caíram em desuso e só são repescados em iniciativas deste género. De referir que a génese desta iniciativa se prende com uma recolha de jogos tradicionais feita pelos vários elementos do Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha nos anos 80, junto de familiares mais velhos, donde resultou um conjunto diversificado de jogos. Na altura, constatou-se que alguns jogos apenas se jogavam nesta quadra, levando a que, mais tarde, procurando divulgar a recolha feita, o Grupo desse início à dinamização desta iniciativa que volta a repetir-se no final desta semana (figura 22).



Figura 22: Os Jogos tradicionais da Quaresma: O jogo do pião.

<https://www.facebook.com/photo?fbid=1333716290021653&set=a.1333715570021725>

Este ano, devido às restrições impostas pela pandemia, os tradicionais jogos populares “realizaram-se” de um modo diferente: Jogos da Quaresma em Casa”. Os interessados foram convidados a participar, através da criação de conteúdos multimédia (vídeos/fotografias) com jogos relacionados com a época.

4.4.3 Festividade: O Espírito Santo

Nesta festividade, o GFCPC colabora todos os anos embrulhando o pão para a procissão, participam na mesma e realizam também uma atuação, proporcionando assim muita animação aos presentes.

Na revista *Folclore* nº 10 (2000) o GFCPC “assina” um artigo: *õFesta do Espírito Santo ó õSegunda-feira da Camachaõ*, onde destacam: a romagem conhecida pela “procissão do Pão”, que antecede sempre aos dias das visitas pascais, também conhecidas por “Domingas”. Esse pão é benzido e depois distribuído pelas famílias da freguesia na visita pascal. A comitiva que percorre um sítio em cada domingo, levam o símbolo do Espírito Santo que é dado a beijar as pessoas, acompanhados por duas ou três meninas, as saloias, com os seus vestidos brancos, faixa vermelha adornada com o alegracampo e, na cabeça, carapuças decoradas com anéis e cordões de ouro, que também ostentavam, em maior quantidade ao pescoço, emprestado por famílias amigas.

A denominação “Segunda-feira da Camacha” remonta as origens da Festa do Espírito Santo na Camacha, que ocorria na segunda-feira do Pentecostes, que na época era dia de feriado, o que contribuía para a grande afluência de forasteiros.



Figura 23 – Festa do Espírito Santo: Procissão do Pão
<https://www.facebook.com/photo?fbid=1713419998717945&set=a.132707635521846>

Sumário:

Este capítulo apresenta as origens do Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha, apresentando a história da freguesia a qual pertence (a freguesia da Camacha), reportando, de seguida, para a formação e constituição do Grupo, focando todo o trabalho desenvolvido na recolha, preservação e divulgação do Folclore madeirense e também local (Camacha), as tradições e costumes e atividades de âmbito tradicional que promovem ao longo de todo o ano.



Capítulo V

5. Apresentação e Discussão dos resultados

5.1 Relação com o GFCPC

A relação dos mais jovens com o GFCPC está fortemente influenciada pelas relações familiares. Por outro lado, as relações de amizade que mantêm com outros elementos do Grupo, é outro fator motivador que levam estes jovens a ingressarem no Grupo. Analisando as respostas obtidas do nosso inquérito, nota-se, que há jovens que ingressam no Grupo, por verem uma oportunidade de saírem e conhecerem outros lugares, dentro e fora do Região, no Continente e no estrangeiro.

Em relação aos dias de ensaio, representam para todos os participantes um momento de encontro semanal, não só uma oportunidade de rever os colegas e amigos, mas também um “espaço” de convívio, de lazer, e simultaneamente um motivo para sair à noite. Embora seja evidente o bom relacionamento entre as gerações (os mais novos e os mais velhos), há, manifestamente, uma preferência em conviver com elementos da mesma geração.

Está bastante perceptível a necessidade de ocupação dos tempos livres, de sociabilização e, sobretudo, o facto das atuações lhes permitirem o contacto com outras culturas, outros lugares e pessoas, e conjuntamente o enorme orgulho de mostrar aos outros as tradições culturais da sua freguesia e da Região.

A maioria dos jovens inquiridos, nasceram e vivem na mesma freguesia da Camacha, onde também nasceram e viveram os seus pais e avós. Talvez por esse motivo quase todos revelem um grande sentimento de apego e pertença à sua terra. Ainda que reconheçam que a freguesia da Camacha oferece muito poucas oportunidades de trabalho, ressalvam que a freguesia é a sua zona de conforto, onde gostam de estar e querem continuar a viver.

5.2 Motivação para pertencer ao GFCPC

A relação dos jovens com a Camacha resulta, sobretudo, de uma convivência de proximidade diária com o contexto rural, o que não significa que estejam nos dias de hoje em contacto com a atividade agrícola, pese embora, seja predominante na

freguesia. Os jovens estão, ou já estiveram, integrados no sistema de ensino obrigatório, técnico profissional, ou ensino superior, alguns já estão, inclusive, inseridos no mercado de trabalho. O facto de os jovens continuarem a manter um contacto próximo com a sua terra e com o que perdura das suas tradições, usos e costumes, não é, por si só, garantia que constitua motivação para pertencer ao Grupo. Na ideia destes jovens está, sobretudo, a oportunidade de ocupação de parte do seu tempo livre, numa freguesia onde as ofertas não abundam e vai ao encontro de uma cultura operada na freguesia muito voltada para as tradições, daí resultam os seis agrupamentos de folclore existentes na freguesia da Camacha.

O ensino das danças, para os que iniciam, é feito como se de uma passagem de testemunho se tratasse, são os elementos com maior antiguidade no Grupo que detêm essa responsabilidade no ensino das danças aos que chegam. Os ensaios acontecem de uma forma bastante descontraída, como refere o ensaiador, trata-se de uma estratégia, com a finalidade de motivar os mais jovens à participação no Grupo. A “fórmula” descontraída não inviabiliza o propósito e objetivos pretendidos para os ensaios, vai ao encontro da intencionalidade da dança tradicional e como o povo a dançava, nas festas e romarias, ou depois de um dia de trabalho, sem preocupações estéticas e coreográficas.

Os momentos de concentração do Grupo no local onde acontecem os ensaios, as pausas durante os ensaios, são pretexto para conversa e convívio, partilham-se histórias, as vivências do dia-a-dia e temas relacionados com as festas locais, que já aconteceram ou estão para acontecer, quer na freguesia, quer na Região.

5.3 Apresentação dos resultados da análise de conteúdos das entrevistas

De seguida, são apresentados os resultados da análise das respostas obtidas durante o inquérito por entrevista. Como foi já, anteriormente, referido no ponto 5, onde apresentei as metodologias de recolha e tratamento de dados, as questões colocadas nas entrevistas, conforme guião em anexo, foram organizadas em três blocos distintos: **(I) A Relação com o GFCPC; (II) Motivação para pertencer ao GFCPC; (III) Identidade e pertença.**

Relativamente à antiguidade dos elementos do GFCPC as respostas à questão *Há quanto tempo está no GFCPC*, atesta que o elemento com maior antiguidade está,

sensivelmente, há cinquenta anos no Grupo e o elemento mais novo há cerca de dois anos. Verificou-se que existem participantes que estão de facto há muitos anos no Grupo; entre trinta e cinquenta anos. Em sentido contrário, outros elementos, muito mais novos, estão no Grupo há pouco mais de dois, três, outros há sete e oito anos. Os elementos intermédios desta análise, têm entre os onze e vinte anos no Grupo.

No âmbito da questão: ***Tem alguma relação de parentesco com outros elementos do GFCPC?*** É inegável que, na sua maioria, têm laços de parentesco a outros elementos do Grupo, sendo em reduzido número, aqueles elementos que não têm qualquer laço de parentesco (apenas cinco elementos). As categorias casal com filhos e núcleo familiar alargado estão quase ao mesmo nível. Esta realidade confere ao Grupo uma importante particularidade, que deriva do facto de existir uma forte tradição familiar, que se tem mantido no tempo, desde a sua formação, aos dias de hoje.

Fora dos dias/horas de ensaio costuma colaborar com o grupo? A maioria refere que colaboram com o Grupo nas várias atividades e sempre que são solicitados: “Sim, nas várias atividades, extra ensaios, promovidas pelo grupo e, em casos pontuais, quando me é pedida colaboração...” (T4). Há elementos que destacam a sua colaboração no âmbito das festividades de Natal; na montagem da Lapinha (pequena estrutura de madeira em forma de escada, forrada com tecido vermelho, na qual se coloca a imagem do Menino Jesus de pé no topo e os frutos da época com as searinhas nas escadinhas abaixo.) e tradicional madeirense, nos ensaios preparatórios da romagem para a noite de Natal, na animação no adro da igreja, após a *Missa do Galo* (missa da noite Natal, ou missa da meia-noite): “Gosto muito de colaborar nas atividades do Natal, são dias muito especiais” (B8). Outros elementos referem colaborar mais nas atividades organizadas pelo Grupo, nomeadamente: Os Jogos da Quaresma e a Gala de Folclore Maria Ascensão.

As respostas para a questão: ***Como teve conhecimento do GFCPC?*** Alguns elementos conheceram o Grupo através de amigos, primos, tios, e pelos pais que já lá andavam; porque os pais, ou os avós pertenciam ao Grupo e traziam-nos para os ensaios.

Considera que GFCPC contribui para o enriquecimento pessoal? De que modo? Para esta questão conseguimos definir quatro categorias: Temos elementos que referem o contributo para o conhecimento de si próprio e dos outros, através do contacto com pessoas da sua geração e não só: “Sim, contribui, não só na forma de ser e estar em

grupo, como também na aprendizagem com os mais velhos” (B7). Outras respostas ressalvam o contributo para um melhor entendimento, conhecimento e confraternização entre gerações distintas: “...a abertura de espírito que se cria entre as diversas gerações” (T8); “...um espaço de encontro, convívio e de criação de laços e experiências únicas...” (T3). Outras respostas falam como o grupo contribuiu para uma maior e melhor valorização das tradições da sua terra, dos seus antepassados: “As nossas tradições são a memória do nosso povo, são a nossa identidade. Elas são testemunho vivo de uma comunidade...” (T5); “Só saberemos quem somos e para onde vamos, se soubermos de onde viemos” (B8). Outras respostas vão no sentido de que o GFCPC contribuiu para conhecer outras culturas, outros costumes e tradições: “Possibilitou-me conhecer novas culturas, novas formas de viver, de ser e de estar, contribuindo assim para um conhecimento da diversidade cultural no mundo” (B10); “As digressões com o Grupo também são fundamentais, pois enriquece o nosso conhecimento sobre o mundo e os seus costumes e tradições” (B7).

Podemos dizer que, dependendo da idade, da sua experiência de vida, cada elemento procura da sua vivência e experiência no Grupo, desafios e propósitos distintos que dê contributo para o seu enriquecimento e crescimento enquanto pessoa.

Para a questão: ***Por que motivo veio para o GFCPC?*** Embora encontremos variadas respostas a esta questão, o fenómeno da tradição familiar aparece como principal impulsionador para a ingressão no Grupo, por parte dos participantes: “Os meus pais pertenciam ao grupo desde a sua fundação, o ambiente em que cresci foi propício ao meu ingresso. Além disso a minha família paterna contribuiu com um grande número de elementos” (T5); “Tendo em conta que a minha mãe, o meu pai e os meus dois irmãos faziam parte do grupo antes de eu nascer, eu sempre acompanhei o grupo folclórico desde bebé (1998). No entanto, posso considerar que passei a fazer parte das bailadoras a partir de 2010” (B4); “Os meus pais fazem parte do grupo folclórico e inclusive conheceram-se lá, quando eu nasci, era como se já fizesse parte do grupo, e desde muito pequena fui sempre acompanhando enquanto saloia. Mais tarde, comecei a aprender violino (...) foi aí que entrei “oficialmente” para o grupo” (T2). Há respostas que, no entanto, referem que foi pelo facto do namorado, ou da namorada, pertencer ao Grupo: “Porque comecei a namorar um elemento do grupo. Como casal continuamos a pertencer” (T11). Alguns elementos referem também o desejo, o orgulho, que sempre

tiverem em pertencer ao GFCPC: “Gostar do bailinho, da alegria que o grupo transmite através, principalmente, da senhora Ascensão, a “Loira da Camacha” que contagiava todos; o despique entre o homem e a mulher “namorados” e a forma como este grupo bailava, sei lá... era diferente, a camacheiro” (B9); “... foi de um sonho de alguns anos atrás. O meu pai não autorizava e mais tarde já aos 20 anos decidi por mim. Gostava e gosto muito de dança e o Folclore cativa-me” (B11). Outras respostas falam das experiências anteriormente vividas no Grupo de Folclore Infantil, tendo, numa fase já posterior, sido convidados a ingressar no grupo adulto: “Anteriormente já tinha estado no Grupo Infantil e Juvenil da Casa do Povo da Camacha (...) a uma certa altura tive o convite para ingressar no Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha” (T1). Nota-se em algumas respostas que a entrada para o GFCPC é, igualmente, sentida como uma forma de ocupação dos tempos livres e uma oportunidade de conviver, sair e conhecer outros lugares, costumes e tradições: “...possibilitou-me conhecer novas culturas, novas formas de viver, de ser e de estar, contribuindo assim para um conhecimento da diversidade cultural que existe no mundo...” (B10). Os amigos também aparecem referenciados em algumas das respostas: “Talvez influenciado por elementos amigos que já faziam parte do Grupo” (T10).

Para a questão: *Consideraria indiferente participar neste ou num outro Grupo da freguesia, ou de um outro Concelho da Região?* Há claramente uma maioria de respostas que revelam bem o orgulho e o sentido da pertença: “... acho que não iria encontrar um grupo que me acolhesse da mesma forma que o GFCPC acolheu” (B1); “Para mim não faria sentido fazer parte de um outro grupo, uma vez que este é parte da minha memória efetiva” (T2); “Não. O GFCPC será sempre um representante a mais alto nível da Região por toda a sua história” (T9). Há, no entanto, algumas respostas a revelarem maior abertura e, sobretudo, entendimento, do que para eles consideram motivação para estarem num grupo de folclore, seja ele qual for e em que região seja: “À partida diria que sim, porque qualquer grupo tem a nobre missão de preservação e divulgação do património” (B8).

Quais as atividades de que mais gosta de participar? Verifica-se muitas respostas coloca os dias de ensaio como uma das atividades que mais gostam de participar. Outras respostas, com incidência nos elementos mais velhos, consideram que gostam é de bailar, independentemente, da atividade em que estejam a participar: “Bailar é o que

mais gosto” (B10); “Gosto de todas, mas deixem-me bailar. Gosto muito” (B11). Outras respostas apontam para todas as atividades em que participam e dinamizam: “De uma forma geral gosto de participar nas atividades do grupo, sendo que as favoritas são os jogos tradicionais, as atividades de Natal e os festivais” (B7); “Atuações, Recriações Históricas, participação em Festivais” (B8); “Gosto particularmente de quando participamos em Festivais de Folclore” (T2); “Gosto sobretudo das atividades desenvolvidas nas festividades do Natal, as Missas do Parto, da romagem na noite de Natal e o cantar dos Reis” (T11).

As Missas do Parto são uma das maiores tradições das festividades de Natal, que acontecem entre os dias dezasseis e vinte e quatro de dezembro. São uma devoção mariana, acontecem de madrugada, habitualmente, pelas seis horas da manhã, e celebram a gravidez da Virgem Maria, na figura da Nossa Senhora do Ó que, na Madeira, é denominada: Nossa Senhora, Virgem do Parto. Após as missas do parto segue-se a missa do galo, na noite de 24 de dezembro.

Estas eucaristias são muito participadas, para além do lado religioso, têm um lado profano, lúdico e recreativo. Nelas, são entoados cânticos tradicionais próprios da ocasião. Terminado o ato litúrgico, as pessoas reúnem-se no adro da igreja em convívio, partilham comes e bebes — bebidas quentes (cacau quente, café), licores, poncha (bebida tradicional madeirense composta por aguardente de cana, mel de abelha, limão e laranja) broas de mel e de coco, rosquilhas e sandes de carne vinha-d'alhos — e formam-se grupos de cantares populares onde se tocam instrumentos musicais regionais, como o rajão, as castanholas, a braguinha ou machete, o pandeiro, o pife, o bombo e a gaita ou harmónica.

À questão: *Já pensou alguma vez sair do GFCPC? Se sim porquê?* Muitas respostas são afirmativas, já ponderaram sair, uns por questões familiares, filhos pequenos, outros, nomeadamente, os mais jovens, pelo tempo que têm de dedicar aos estudos universitários, outros, em muito menor número, referem os conflitos entre elementos do Grupo, enquanto motivo para deixar o Grupo: “Sim. Toda e qualquer coletividade agrega sensibilidades diferentes (...) a reflexão relativiza e amortece hostilidades submetendo o individual ao coletivo” (B9). Por outro lado, o *õnãõõ* aparece, igualmente, em muitas das respostas.

Para a questão: *Sente uma maior proximidade com as pessoas (do Grupo) da sua idade ou de todos em geral?* Embora na larga maioria das respostas verificar-se que os elementos do Grupo convivem entre si, independentemente da sua geração: “De todos em geral tanto com os adultos como com os da minha idade” (B1), são também poucos os que fazem a ressalva de que há maior afinidade, proximidade, entre elementos da mesma geração: “Naturalmente sinto mais afinidade com pessoas próximas da minha faixa etária, mas ao mesmo tempo tenho ligações profundas com pessoas de outras idades” (T2).

Das quatro questões: *Qual considera a razão mais forte porque continua no GFCPC? “A tradição da região/freguesia onde nasceu e/ ou vive”, “Uma tradição de família”, “O convívio no Grupo”, ou “Gostar deste estilo de música e dança”* O convívio é a maior razão pela qual continuam no Grupo. Em segundo lugar o facto de ser uma tradição de família. De seguida, é o facto de ser uma tradição da região/ da freguesia. Só depois, e por último, aparece o gosto pela música e pela dança.

No conjunto de questões sobre a **Identidade e pertença** começamos por questionar: *Identifica-se com as tradições culturais de região onde nasceu e vive?* As respostas a esta questão foram todas elas afirmativas, todos se identificam com as tradições culturais da sua região: “Sim, ouvia os meus avós, tios e pais e completou-me como pessoa e enriqueceu-me...(B11).

Se tivesses que escolher um local para viver, qual escolherias, a região onde vives ou outra? A maioria dos mais jovens respondem que escolheriam outra região para viver, justificando pelas dificuldades de arranjar emprego na freguesia onde moram, na Camacha: “Nós jovens gostamos muito da Camacha, mas temos de pensar no futuro, em ter um trabalho, uma casa, e quem sabe, mais tarde, constituir família. O problema é que o trabalho cá é muito escasso” (B5). No entanto, outros manifestam ainda dúvidas: “Sinceramente, não sei, porque já estou tão afeto a esta terra” (T6). Os mais velhos respondem que escolheriam a região onde vivem.

Para a pergunta: *Conhece a história deste rancho, a sua origem?* Os mais novos são os que tiveram maior dificuldade em responder afirmativamente a esta questão: “Sei que uma das fundadoras foi a senhora Maria Ascensão, que já faleceu (...) sinceramente, pouco mais conheço da história do Grupo” (B2). Os mais velhos revelam-se bastante

conhecedores da história do Grupo e conseguem, de forma resumida, falar das origens e a sua evolução, até aos dias de hoje.

5.4 Discussão dos resultados

A relação com o GFCPC está fortemente suportada pela família e a sua permanência, ou não, no tempo, de cada elemento, difere, principalmente, consoante o vínculo familiar existente. São claras as evidências e é muito curioso verificar que, não contando com os elementos com maior antiguidade no Grupo, os elementos intermédios são provenientes de núcleos familiares alargados: os filhos, os netos, que já estão no Grupo desde os primeiros anos de vida, porque os seus pais já participavam. Por outro lado, a vinda de novos elementos para o Grupo ocorre porque há uma ligação com outros elementos que nele participam, nomeadamente, namorados e amigos, é por meio deles que acontece a aproximação e a adesão ao Grupo. Estas três categorias são importantes para entendermos as diferenças que podemos verificar, no modo como todos os elementos atuam no seio do Grupo e a sua importância para eles. Refiro-me à relação de pertença: os elementos mais antigos “olham” para o Grupo como uma extensão da própria família, os elementos intermédios, embora acompanhem os pais no Grupo desde tenra idade, vêem o Grupo como uma tradição, sobretudo, dos pais e dos avós. Os amigos já consideram mais o Grupo como um “espaço” de entretenimento, de lazer. Estas formas distintas de relação podem ajudar a entender a permanência, ou não, dos elementos no Grupo ao longo do tempo, nomeadamente, a capacidade em se adaptarem e resistirem as dificuldades motivadas por questões pessoais, dentro e fora do contexto do Grupo, ou até mesmo profissionais. O modo como “vivem” no Grupo, o empenho e a dedicação, tudo isso está, igualmente, interligado na relação que os elementos assumem perante o Grupo.

Constatamos que a “herança familiar” acompanha este Grupo, desde o tempo da sua formação aos dias de hoje. Ao longo do tempo o conceito vai-se alargando, na medida em que já não apenas, os pais e os filhos, como também, os irmãos, os primos, os namorados e os amigos. O facto de tratar-se de uma localidade do interior da ilha, isolada, e do surgimento de mais seis grupos na freguesia, poderá ter contribuído para que esta dinâmica perdurasse no tempo. Porque todos os elementos têm uma ligação: familiar, ou de amizade, não foi possível confirmar qual é também a “abertura” do Grupo para a comunidade, no sentido de acolher pessoas, sem qualquer ligação, mas

que pretenda aderir ao Grupo, simplesmente, porque gostaria de experimentar, ou porque gosta do folclore. De todo o modo, nos testemunhos que pude recolher junto da direção do Grupo, é referido que qualquer pessoa da freguesia pode, se assim o quiser, pertencer ao Grupo.

A disponibilidade que os elementos manifestam em colaborar nas atividades, e que vai para além dos ensaios, não será apenas uma consequência da relação que têm com o Grupo, estará, igualmente, relacionado com o sentimento de identidade cultural local, o orgulho pelas suas tradições, usos e costumes, retratos do antigamente da freguesia, e que espelham a vivência, o saber dos antepassados, evidenciado com mais significado e sentimento nos indivíduos mais velhos. Importa destacar o sentido de orgulho pela cultura popular, no modo como falam das suas vivência nas festividades em que participam, ao longo de todo o ano civil: as festividades do Natal, através da animação das Missas do Parto, a construção da Lapinha tradicional madeirense, a romagem dos pastores na noite de Natal, o cantar dos reis; as festividades do Espírito Santo, através da confeção dos pães e das bandeirinhas alusivas ao Espírito Santo e a animação pelas ruas durante a cortejo, costumes e tradições onde o religioso convive harmoniosamente com o profano, com o popular, muito vivenciadas por toda a Ilha Madeira, em particular, na freguesia da Camacha; a organização dos jogos tradicionais na Quaresma: a simbiose perfeita entre diferentes gerações, onde os mais velhos ensinam aos mais novos as brincadeiras do antigamente; a Gala de Folclore Maria Ascensão, homenagem a “loira da Camacha”, fundadora do Grupo; entre outras atividades de cariz cultural.

Para além disso, há claras evidências de que esta disponibilidade varia muito, dependendo da ocupação que os elementos têm na sua vida pessoal e profissional. Um elemento que não consegue contribuir tanto como outro, não significa que tem menor ligação ao Grupo, ou as tradições locais. Há elementos que vivem e trabalham na freguesia, outros vivem, mas, trabalham em uma outra localidade. Temos os mais jovens, alguns são ainda estudantes. Estas e outras realidades contribuem para que estas diferenças, ao nível da disponibilidade, sejam distintas entre os elementos participantes.

Aquele que é o contributo do GFCPC para o desenvolvimento pessoal dos seus elementos é muito diferenciado e há quem identifique até, mais do que um motivo. A faixa etária mais jovem valoriza a oportunidade de viajar, de conhecer melhor a Região, conhecer Portugal continental, e até outros países, o contato com outras culturas, falam

do desejo que sentem em conhecerem outros jovens, de outros lugares, justificado pela falta de juventude na freguesia. A faixa etária mais antiga no Grupo valoriza o companheirismo, o convívio, a possibilidade de “passar o tempo”, o que é manifestamente pertinente numa freguesia envelhecida. Há, por outro lado, a possibilidade de convívio entre gerações distintas, um grande contributo para aprendizagens, crescimento pessoal, de “abertura” para outros conhecimentos de parte a parte. Os elementos são quase unânimes quando referem que, no âmbito pessoal, o Grupo potencia uma valorização das tradições, usos e costumes da sua freguesia, uma maior consciencialização da cultura popular local, que lhes confere uma identidade cultural.

Podemos, então, referir que os elementos identificam contributos de âmbito mais individual, e de acordo com a geração (mais jovens e mais velhos), assim como, contributos de carácter mais coletivo, relacionados, mais concretamente, com a cultura popular da sua freguesia, com as tradições. De todo o modo, parece-nos que os contributos individuais têm maior valorização em relação à questão da identidade local, podemos interpretar que, apesar desta consciência de pertença cultural, os elementos tendem a dar mais significado ao contributo pessoal/ individual, que diz respeito a cada um, para permanecerem e, ou, aderirem ao Grupo.

Em relação aos motivos que estão na origem da vinda para o GFCPC, verificamos que na maioria aconteceu por já lá terem familiares, e as evidências são bastantes, de como é forte a tradição familiar no Grupo, que se mantém aos dias de hoje. Para além da família, os amigos estão também mencionados nos motivos. Por outro lado, o desejo e o orgulho, de pertencer ao Grupo, enquanto referência do folclore da freguesia da Camacha, da Região e, igualmente, para lá do oceano (Portugal continental e no estrangeiro). Há também o fator de transição, ou seja, existem elementos que participavam no Grupo Folclórico Infantil e Juvenil e que, por convite, transitaram para o Grupo adulto. O gosto pelo Folclore, em geral, a referência ainda muito presente nas pessoas, não tanto pelas gerações mais novas, da alegria e espontaneidade da “loira da Camacha”, Maria Ascensão, a bailar com o Grupo e a desfilar nos cortejos alegóricos da Festa da Flor, são outros motivos apontados. Entre os motivos já apontados os elementos, sobretudo os mais velhos, referem ainda que vão em busca do divertimento, ocupar o tempo livre, conhecer outras pessoas, passear, sair da rotina. Os mais novos

acrescentam a oportunidade de poderem sair da Região, de viajarem, conhecer outras regiões, outros países, criar novas relações de amizade, conhecer novas culturas.

No âmbito desta questão, verifica-se que a “tradição familiar” é a principal referência na adesão ao Grupo, o que transmite uma ideia de “continuidade”, uma extensão da família, que sendo positivo, acarreta constrangimentos, alguns elementos reforçam esta imagem, quando falam das dificuldades na gestão de conflitos. Pode acontecer, por exemplo, que tomadas de decisões sejam influenciadas pelo fator “família” e não unicamente pensadas para o bem do Grupo. Por outro lado, a ideia da diversão, do entretenimento, é muito importante, numa freguesia envelhecida, mais isolada, com poucas outras oportunidades para “passar o tempo”, quer para os mais velhos, quer para os mais novos, e que vai em conformidade com a finalidade primordial do folclore já no passado: a confraternização e diversão, após um longo e árduo dia de trabalho no campo.

Os participantes revelam um sentimento de pertença ao Grupo evidente. São poucos, principalmente, nos mais velhos, os que pensam na possibilidade em ingressarem num outro grupo de uma outra região. São os mais jovens que mais ponderam essa possibilidade porque, por um lado, sentem que a sua terra não oferece condições de trabalho e de vida que vão ao encontro dos seus desejos, dos seus projetos pessoais e profissionais, por outro lado, há a dificuldade em conciliarem os estudos com os ensaios e as atuações do Grupo. Embora se verifique uma forte unidade no Grupo, há os que, ainda assim, apontam para algumas dificuldades na gestão de conflitos no seu meio, justificado, pelos mais antigos, pelos já muitos anos no Grupo, “cansaço”, como, por alguma “impaciência” em relação aos mais novos. Outros, revelam manifestamente indiferença em pertencer a este, ou a aquele Grupo, desde que o objetivo principal seja acautelado, ou seja, como prioridade principal permanece a ideia da preservação e divulgação do folclore. Para os elementos participantes, o Grupo desempenha uma dupla finalidade, representar uma cultura local e, ao mesmo tempo, alternativa de ocupação de tempos livres, quebrar a rotina, o isolamento e a monotonia de quem vive numa localidade do interior da Ilha.

Verifica-se que os jovens, embora tenham as suas raízes na Camacha, e gostem da sua freguesia, reconhecem, quase com naturalidade, que para virem a usufruir de um futuro mais próximo das suas ambições, com outras oportunidades, poderá ser necessário

deixar a sua terra. Os que vão estudar para fora da Região não escondem a saudade e o desejo do regresso, nomeadamente, em época de férias, para reverem os seus familiares e amigos e poderem estar com o Grupo e assim também reviverem as tradições da terra, dependendo da época em que tal acontece (Natal, Páscoa, Verão), o que significa que, embora participem agora de uma outra realidade, numa outra região, o sentimento de pertença permanece. A maioria dos elementos mais velhos do Grupo não vêm já essa possibilidade, já têm a sua vida bem definida na freguesia, embora alguns trabalhem fora da Camacha, mantêm a sua residência lá. O Grupo já faz parte da rotina quotidiana, da vivência, de um modo de estar na vida. Mesmo assim, há quem considere representar outro Grupo, referindo que o mais importante é mesmo o folclore e não, propriamente, o Grupo que está a representar, o que pode indiciar algum “desencanto” no relacionamento e na vivência com outros elementos. O facto de existir outros grupos na freguesia (são seis) pode indicar que alguns elementos estão mais apegados à freguesia, às tradições populares, há a referência identitária cultural local, do que especificamente ao Grupo.

As atividades mais apreciadas pelos elementos recaem nas atuações e saídas, sobretudo, para fora da Região, para muitos, uma oportunidade única de poderem conhecer outras regiões e outros países. Para além do convívio e dançar em palco, destacam a oportunidade de mostrar aos outros as tradições culturais da sua Região, assim como, também conhecerem outras. As festividades religiosas que ocorrem ao longo do ano, nomeadamente, as festas do Natal e do Espírito Santo, estão, igualmente, entre as preferidas e que são, manifestamente, muito queridas e vividas na freguesia da Camacha, assim como, por toda a Ilha da Madeira. São momentos importantes, de identidade local, onde o religioso e o profano/tradicional se impulsionam mutuamente em perfeita simbiose. Os jogos tradicionais, que acontecem pela Quaresma, a Gala de Folclore: Maria Ascensão, os cortejos etnográficos, são outras atividades referenciadas como preferidas, que espelham o orgulho pelas tradições deixadas pelos seus antepassados e a gratidão por aqueles que deram um importante contributo na sua preservação e divulgação.

A identificação com as tradições da sua freguesia e da Região é confirmada por todos os elementos. Há a noção de pertença, de identidade cultural local, muito mais evidente nos elementos mais velhos e nos elementos com um percurso no Grupo desde muito

cedo. Refiro-me aos elementos oriundos da “tradição familiar”, que falam das tradições culturais com maior apego, orgulho e carinho.

As atividades em que o Grupo intervém, enquanto participante, ou dinamizador, são facilmente identificadas nas respostas dos elementos do Grupo e parecem, todas elas, representar momentos importantes. A maior, ou menor identificação com esta e aquela atividade, parece residir nas experiências individuais e no modo particular com que a elas, os elementos, se identificam. Por outro lado, a visibilidade de algumas atividades, para lá do limite da freguesia, pode potenciar também a uma maior valorização individual. São as atividades que acontecem quando a freguesia se “veste de festa” para receber visitantes, quer madeirenses, oriundos de outras freguesias da Região, que por estrangeiros, que procuram na Ilha experiências culturais ricas em tradição. É nestes momentos que o orgulho pela sua terra e pelas suas tradições culturais mais se manifesta. Depois, temos aquelas atividades em que há uma realização individual de âmbito mais pessoal, como é o caso das viagens ao estrangeiro, ou, simplesmente, o prazer de bailar, como referem alguns elementos mais velhos do Grupo. É a possibilidade de realizar objetivos individuais que faz com que as atividades sejam mais valorizadas e identificadas como mais importantes.

Acerca do conhecimento que possuem da história do GFCPC, não há dúvidas de que são os mais velhos que detêm maior “sabedoria”. Os jovens conhecem muito pouco a história do Grupo e a sua origem, possuem, sobretudo, referências de algumas personalidades relevantes na história do Grupo, pelo papel que tiveram na sua formação e evolução ao longo do tempo, nomeadamente, Carlos Santos e Maria Ascensão. Os que conseguem falar acerca da história do Grupo, são aqueles que estão no Grupo desde pequenos, porque os pais já pertencem ou pertenceram ao Grupo. A ausência de curiosidade e de conhecimento sobre a história do grupo acontece, possivelmente, por estarem mais centrados nas questões atuais do Grupo e menos no passado.

Os conceitos abordados no presente estudo interligam-se com um tempo passado, uma realidade distante, que retratam vivências e tradições passadas, que hoje continuam a ser recriadas, reinventadas. Estes exemplos coletivos mantêm um sentimento de pertença a uma tradição cultural representativa dos antepassados e procuram celebrá-la, através de atividades de âmbito performativo. Importa aqui ressaltar o importante papel que o GFCPC tem vindo a desempenhar, o mérito conquistado, no modo como os seus

intervenientes interagem e constroem um espaço gerador de relações onde se influenciam mutuamente e desenvolvem uma pertença coletiva, intimamente, relacionada com a identidade de cada um, mas também com o próprio Grupo. Importa refletirmos sobre o impacto do Grupo enquanto facilitador e promotor das dinâmicas culturais, assim como, o espaço privilegiado e de excelência na transformação social.

Os grupos de folclore assumem esta função de preservação, divulgação e de transmissão dos usos, costumes e das tradições dos nossos antepassados, sempre conscientes que o tempo presente é claramente diferente do tempo passado, não se pretende valorizar um em detrimento do outro, nem copiar os padrões de vida do passado nas vivências atuais do presente, o que não é impeditivo de assumirmos claramente esta consciência social e cultural, em mantermos viva a memória das tradições passadas e recriá-las no presente, enquanto construção da identidade cultural local.

Enquanto figura jurídica, os grupos folclóricos assumirão uma atitude diferenciadora na defesa do património cultural e desencadear novos processos de desenvolvimento local, suportados em elementos culturais que conjuguem tradição cultural e desenvolvimento local, em territórios onde a desertificação continua a ser uma realidade.



Capítulo VI

6. Conclusões

Este estudo visa dar resposta às questões de investigação apresentadas no I Capítulo: Quais as dinâmicas implementadas pelo Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha (GFCPC) na (re) construção da sua identidade, desde a sua formação até aos dias de hoje? Quais os princípios reguladores adotados pelo GFCPC na construção de um lugar de memória, representativo da identidade cultural local e regional? Como se enquadram as atividades do GFCPC nas políticas culturais locais e regionais?

Quais as dinâmicas implementadas pelo Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha (GFCPC) na (re) construção da sua identidade, desde a sua formação até aos dias de hoje?

O cruzamento, dos dados empíricos, com a revisão da literatura, revela-nos elementos que apontam para uma dinâmica familiar, como principal fator impulsionador deste Grupo, desde a sua formação até aos dias de hoje, resultante da prática musical tradicional familiar existente na freguesia da Camacha, vincadamente forte em tradições, usos e costumes. O Grupo é uma extensão da esfera familiar, ou, como dizem, representa uma “segunda” família. Se quisermos “visitar” e compreender a época em que o Grupo inicia a sua formação, os contornos requintados em como ocorre o processo de recrutamento dos seus intervenientes, vamos encontrar acontecimentos verdadeiramente interessantes e que demonstram como foi importante a família, no modo como se desenvolveu a formação do GFCPC, e ainda se mantém presente nos dias de hoje.

O propósito de convidar primeiro os rapazes para aderirem ao Grupo, não foi simplesmente casual, revela engenho e sabedoria, numa época em que as raparigas solteiras não podiam sair sozinhas para qualquer lado: “Não foi fácil como eu pensava, pois há 50 anos as coisas eram diferentes, e os meus pais e de todos os outros elementos femininos não aceitavam deixar as filhas saírem da sua terra, assim solteiras”. Estas palavras são de Maria Ascensão, numa das suas entrevistas que deu, o que demonstra como não foi fácil convencer as mães a deixarem as suas filhas virem para o Grupo, sob o “olhar” e o escrutínio popular, numa comunidade isolada e pequena, naquele tempo.

Com a vinda dos rapazes vieram as irmãs, as namoradas... É curioso percorrer o tempo passado do Grupo e verificar como esta dinâmica de “tradição familiar” foi evoluindo e se alargando ao longo do tempo. Hoje mantém-se essa dinâmica e constata-se que, em alguns casos, existe várias gerações de uma só família a pertencerem ao Grupo. Na verdade, os casais que participam no Grupo começam a trazer, também, os filhos, que, entretanto, vão nascendo e crescem já inseridos neste contexto. Não surpreende que no tempo presente, encontremos referências aos netos. O facto de terem ingressado no Grupo, ainda durante a infância, poderá ter sido uma opção da família, a razão de continuarem lá, nos dias de hoje, já se trata de uma escolha pessoal. A vivência no Grupo, faz com que os seus elementos encontrem traços identitários que permitem a cada um, individualmente, unir-se afetivamente e emocionalmente ao Grupo, tendo como referencial a terra de origem dos seus antepassados, que funciona como um vínculo de pertença, de solidariedade e de proteção.

Ainda neste âmbito, há que ressaltar o facto de a Casa do Povo da Camacha, para além do GFCPC, ter ainda um Grupo de Folclore Infantil e um Grupo de Folclore Juvenil, o que revela uma preocupação em continuar a potenciar novos elementos que possam vir no futuro a ingressar no Grupo principal. Estas são condições para alguma mudança na dinâmica de ingresso ao Grupo, ainda que a “tradição familiar” se mantenha forte, poderá constatar-se futuramente o ingresso de elementos que transitem dos grupos mais novos de formação.

A dinâmica familiar apresenta também alguns constrangimentos, na gestão dos conflitos no seio do Grupo. Regra geral, será de esperar que os “pequenos” grupos familiares que existam tomem partido dos seus, na tomada das decisões importantes para a vida do Grupo, sendo que essas decisões podem não estar, necessariamente, em concordância com as ideias dos restantes elementos do Grupo, mas, apenas de um pequeno grupo familiar. Por outro lado, se ocorrer a saída de algum elemento, principalmente, motivada por questões de conflitos dentro do Grupo, pode “incentivar” a que os restantes elementos da mesma família também acabem por sair, o que revela que, ainda que exista uma forte ideia de pertença ao Grupo, a família está sempre em primeiro plano. Há ainda a considerar alguns conflitos que acontecem no Grupo que não estão relacionados com a vivência do Grupo, são os elementos que trazerem de fora para dentro do Grupo, problemas entre elementos da mesma família, ou entre grupos

familiares. São acontecimentos que podem colocar em risco a coesão do Grupo, ainda que se reconheça que quando se trata de representar o Grupo e a cultura popular local, há sempre um sentimento mútuo de orgulho e de pertença.

Outra dinâmica com muitas evidências está estreitamente relacionada com a participação nas festividades cíclicas locais, onde o religioso e o popular “casam” de um modo bastante particular e muito harmonioso. Não podemos esquecer que na Região existe uma forte religiosidade, principalmente, por parte dos mais idosos e, também, dos emigrantes que, em determinados períodos do ano, chegam às comunidades de origem e todos se unem para honrarem, particularmente, os seus santos padroeiros e outros santos devotos.

A participação nas festividades do Natal, que serão certamente as mais marcantes e vividas em toda a ilha, em particular na Camacha, através da animação das Missas do Parto, a participação na romagem na noite de Natal (entrada dos pastores na Missa do Galo), a construção da Lapinha (Presépio) tradicional madeirenses, a Noite de Reis, onde se “deitam” votos para um ano próspero e “pedidos” ao Menino Jesus, através de quadras escritas para esse propósito, com melodias simples e melodiosas, acompanhadas pelos instrumentos tradicionais; os jogos tradicionais da Quaresma, outra importante atividade dinamizada pelo Grupo, trás para as ruas brincadeiras e jogos do antigamente, onde as gerações se interpelam mutuamente; as festividades do Divino Espírito Santo, muito acarinhada e com forte tradição na Camacha, com a bênção do pão como o seu momento mais alto; são festividades que exigem muito tempo de trabalho, muita dedicação, apoio e colaboração, por parte dos seus elementos e muito para lá das horas semanais destinadas para os ensaios. Ainda que alguns participantes se identifiquem mais, do que outros, com as questões relacionadas com as tradições da terra, e não sejam essas as principais motivações para estarem no Grupo, é consensual o modo como se identificam a ideia de pertença ao Grupo e se preocupam com a qualidade das suas performances, seja em qual for o contexto. Esta é uma ideia que já está perfeitamente incorporada no espírito do Grupo e que representa o modo como o Grupo opera em prol da sua própria identidade.

Já aqui fiz menção aos ensaios que o Grupo realiza semanalmente, quero tornar a referenciá-los, porque é onde acontecem muitos momentos de convívio, onde criam-se condições para que saiam reforçados os laços de amizade entre todos os elementos do

Grupo. É interessante que esta questão seja tida em conta, que não exista apenas a preocupação em ensaiar e aperfeiçoar as performances, que seja permitido e dado espaço para a espontaneidade, a alegria, as conversas e brincadeiras. Na verdade, a essência do Folclore é isto mesmo, já o era no passado, depois de um dia árduo de trabalho, principalmente, agrícola, as pessoas juntavam-se e passavam momentos em convívios, momento de partilha, onde se cantava e dançava, sem uma preocupação estética performativa, mas, pelo contrário, livres, “retirados” do momento. Esta ideia permite que os elementos participantes entendam os ensaios, não unicamente como um momento “sério”, mas, especialmente, de convívio, de confraternização entre todos. São dinâmicas que visam uma melhoria da relação entre todos, nomeadamente, entre as diferentes gerações, embora, neste âmbito, os elementos procuram sempre aqueles com quem se identificam mais, o que não é necessariamente um aspeto negativo.

As viagens para fora da Região representam, igualmente, uma dinâmica interessante e que marca, desde sempre, a vida deste Grupo. Ainda que se realce como uma oportunidade de contactarem com outras culturas e tradições, assim como, darem a conhecer a Ilha da Madeira, através da música e das danças, estas atividades são tidas como uma oportunidade para saírem da sua freguesia, da Região, talvez, a única oportunidade em viajarem. Para os mais velhos, que vivem todo o ano na freguesia, muitos só saem da Região quando acompanham o Grupo, para os mais novos, que ainda não tiveram a oportunidade em viajarem para fora da Região, o Grupo dá-lhes esta possibilidade em conhecerem outras regiões e outros países, contatarem com outras pessoas, com diferentes realidades culturais. Estas atividades apoiam a ideia de pertença ao Grupo, na medida que lhes proporciona vivências que de outro modo, talvez, não viessem a experimentar e a vivenciar.

O GFCPC apresenta dinâmicas próprias, por influência da “tradição familiar” que o acompanha, desde a sua formação aos dias de hoje, pela forte vivência e o orgulho pelas tradições das gentes da freguesia da Camacha, desde os tempos mais antigos, considerada a freguesia do folclore na Região, e pelo modo como os seus elementos se consideram integrados e as suas motivações pessoais e profissionais. A identidade do Grupo parte muito do modo como os seus elementos interagem dentro do próprio Grupo, deixando mais de parte o individual, as intensões e ideias pessoais, acolhendo o coletivo, a partir dos objetivos comuns estabelecidos, neste caso, e em particular, o de

preservar e divulgar as tradições locais dos antepassados. Não se trata de omitirmos as motivações individuais, que dizem respeito a cada um, nem, principalmente, as ideias e opiniões que cada um tem para oferecer ao Grupo, pelo contrário, estas devem sempre ter o seu espaço e momento, para que possam ser partilhadas e discutidas. Mas, é a partir dessa partilha de ideias e de opiniões que o Grupo encontra a unidade, a convergência de pensamentos que pode potenciar a (re)construção de uma identidade mais forte e a ideia de pertença ao Grupo ao longo do tempo.

Quais os princípios reguladores adotados pelo GFCPC na construção de um lugar de memória, representativo da identidade cultural local e regional?

Duas figuras incontornáveis personificam o que foi no tempo passado e representa hoje, no tempo presente, o GFCPC. Falo de Carlos Santos e de Maria Ascensão Fernandes, nomeadamente. O folclorista Carlos Santos deixou um importante legado escrito, no âmbito do panorama do folclore Regional e, em particular, para o Grupo, no modo como ainda hoje se apresentam nas suas práticas performativas – a indumentária/traje, na dança e na música, através das canções tradicionais, de trabalho e de lazer, assim como, nos instrumentos musicais tradicionais madeirenses. O GFCPC mantém-se fiel à herança deixada por Carlos Santos, que facilmente podemos confirmar nas suas obras: “Tocares e Cantares da Ilha: estudo do folclore da Madeira” (1937); “Trovas e Bailados da Ilha” (1942); “O Traje Regional da Madeira” (1952). As recolhas feitas nos últimos anos resultam do testemunho das pessoas mais idosas da freguesia, que ainda guardam tradições do antigamente, muitas elas relacionadas com a medicina tradicional, crenças, superstições, lendas, transmitidas oralmente, de geração em geração. Contudo, os grandes “alicerces” em que o Grupo sustenta toda a sua apresentação e performance, no que se refere ao traje, as danças, a música e aos cantares, reportam às origens do Grupo, quando Carlos Santos assumiu a função de ensaiador.

Carlos Santos representa o tempo passado, a bem dizer, foi com ele que o Grupo atingiu grande sucesso em eventos internacionais: primeiro, no Concurso Internacional de Danças e Canções, em 1949, em Madrid, onde obteve o 2.º lugar na sua modalidade (Danças populares – Agrupamentos mistos) e a faixa de honra, pela originalidade do grupo. Este evento foi o “responsável” para que se tivesse formado o Grupo. Dois anos mais tarde, em 1951, o GFCPC volta a participar num concurso no estrangeiro, desta

vez no Festival Internacional de Folclore de Biarritz (França), tendo na mesma viagem realizado apresentações em Saragoça, Madrid e Lisboa. Não é de surpreender que o GFCPC se mantenha “afeto” à memória de Carlos Santos, o trabalho que desenvolveu, e que não se fica apenas no seu extraordinário trabalho de investigação, enquanto, folclorista, como, sobretudo, na história da formação deste Grupo, que perduram no tempo, através daqueles que depois dele vieram, e que representa muito a identidade do folclore madeirense, mas, sobretudo, do folclore da Camacha.

“A loura da Camacha”, como carinhosamente era tratada, e ainda hoje reconhecida, volvidos que estão vinte anos do seu falecimento, pelo da Camacha e na Região, Maria Ascensão Fernandes, o ícon do GFCPC, é merecidamente, uma das figuras mais acarinhadas e emblemáticas da cultura popular regional. É a “alma” fundadora do GFCPC, de sorriso aberto e franco, sempre pronta para levar as danças e os cantares da Madeira pelo mundo inteiro. Até a década de setenta foi responsável pela confeção e preservação dos trajes. Para além disso, e no grupo de folclore, dinamizou atividades durante mais de cinquenta anos, que envolveram não só os elementos do grupo original, como também a formação de novos bailadores.

Maria Ascensão Fernandes representa o tempo passado que nos leva às origens do Grupo e o tempo passado, um pouco mais recente; representa a alegria e a espontaneidade que se quer no folclore, a tradição, o “pulsar” do coração das gentes camachenses e, também, madeirenses. Deixo aqui, como curiosidade, e que revela como Maria Ascensão representa muito da identidade do folclore madeirense, segundo o seu desejo, foi sepultada vestida com o traje tradicional do Grupo.

Recentemente homenageada com um monumento escultórico, pela Casa do Povo da Camacha, Maria Ascensão deu um importantíssimo testemunho e deixa um legado aos mais novos, através das pessoas que com ela privaram, aprenderam, e dão agora o testemunho, a maneira de como emprestar a alegria ao canto e no bailar. No primeiro aniversário da sua morte, em 2001 (anexo 4 e 5) o GFCPC organizou uma Gala Internacional do Folclore Maria Ascensão, com o objetivo de ser uma grande festa da música, dança e cultura insular e preservar assim a memória da sua fundadora, nomeadamente, junto das novas gerações. Desde então, de dois em dois anos realiza-se esta Gala, porque nunca será suficiente enaltecer uma mulher que tanto deu ao folclore madeirense (figura 24).

VIII GALA DE FOLCLORE MARIA ASCENSÃO

13 de Agosto de 2016
Quinta da Camacha

20h30 Orquestra de Bandolins
Casa do Povo da Camacha

21h00 VIII Gala de Folclore

23h00 Teatro Experimental da Camacha

Grupo Folclórico da
Casa do Povo da Camacha
PORTUGAL/MADEIRA

Groupe Folklorique
Les Biroussans
FRANÇA

Grupo de Folclore de
Porto da Cruz
PORTUGAL/MADEIRA

Zespół Regionalny
Magurzanie
POLÓNIA

Organização

Apoios

Região Autónoma da Madeira
Secretaria Regional de Agricultura e Pescas

Design // Fabian Contreras

Figura 24 – Cartaz oficial de apresentação da VIII Gala de Folclore Maria Ascensão.
<https://www.facebook.com/802592753134012/photos/t.100063478303441/109504562055389/?type=3>

Por ocasião da inauguração do monumento escultórico no passado dia quinze de maio de dois mil e vinte e um, o presidente do Governo Regional deixa a garantia da concretização do projeto, para abertura futura da Casa-Museu Maria Ascensão, mostrando um pouco daquilo que foi a sua vida e carreira à frente do GFCPC, um desejo com muitos anos da Casa do Povo da Camacha, à qual o Grupo é afeto (anexo 6 e 7). Tem aqui, o GFCPC, uma oportunidade privilegiada para reforçar a sua identidade, enquanto Grupo, assim como, na freguesia e na Região, ao permitir que, todos os que futuramente visitem este espaço, possam ver e conhecer a sua história e o seu espólio: os trajes e os instrumentos musicais tradicionais, uma vez que até a data tal não acontece. Sem dúvida, trará mais visibilidade ao Grupo, como, também, trará mais responsabilidades, no meu entendimento. Quem sabe, a partir daqui se desenvolvam outras iniciativas relacionadas com o folclore, tais como, workshops e, ou, oficinas, para a aprendizagem de instrumentos musicais tradicionais madeirenses, para um contacto com a música e as danças tradicionais da Região, de modo a atrair, de aproximar, mais pessoas, principalmente, os jovens, para estas questões do folclore, das tradições, da cultura popular.

Vou, neste momento, abrir um parêntesis, apenas para ressaltar o seguinte: ainda que se possa pensar e dizer que a maioria dos jovens de hoje não demonstram muito interesse pelas tradições, pela cultura popular, há exemplos excepcionais de jovens motivados e a realizarem um trabalho de excelência neste âmbito. Na Camacha há um desses exemplos extraordinários, de um jovem, com quinze anos apenas, recupera e constrói na sua oficina instrumentos musicais tradicionais madeirenses, nomeadamente, viola de arame, o brinquinho, o rajão, a braguinha e o machetinho (anexo 8). Eu vejo um problema maior num outro âmbito. Ou seja, de que como as associações culturais, os grupos de folclore, se disponibilizam e apoiam as iniciativas, como esta que aqui apresento, deste e outros jovens interessados, motivados por estas questões do nosso património cultural? Não têm aqui também uma responsabilidade de incentivar, mas, sobretudo, promover estas iniciativas, de modo que aconteçam outros fenómenos como este e outros que já existem?

Agora, retomando, parece-me fundamental que esta “abertura” para a comunidade, já existente, se torne, cada vez mais, indispensável e geradora de união identitária, para

que não se fique, apenas, pela participação nos eventos de âmbito tradicional local, ou, em promover-se junto daqueles que visitam a freguesia, em dias festivos, divulgando a cultura popular. O Grupo é feito de pessoas, pessoas, sobretudo, que residem na freguesia, aquelas pessoas que são os elementos do Grupo, como, aquelas que o acompanham e gostam do folclore em geral. Uma maior e crescente aproximação pode potenciar interesse em participar no Grupo, mais tarde, e garantir a continuidade do mesmo. Espera-se que, deste modo, não apenas, se preserve a memória dos que contribuíram para a história do Grupo, como se projete o futuro, agora, no presente.

É inquestionável a importância que têm estas duas importantes figuras, e há certamente outras, para o GFCPC, como, igualmente, inquestionável a importância dos mais velhos na transmissão das tradições, dos testemunhos, que muitos puderam ainda presenciar em novos. A viabilidade deste *lugar de memória* é, também, ele alcançado pela capacidade dos mais velhos, como detentores de memória e conhecimentos transmitirem aos mais novos esse importante legado. Esta dimensão funcional do Grupo assente entre diferentes gerações, os mais velhos e os mais novos, é transversal a todo o período da existência do Grupo.

Esta contínua dinâmica de partilhas entre os intervenientes possibilita a recuperação das tradições, usos e costumes, da comunidade local, de um tempo passado para um tempo presente, enquanto identidade cultural local, sendo o GFCPC o espaço privilegiado para a concretização, transformação e representação de um bem cultural popular herdado. Por outro lado, o Grupo valoriza-se a si próprio, com uma identidade geradora de unidade e compromisso. É importante que estas e outras figuras, importantes naquele que foi o trajeto passado do Grupo, se mantenham presentes junto dos mais jovens, de modo que não se percam importantes referências e fortaleça a noção de pertença. Contudo, será, igualmente, importante dar resposta aos desafios do tempo presente, para que a sua história não se conforme apenas em recriar o que está feito, pelo contrário, mantenha um olhar crítico, renovado, impulsionado para continuar a “fazer-se ao caminho”, revitalizando, igualmente, memórias de tradições que aguardam pela sua oportunidade de se inscreverem no já rico e vasto património cultural da freguesia da Camacha e da Ilha da Madeira.

Manter estes princípios herdados é revitalizá-los, transformá-los em novas memórias. Não se trata de adulterar memórias e tradições, mas, o de reconhecer que o tempo

passado é diferente do tempo presente, e o passado, pela sua história não pode comprometer o que pode e deve ser feito no presente para potenciar o futuro. Quando olhamos para festividades e outras performances que o Grupo realiza ao longo de todo ano, apercebemo-nos que existe uma simbiose natural, identificamos no Grupo, a comunidade local, com as suas tradições, usos e costumes, compreendemos uma história que aconteceu e percorreu décadas, que foi evoluindo e transformando-se, porque, também, as pessoas vão sendo outras, com outras ideias e pensamentos. Isso não afasta, não “belisca” em nada o que está para trás, o que são as pessoas, os antepassados e o seu papel na construção desta herança, pelo contrário, dá motivação, impele a que continue a (re)fazer-se, a (re)construir-se o saber, a tradição.

Gostaria ainda de destacar, um pouco mais, acerca dos projetos mais relevantes do Grupo, o contributo que dão no processo da construção de um *lugar de memória*. Já referi a Gala de Folclore Maria Ascensão, que se realiza de dois em dois anos, que homenageia a “loura da Camacha”, como, também, todos aqueles homens e mulheres que já pertenceram e os que pertencem ao GFCPC. Para além da referida Gala, o Grupo realizou algumas recriações históricas: “Viúva, o brinco da serra”, uma recriação, em parceria com o Teatro Experimental da Camacha (TEF), que deu a conhecer usos e costumes de outrora, é aquela que mais se destaca, não apenas pelo fantástico trabalho histórico etnográfico, mas, sobretudo, pelo significado que esta parceria pode representar para outros grupos no futuro.

Se é missão principal dos grupos de folclore preservar e promover a cultura popular, as memórias dos nossos antepassados, não será crucial que exista uma salutar cooperação entre grupos, sejam eles de áreas distintas, como: o teatro, dança e a música, ou com as associações culturais existentes, os grupos folclóricos? Se olharmos o exemplo da Camacha, existem na atualidade seis grupos folclóricos, que na verdade rivalizam entre si. Não seria importante existir “pontes”, entendimentos mútuos, em prol do folclore, da identidade cultural local? Ao contrário do que se possa pensar, essa eventual cooperação não contribuiria, igualmente, para o reforçar da própria identidade de cada Grupo, com as suas especificidades e as suas características próprias? Os grupos deveriam se assumir enquanto aglutinadores das diferentes perspetivas na representação da comunidade e da sua cultura, não apenas, cada um com mais uma perspetiva que se quer apresentar como sendo de verdade absoluta. Qual o legado que queremos deixar às

gerações, que exemplos? É importante que todos façamos esta reflexão, porque o património cultural pertence-nos a todos.

A animação da Missa do Parto e pós-missa, seguida de quebra-jejum em parceria com a Casa do Povo da Camacha, a participação nas romarias de pastores da noite de Natal, o Cantar dos Reis, a preparação e participação no Cortejo do Pão, com habitual atuação, nas Festa do Divino Espírito Santo, as saídas em romaria para os típicos arraiais madeirenses, são atividades que, pelo seu caráter, também, religioso, têm particular importância e que comprovam como a cultura popular é o “espelho” da “alma” do povo. Ao darem o seu contributo nestas atividades, o Grupo assume um compromisso fulcral com a comunidade local que representa, trazer do tempo passado para o tempo presente as vivências dos seus antepassados, como que as resgatando de um eventual “esquecimento”. Neste mesmo contexto, os CDs editados pelo Grupo, apoiados pela Casa do Povo da Camacha, permite que fiquem registadas estas tradições, sobretudo, a música, as canções, para memória futura. Pode ser “um passo” importante para que se registre, também, em livro, estas e outras histórias, as tradições, a cultura popular.

Como se enquadram as atividades do GFCPC nas políticas culturais locais e regionais?

O GFCPC está associado à Casa do Povo da Camacha, não se trata de um Grupo autónomo que vive, exclusivamente, e dependente de si próprio. Como acontece em qualquer Grupo, o plano de atividades e os orçamentos são cruciais, tendo em vista os potenciais apoios. Ao analisarmos as atividades e festividades, nas quais o Grupo participa, colabora e, em alguns casos, é o dinamizador, constatamos que a Casa do Povo da Camacha está sempre na retaguarda, ao apoio incondicional ao Grupo. O projeto da Casa-Museu Maria Ascensão, de que já falamos, é proposta da Casa do Povo da Camacha, assim como, o monumento escultórico em homenagem a Maria Ascensão, apoiado, igualmente, pela Junta de Freguesia da Camacha e pela Câmara Municipal de Santa Cruz.

As viagens que realizam fora da Região, para Portugal continental, ou para o estrangeiro, contam sempre com os apoios e financiamento das identidades locais e regionais, nomeadamente, Governo Regional, através dos protocolos com a Associação

de Folclore e Etnografia da Região Autónoma da Madeira (AFERAM), da qual o Grupo é membro, que surgiu em 2005, com principais objetivos: a defesa do Património Cultural Popular da Região; a sensibilização e consciencialização da comunidade regional para a relevância do folclore e etnografia e o fomento da Qualidade no Folclore Regional. A AFERAM faz a “ponte” entre os vários grupos da Região e o Governo Regional, Direção Regional da Cultura, nomeadamente, no que se refere aos protocolos de parceria, numa lógica de afirmação e de valorização dos grupos de folclore da Região, da qual pertence o GFCPC.

Reflexão pessoal final

Desde a data da sua formação, o Grupo mantém-se estreitamente fiel aos ensinamentos deixados por Carlos Santos, não só nos tempos em que orientou o Grupo, como agora, no tempo presente, através do testemunho das suas recolhas, do seu trabalho de investigação, relevantes referências para todos aqueles que se interessam e investigam o fenómeno do folclore, imortalizadas nas suas obras.

Os mais antigos são portadores de memórias identitárias locais importantíssimas e muitas ainda carecem de registo, de modo que sejam preservadas e possam dar contributo a história do povo. Durante muitos anos a transmissão era feita oralmente, de geração em geração, algumas particularidades foram-se perdendo, outras foram acrescentadas. As formas mais interessantes da literatura oral são os contos, os mitos, as superstições e as lendas. Eles exprimem a conceção do mundo compartilhada pelos membros de uma comunidade e servem para reforçar a solidariedade social e a coesão moral de um povo. Dizem que a imaginação do povo, com suas maneiras peculiares de expressão, é que espalha na terra os encantos, as ilusões e as virtudes. Entramos, aqui, no âmbito dos procedimentos, técnicas utilizadas, no âmbito das recolhas etnográficas, assim como, no diagnóstico dos eventuais constrangimentos no âmbito dessa importante tarefa, e que correspondem a duas outras finalidades deste estudo.

É verdade que a transmissão oral, de geração em geração, tem as suas desvantagens, não há dúvida disso. A esse respeito vem-me a memória os passeios pelas bonitas serras da Madeira, ou quando íamos, em família, para a apanha da feiteira (mato) para o gado. A

minha mãe tinha por hábito “provocar-me” com as suas cantigas do trabalho. Algumas ainda hoje reconheço e identifico-as no repertório musical tradicional, outras não, o que evidencia que há muita memória musical oral que se terá perdido no tempo e não haverá porventura registo dessas cantigas.

Por outro lado, muitas dessas memórias perderam-se no tempo, os mais idosos sempre olharam com desconfiança o forasteiro que deles se aproximasse. Os tempos são agora outros, antigamente as localidades estavam muito mais isoladas, não existiam os acessos que hoje existem e que permitem percorrer a Ilha com bastante facilidade. O visitante era sempre olhado com reservas e as conversas, muitas vezes, não fluíam. Recordo-me do professor Rui Camacho, presidente da Associação Musical e Cultural Xarabanda, falar-me, uma vez a esse respeito, quando no passado percorriam ilha adentro, com gravadores de cassetes, visitar as comunidades mais isoladas, com o intuito de recolher histórias, cantigas, jogos, memórias do antigamente... Ele falava exatamente dessa dificuldade, em criar laços de diálogo com apenas uma só visita.

Neste momento falaria da minha experiência profissional, enquanto docente das Áreas Artísticas na Madeira. Considero-me um docente ativo que procura dar o seu pequeno contributo na construção do *lugar de memória*, da nossa identidade, enquanto responsável pela dinamização da aprendizagem dos cordofones tradicionais madeirenses na minha escola (figuras 25 e 26), nomeadamente, a aprendizagem do braguinha, desenvolvido nas atividades de enriquecimento curricular, assim como, o responsável pela dinamização do projeto de complemento curricular: *Eu Represento a minha História*, (figura 27) uma iniciativa da Secretaria Regional de Educação (SRE), que pretende valorizar os conteúdos regionais, sobretudo no âmbito da História Regional e Local. Neste projeto de trabalho os alunos realizam atividades de pesquisa, centradas nas lendas e contos tradicionais madeirenses, com os quais dinamizamos, posteriormente, a Oficina de Expressão Dramática/Teatro.



Figura 25 – Grupo de Cordofones (avanzado) da Escola Básica com Pré-Escolar da Achada (Funchal): apresentação no espetáculo comemorativo do Dia da Região, ano de 2009.



Figura 26 – Grupo de Cordofones (iniciação e avanzado) da Escola Básica com Pré-Escolar da Achada (Funchal): número de abertura do Festival da Canção Infantil 2019.



Figura 27 – Grupo de dança da Escola Básica com Pré-Escolar da Achada (Funchal): número referente ao concurso: “Eu represento a minha história”, apresentado nas comemorações do Dia da Criança em 1 de junho de 2019.

Ao longo dos últimos anos a Direção de Serviços de Educação Artística (DSEA), que veio substituir o extinto Gabinete Coordenador de Educação Artística (GCEA) tem realizado um conjunto de ações promotoras da cultura regional no currículo, com o principal objetivo de contribuir para o fortalecimento da Identidade regional junto das novas gerações. Podemos afirmar que a defesa da cultura local pelo currículo é uma atividade muito complexa e que tem tido várias resistências, a experiência do projeto de regionalização do currículo de educação musical, realizado na Madeira, através da GCEA, atualmente, DSEA – um projeto atualmente designado de “Iniciativas da Componente Regional do Currículo”, comprova todas as dificuldades e constrangimentos sentidos e vividos por todos.

Ao longo deste projeto de defesa do património musical, através do currículo, tem-se assim procurado demonstrar que a identidade regional vai muito além do conceito de “música tradicional”. Apesar de todos os constrangimentos já referidos, é meu entendimento pessoal que a educação artística na Madeira dá um importantíssimo contributo no âmbito da promoção da cultura tradicional madeirense junto dos mais

novos e é, também, por eles que temos de continuar a trilhar este difícil caminho (anexo 8).

Ao concluir este mestrado, penso já em novos desafios, porque este estudo não se esgota em si mesmo, pelo contrário, permitiu que outras possibilidades possam nascer. Deste modo, surgem-me três ideias nas quais vou refletir e analisar a pertinência para um futuro estudo de doutoramento: uma primeira ideia está relacionada com o estudo agora apresentado nesta tese de mestrado: pretendo perceber em que se diferenciam os diferentes grupos de folclore existentes na Camacha, são seis, assim como, perceber se há uma consciência de relação de trabalho conjunto em prol da cultura popular da Camacha. Uma segunda ideia está relacionada com a cultura popular, a relação entre a tradição popular e Fé, intimamente, relacionada com as festividades religiosas/populares existentes na Região. Por último, uma ideia que está relacionada com as “Iniciativas da Componente Regional do Currículo”, estudar a problemática sobre o impacto do contributo das “Iniciativas da Componente Regional do Currículo” no contexto da cultura local e regional.

Seja qual for o caminho a seguir, ficam estas ideias e a minha convicção de que, apesar das dificuldades e dos muitos constrangimentos vividos, no decorrer deste estudo, o desafio a que me propôs está alcançado e permite-me sair da minha zona de conforto, tomar maior consciência do trabalho profissional que desenvolvo, no âmbito das Áreas Artísticas, da responsabilidade e da oportunidade em ajudar as novas gerações a contatarem e conhecerem as tradições locais regionais, a cultura popular, a conhecerem o que foram, o que fizeram e o que deixaram os nossos antepassados.

Bibliografia

- ALMEIDA, J. F. & PINTO, J. M. (1995). *A Investigação nas Ciências Sociais*. 5ª edição Lisboa: Editorial Presença.
- BAZTÁN, A. (1995). Etnografia. In A. A. Baztán (ed), *Etnografia: metodologia cualitativa en la investigación sociocultural*. Barcelona: Marcombo. p.3.
- BERNARDI, B. (1978). *Introdução aos estudos etno-antropológicos*. Edições 70. Lisboa.
- BOGDAN, R. & BIKLEN. S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- BRANCO, J. F. (2003). CARLOS M. S. (1893- 1955). Folclorizador num tempo madeirense, em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan, Branco, Jorge Freitas (org.). *Vozes do Povo: a Folclorização em Portugal*. Celta Editora, 447-453. Oeiras.
- BRANCO, J.F. (2010). *Ascensão e queda de uma cultura popular*. Revista Antropológicas, Ano 14, Vol.21.
- CASTELO-BRANCO, S. E.-S. & BRANCO, J. F. (2003). *Folclorização em Portugal: uma perspetiva*. Em *Vozes do Povo: A Folclorização em Portugal*. Celta Editora. Oeiras.
- CASTRO, M. C. (1979). *O traje popular*. I Congresso da Federação do Folclore Português, Efetuado em Vila do Conde no dia 27 de maio de 1978: Trabalhos e Conclusões, 5-6.
- CERTEA, M. (1980). *Nø k pion du quotidien*. I - Arts de faire. Paris: U.G.E.
- CHOAY, F. (1992). *Lø " C n n 2 i q t k g Edjtions"duRSeuil.tParis q k p g*
- COSTA, S. (2012, 4 de março). *O Património perto de si*. O que é o património cultural? Açoriano Oriental. Governo dos Açores. Direção Regional da Cultura.
- ERICKSON, F. (1986). Qualitative methods in research on teaching. In M. C. Wittrock, *Handbook of research on teaching*. New York: Macmillan. pp. 119-161.
- FERREIRA, P. M. J. P. (2010). *O Natal na Madeira: Estudo Folclórico*. 2.ª Edição (Reimpressão). Secretaria Regional de Educação e Cultura. Direção Regional dos Assuntos Culturais. Funchal.

- FERRETTI, S. (25 a 28 de setembro de 2007). *Religião e cultura popular*. (XIV Jornadas sobre Alternativas Religiosas em América Latina), Mesa redonda & religiões/Culturas Populares, 1-12. Buenos Aires.
- FIGUEIREDO, F. (2000) *Reflexões acerca da metodologia de pesquisa em antropologia social*. Vol. IV, p. 21. Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente.
- FRÓIS, J. P. (2000). *Educação estética e artística: abordagens transdisciplinares*. (F. C. Serviço de Educação e Bolsas, Ed.) Lisboa.
- FRUTUOSO, Gaspar (2005) *Saudades da Terra* (6 vols.). Ponta Delgada (Açores): Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- GEERTZ, C. (1978). *A interpretação das culturas*. Zahar. Rio de Janeiro.
- GIL, A. C. (2009 (4ª Ed). *Como elaborar projetos de pesquisa*. S. Paulo: Atlas.
- GONÇALVES, M. R. (julho, 1995). *A Arte de Recolher*. Revista Folclore, n. 5, pp.18, 19.
- GOETZ, Judith P. & LECOMPTE, Margaret D. (1988). *Etnografia e Diseño Cualitativo en Investigación Educativa*. Madrid. Morata. (Trad. cast.; ed. orig.:1984).
- HALL, S. (1992) *Identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A, Rio de Janeiro
- LEAL, J. (2000). *Etnografias Portuguesas (1870-1970). Cultura Popular e Identidade Nacional*. Dom Quixot.
- LOPES-GRAÇA, Fernando (1991 [1953]). *A Canção Popular Portuguesa*. 4.ª ed. Remodelada. Caminho. Lisboa.
- LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MARCONI, M. A. & PRESSOTTO, Z. M. N. (1992). *Antropologia; uma introdução*. Atlas. São Paulo.
- MARTINS, S.D.T. (2011). *A Memória de um Lugar: discursos e práticas identitárias na Freguesia do Castelo em Lisboa*: Dissertação de mestrado em Antropologia. Lisboa: ISCSP/ Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa.

- MELO, D. (2001). *Salazarismo e cultura popular (1933-1958)*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- MERRIAM, S. (1998). *Qualitative Research and Case Studies Applications in Education*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- MONIZ, R. (2011). *Cordofones Tradicionais Madeirenses – Braguinha, Rajão e Viola de Arame*. Funchal: Associação de Folclore e Etnografia da Região Autónoma da Madeira.
- MOURA, A. (2002). *Uma Crítica Multicultural ao Ensino do Património Artístico nas Escolas Portuguesas do 2º Ciclo*, In *Revista Galega do Ensino-ISSN: 1133-911X- 34 -Fev*, pp. 191-213.
- NORA, P. (1993). *Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História*. São Paulo.
- PACHECO, H. (1995). *Património cultural popular: ambiente dos homens*. Areal Editores. Porto
- PERALTA, E. & ANICO, M. (2006). *Patrimónios e Identidades: ficções contemporâneas*. Editora Celta. Oeiras.
- PRATS, L. (1997). *Antropologia e Património*. Editorial Ariel, S.A. Barcelona
- VASCONCELOS, J. (2001). *Estéticas e políticas do folclore. Análise Social, XXXVI*, pp. 399-433.
- QUIVY, R. e CAMPENHEOUDT. L. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa. Gradiva.
- RIBAS, T. (1981). *Para uma política do folclore em Portugal*. Colóquio sobre Folclore: Comunicações, Discursos e Conclusões, 77-81.
- RIBEIRO, J. A. (1993). *O Trajo na Madeira – Elementos para o seu Estudo*. Acaporama - Associação das Casas do Povo da Região Autónoma da Madeira. Funchal.
- RIEGL, A (1987). *El culto moderno a los monumentos*. Visor. Madrid.
- RODRIGUES, D (2012). *Património Cultural, Memória Social e Identidade: uma abordagem antropológica*. Revista Ubimuseum, Vol.1, 45-52.

- RODRIGUEZ B. S. (1997), *Patrimonio cultural, patrimonio antropológico y museos de antropología*, Boletín del Instituto Andaluz del Patimonio Histórico, 21, pp. 42-52.
- SARMENTO, C. (2008). *A cultura popular portuguesa e o discurso do poder: práticas e representações do moliceiro*. (10), pp. 53-54.
- SANTOS, C.M.P. (1937). *Tocares e Cantares da Ilha ó Estudo do Folclore da Madeira* Empreza Madeirense Editora Lda. Funchal, Madeira.
- SANTOS, C.M.P. (1944). *Trovas e Bailados da Ilha - Estudo do Folclore musical da Madeira*. Edição da Delegação de turismo da Madeira. Funchal, Madeira.
- SANTOS, Ca. M. (1952). *O Traje Regional da Madeira – Estudo*. Funchal.
- STOREY, J. (2003). *Inventing popular culture. From folklore to globalization*. Malden: Blackwell.
- UNESCO. (1972). *Convenção Para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural. Convenção Para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural*, (p. 16). Paris. Obtido de <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>.
- UNESCO. (2003). *Convenção Para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial. Convenção Para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*. Paris: UNESCO.
- YIN, R. (2005). *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*. Bookman. Porto Alegre.

Artigos:

- FREITAS, A.P. (1994). *Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha*. Revista Folclore (nº4), p. 28. Disponível em: https://revistafolclore.files.wordpress.com/2017/04/1994_28.pdf
- FREITAS, A. P. (1992) *Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha*. Revista Folclore (nº2), p. 32. Disponível em: https://revistafolclore.files.wordpress.com/2017/04/1992_32_cpcamacha.pdf

- GONÇALVES, M. R (1995). *A arte de recolher*. Revista Folclore (nº 5), p. 18,19. Disponível em: https://revistafolclore.files.wordpress.com/2017/04/1995_18-19.pdf
- RIBAS, T. (1991) *A propósito do folclore e das danças populares portuguesas*. Revista Folclore (nº1), p. 12, 13. Disponível em: https://revistafolclore.files.wordpress.com/2017/02/1991_12e13.pdf
- SANTOS, T. (2000) *Folclore com festas e romarias*. Revista Folclore (nº 10), p. 6,7. Disponível em: https://revistafolclore.files.wordpress.com/2017/09/2000_6-7.pdf
- SANTOS, T. (1997) *Os jogos e o folclore*. Revista Folclore (nº7), p. 22,23. Disponível em: https://revistafolclore.files.wordpress.com/2017/09/1997_22-23.pdf
- SANTOS, T. (1993) *O bailado no folclore madeirense*. (nº3), p. 4. Disponível em: https://revistafolclore.files.wordpress.com/2017/04/1993_4.pdf
- SANTOS, T. (1991) *Folclore: Estudo do passado, orgulho de presente e perspectiva do futuro*. Revista Folclore (nº1), p. 10,11. Disponível em: https://revistafolclore.files.wordpress.com/2017/02/1991_10e11.pdf
- CAMACHO, R. & TORRES, J. *Instrumentos musicais da tradição popular madeirense*. Revista Folclore (nº 16), p. 8,9. Disponível em: https://revistafolclore.files.wordpress.com/2017/11/2006_8-9.pdf

Endereços Web:

Aprender Madeira.

URL: <http://aprendermadeira.net/>

Associação de Folclore e Etnografia da Região Autónoma da Madeira.

URL: <https://arquivo-folcloredamadeira.pt/>

Direção de Serviços de Educação Artística da Madeira.

URL: <https://www.madeira.gov.pt/dre/Estrutura/DRE/Areas/Educa%C3%A7%C3%A3o-Art%C3%ADstica/A-Educa%C3%A7%C3%A3o-Art%C3%ADstica>

Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha.

URL: <https://www.grupofolcloricocamacha.com/>

Junta de Freguesia da Camacha)

URL: <https://jfcamacha.pt/historia/>

Revista Portuguesa de Educação Artística.

URL: <https://rpea.madeira.gov.pt/index.php/rpea>

Secretaria Regional do Turismo e Cultura

<http://www.madeira600.pt/pt-pt/historia>

ANEXOS

Anexo 1 ó Guião da entrevista/questionário.

| Guião de Entrevista/Questionário |
|--|
| Dados do participante: Idade: _____ Feminino <input type="radio"/> Masculino <input type="radio"/> Habilitações literárias: _____ Que tarefa desempenha no Grupo _____ |
| I Relação com o GFCPC |
| <i>Há quanto tempo está no GFCPC?</i> <i>Tem alguma relação de parentesco com algum outro elemento do GFCPC? Se a resposta é sim, qual?</i> <i>Fora dos dias/horas de ensaio costuma colaborar com o grupo?</i> <i>Como teve conhecimento do GFCPC?</i> <i>Considera que GFCPC contribui para o enriquecimento pessoal? De que modo?</i> |
| II Motivação para pertencer ao GFCPC |
| <i>Qual é a sua função no GFCPC?</i> <i>Por qual motivo veio para o GFCPC?</i> <i>Consideraria indiferente participar neste ou num outro Grupo da freguesia, ou de um outro Concelho da Região?</i> <i>Antes de ingressar no GFCPC participou noutra Grupo?</i> <i>Quais as atividades de que mais gosta de participar?</i> <i>Já pensou alguma vez sair do rancho? se sim porquê?</i> <i>Sente uma maior proximidade com as pessoas (do Grupo) da sua idade ou de todos em geral?</i> <i>Qual considera a razão mais forte porque continua no GFCPC?</i> <i>1. A tradição da região/freguesia onde nasceu e/ ou vive;</i> |

2. *Uma tradição de família;*
3. *O convívio no Grupo;*
4. *Gostar deste estilo de música e dança.*

III Identidade e pertença para os jovens do GFCPC

Identifica-se com as tradições culturais de região onde nasceu e vive ou outra?

Se mudasse para outro sítio conseguia adaptar-se facilmente à cultura de uma outra região?

Se tivesse que escolher um local para viver, qual escolhia, região onde vive ou outra?

Conhece a história deste Grupo e a sua origem?

Consegue fazer um breve resumo sobre a sua história?

● COMUNIDADES

Fundador do Grupo da Camacha celebra 100 anos na Cidade do Cabo

O comendador António Martins, natural da freguesia da Camacha, na Madeira, e residente na Cidade do Cabo, na República da África do Sul, celebra nesta quarta-feira, dia 11 de novembro, o seu 100.º aniversário.

Na sua juventude, ainda na Madeira, foi um dos membros fundadores do Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha, certamente um dos maiores símbolos da cultura regional e do folclore português. António Martins é visto em algumas fotografias antigas do conjunto madeirense como 'tocador de brinquinho' um dos mais característicos instrumentos da parte musical que acompanha as atuações dos grupos folclóricos regionais.

Na África do Sul, "o comendador António Martins foi o mentor de muitos jovens, especialmente daqueles que têm e tiveram o privilégio de, como eu, fazer parte do Grupo de Folclore Português da Cidade do Cabo, do qual foi também fundador", escreve na sua conta de 'Facebook' Jerónimo Rodrigues, professor de Bioquímica na Universidade da Cidade do Cabo (UCT), filho de portugueses, a propósito da grata efeméride que hoje se assinala.

"Os bailinhos que representámos, enquanto membros do grupo folclórico madeirense na Cidade do Cabo, incluíam canções e danças como a famosa 'Chama Rita da Camacha', que foi habilmente modificada e adaptada para o público sul-africano pelo Senhor António Martins", recorda Jerónimo Rodrigues,



António Martins é visto em fotografias antigas do conjunto madeirense como 'tocador de brinquinho'. FOTO DR

que lembra ainda "outros bailinhos dignos de nota como o 'Baile da Ponta do Sol', o 'Baile Corrido' e terminávamos sempre a sequência com o número mais popular que era o 'Baile Pesado'..."

António Martins assumiu a direção do Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha (GFCPC) de 1955 a 1957. Maria Ascensão Fernandes Teixeira (1926-2001) assumiu a liderança e o papel de embaixadora do grupo camachense, depois do agora centenário Antó-

UM DOS MAIORES SÍMBOLOS DA CULTURA REGIONAL E DO FOLCLORE PORTUGÊS

nio Martins emigrar para a África do Sul, em 1956.

O GFCPC celebrou o seu 72º aniversário este ano. Fundado em 1 de

Novembro de 1948 é o mais antigo grupo folclórico da Região Autónoma da Madeira e o grande embaixador do folclore madeirense. Já fez digressões por todo o mundo, levando as cores e a alegria do folclore ilhéu por vários continentes.

A primeira digressão internacional do GFCPC realizou-se em 1949 (Madrid, Espanha) sob a tutela de António Martins, onde o grupo foi premiado com o segundo lugar no Grande Concurso Internacional de Danças desse ano.



António Martins instalou-se na Cidade do Cabo em 1965, com uma fábrica de produção de velas, que se tornou famosa na região. 'The Candle Factory Shop', nascida há 55 anos, é considerada uma empresa familiar de sucesso no País, e no sector de produção em que atua. A empresa mudou de designação, agora chama-se 'The Candle Merchant', e tem à frente o seu filho, António Martins Júnior.

No dia 10 de Junho de 1980, já lá vão 40 anos, António Martins foi condecorado pelo Presidente da República Portuguesa com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique.

Hoje é uma data para honrar este destacado membro da comunidade portuguesa na África do Sul. Aqui deixamos as sinceras felicitações de todos os madeirenses, e recordamos a sua vida ajudados pelas notas que nos enviou o Professor Jerónimo Rodrigues.

Anexo 3 ó Recorte de jornal (Jornal da Madeira-11 de novembro de 2020) < " ã d d d o Grupo de Folclore da Camacha celebra 100 anos na Cidade do cabo.

JM
quarta-feira
11 de novembro de 2020

Diáspora REGIÃO 11

ÁFRICA DO SUL

Emigrante madeirense comemora 100.º aniversário

António Martins Araújo, emigrante madeirense que reside na Cidade do Cabo há 64 anos, assinala hoje 100 anos de vida.

ESAFIOS
IÁSPORA

Por José Luis da Silva
redacao@jm-madeira.pt

No chiquérrimo bairro de Constança, na Cidade do Cabo, África do Sul, o JM teve encontro marcado com o aniversariante, comendador António Martins Júnior, onde reside juntamente com o filho António Martins e sua família.

António Martins Júnior completa, hoje, o seu 100.º aniversário natalício. Os familiares lamentam profundamente não poderem celebrar com uma festa especial, devido à covid-19, mas as suas netas projetaram outros planos muito criativos para que o avô sinta que é uma pessoa especial e amada.

Os planos incluem gravações de som e em vídeo para mensagens alusivas ao 100.º aniversário do avô que ele irá depois ouvir. Reembrando toda a sua vida, António Martins Júnior começou por dizer que com a terrível idade - 10 anos - foi para a Escola de Artes e Ofícios.

"Aprendi muito como fazer certas reparações, consertos, e acabei o curso de marcenaria. Foi muito útil", garantiu. O madeirense faz ainda menção de um grande homem, um grande pastor de almas, o senhor Padre Laurindo.

Ao JM, o arceão que viu a luz do dia no pitoresco sítio da Achadinha, freguesia da Camacha, no 11 de novembro de 1920, contou, sem qualquer hesitação ou esforço de memória, que veio para a África do Sul no ano de 1956, de barco.

"Lembro-me muito bem do nome do navio, o 'Moçambique', da Companhia Nacional de Navegação. Vim com toda a minha família, incluindo o meu sogro e o Jordão, um sobrinho", explicou.

Folclore na Camacha

O centenário emigrante recorda com



Aos 100 anos mantém-se lúcido e saudável.

saudade e emoção o Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha, do qual foi fundador e ensaiador, fazendo menção a Maria Ascensão, a última a entrar para o grupo e que foi seu pai.

"Também privei de muito perto com o Dr. Nóbrega, uma das muitas pessoas amigas, que já não está entre nós", diz com um semblante bem expressivo de saudade.

Descreveu ainda, com invulgar orgulho, o facto de ter sido o inventor, o pioneiro da máquina de tirar liça ou rachar liça, explicando que é uma máquina que divide o vime em três. Posteriormente, cada uma dessas fiças volta à máquina, mas agora com um ofício mais reduzido e afiado.

"Fiquei muito feliz. A máquina que eu desenhei, a minha invenção, não vi em parte nenhuma. Ainda me lembro de passar noites, muitas noites a fio, pensando na máquina de fazer liça. Era necessário inventar uma máquina para aquele fim, era trabalho muito moroso e difícil de fazer com as nossas mãos", confessa. Máquina esta que foi feita por um dono de uma oficina que "existia antes de se chegar à Rua da Carreira".

"Fui eu que levei para a Cama-

1956

ANO em que António Martins Júnior chegou a África do Sul a bordo do navio 'Moçambique'.

cha a primeira máquina de tirar liça, máquina por mim inventada. Aquilo foi um sucesso, nunca na Camacha tinha a liça sido assim preparada", reitera com orgulho.

O seu negócio

Solicitado a falar um pouco do sucesso da sua arte, como havia deitaco mão a este negócio de produção de velas decorativas, respondeu, sorridente, que nunca tinha entrado numa

fábrica de velas na sua vida.

O ancião camachense explica tudo: "Estava a ler um jornal e havia um anúncio de que um casal alemão queria vender uma fábrica. Não sabia qual o produto que a fábrica produzia. Não hesitei um minuto. Dirigi-me para lá imediatamente. A senhora a enden-me, conversámos, disse-me o preço e naquele momento meti-lhe nas mãos 10% do total, eu ia prevenido. Ficou o negócio fechado naquela ocasião. Tomei conta da fábrica, não percebia nada daquilo, mas adaptei-me, dei continuidade e fui desenvolvendo", explica.

Folclore na Cidade do Cabo

António Martins Júnior recorda a fundação do grupo folclórico na Cidade do Cabo, grupo este que "reuniu muitos jovens da comunidade".

"Levei também o nosso folclore à comunidade afrikander nas proximidades e na Cidade do Cabo, que foi um sucesso, gostaram muito e estreitamos relações. Foi positivo", enaltece.

Inquirido sobre o que fez para ter uma memória jovem, a resposta não se fez esperar, "é preciso pensar muito e em muitas coisas". "O principal é nunca deixar de pensar, seja de dia ou de noite", disse-nos.

Apesar de 64 anos na África do Sul, o madeirense fala português sem dificuldade, e avança: "Na minha casa era obrigatório falar português, pois com o meu filho e a minha filha sempre comunicamos na língua de Camões".

"Já não voltarei à Madeira, mas lembro-me muitas vezes das três casas onde vivi. Quero que os meus restos mortais sejam cremados. Aminha mulher e outros familiares estão sepultados na Camacha", confessou.

Despedimo-nos assim de um homem que se tornou conhecido pela ajuda aos mais desprotegidos, não só da sua comunidade, e divulgou o folclore da terra com muito saber e orgulho, tendo saído da terra natal para o desconhecido à procura de oportunidades, o que conseguiu, deixando-nos assim uma lição de vida exemplificadora.



Grupo Folclórico que fundou e ensaiou na África do Sul.

Anexo 4 ó Recorte de jornal: Há dezoito anos o folclore madeirense ficava mais pobre com a morte de Maria Ascensão.



A igreja velha da Camacha não chegou para acolher todos aqueles que quiseram dizer o último adeus a Maria Ascensão. Registou-se a presença de algumas entidades oficiais.



A acompanhar Maria Ascensão até à última morada, estiveram diversos grupos do folclore da Madeira, usando, cada qual, o respectivo traje.

A CAMACHA ENCHEU PARA A DESPEDIDA

O último adeus a Maria Ascensão

Maria Ascensão Fernandes Teófilo chegou, ontem, à sua última morada. O último adeus à mais popular representante do folclore madeirense aconteceu na

- Maria Ascensão chegou, ontem, à sua última morada. Foram muitos amigos, parentes e populares que assistiram às cerimónias fúnebres de despedida da conhecida "loura da Camacha".

conternador para a deu- | nis de despedida de Ma- | soram prestar uma última

pos de folclore madeirense estiveram presentes nas cerimónias fúnebres, trajando cada qual o respectivo traje.

A procissão fúnebre, que aconteceu por volta

de a fundação, em 1948.

Maria Ascensão nasceu a 13 de Maio de 1920, na freguesia da Camacha. Aos sete anos foi escolhida para cantar na igreja local, na noite de Natal.

Quando foi fundado o Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha, a 1 de Novembro de 1948, o dr. Alfredo Ferreira convidou-a para entrar no grupo e, desde então, dedicou a sua vida às actividades daquele grupo folclórico, acompanhando-o nas diversas viagens que realizou às comunidades madeirenses espalhadas pelo mundo.



Chamavam-lhe a "embaixadora" da Madeira. Por onde passou deixou o seu sorriso inconfundível. Durante os cinquenta anos em que levou o nome da Madeira, da Camacha e do

"seu" Grupo Folclórico, aos cinco continentes, Maria Ascensão espelhou alegria e boa disposição. Ontem, fruto de um ataque cardíaco, a "camacheira" deixou de sorrir.

A "MÃE DO FOLCLORE" FALECEU ONTEM NA CAMACHA

"Missão cumprida" para Maria Ascensão

Maria Ascensão Fernandes Teixeira morreu, ontem, ao final da manhã, acometida de um ataque cardíaco. A mais popular representante do folclore madeirense, que a 13 de Maio completaria 75 anos, ainda foi transportada ao Hospital da Cruz de Carvalho. De nada serviu. O corpo de Maria Ascensão está hoje em câmara ardente, na velha igreja da Camacha, das 9 à 1 hora da madrugada. O funeral só se realiza amanhã, pelas 11 horas, precedido de missa. Se se cumprirem os desejos, por mais de uma vez expressos pela própria, Maria Aurora despede-se dos vivos com o famoso traje de "viloa".

Maria Ascensão ficou conhecida em Portugal e em muitos países que visitou com o Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha. Rotulada vezes sem conta como a "embaixadora da Madeira", Maria Ascensão surgia sempre com um largo sorriso nos lábios. Em cima dos palcos, as suas danças espelhavam também a alegria que emprestava ao mais importante grupo folclórico da Região, que de resto acompanhou desde a sua fundação, em 1948.

A notícia da morte da "loira" do Grupo Folclórico deixou perplexa a vila da Camacha, onde, nos últimos dias, Maria Ascensão apareceu em público, aparentando boa saúde. Assim foi na inauguração do Camacha-Shopping, na sexta-feira, e no dia seguinte no jantar de encerramento do Rali da Camacha, onde a "loira" trajou a rigor, bailou e cantou como sempre fez ao longo de 50 anos.



Maria Ascensão, em Setembro de 2000, cumprimenta Jorge Sampaio na inauguração do Aeroporto.

Ontem, durante a tarde, depressa a notícia se difundiu, passando a ser o acontecimento mais badalado em quase toda a Região Autónoma. Um facto que atesta a simpatia que os madeirenses nutriam pela sua representante, a sua "embaixadora".

Maria Ascensão nasceu a 13

de Maio de 1926, na freguesia da Camacha. Aos sete anos foi escolhida para cantar na igreja local, na noite de Natal. «Diziam que eu tinha uma boa garganta», relata a própria numa curta autobiografia, manuscrita. «Vivi a minha infância muito alegre, pois com as minhas amiguinhas

fazíamos rodas e cantávamos muitos».

Quando fundou o Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha, a 1 de Novembro de 1948, o dr. Alfredo Ferreira de Nóbrega foi logo convidá-la. «Fiquei radiante pois aquilo era o que mais gostava de fazer», des-

creve Maria Ascensão, antes de enumerar algumas dificuldades: «Não foi tão fácil como eu pensava, pois há 50 anos as coisas eram diferentes, e os meus pais e de todos os outros elementos femininos não aceitavam deixar as filhas saírem da sua terra, assim solteiras. Mas depois todos se compreenderam».

Seguiram-se inúmeras viagens e deslocações pelo país, a Espanha – a estreia aconteceu em 1949 em Madrid – e por países dos cinco continentes. Maria Ascensão e seu marido, Abel Policarpo de Freitas, fizeram parte de todas as digressões, à excepção da última, realizada este ano, à Austrália.

«A primeira entrevista que eu tive foi em Madrid, quando o Grupo teve a sua primeira deslocação, em 1949, e nunca mais posso esquecer que quem me entrevistou foi o tão conhecido Artur Agostinho e nessa altura é natural que estava nervosa, mas ele soube fazer-me umas perguntas que não tive dificuldade em responder, e pôs-me à vontade», relata Maria Ascensão, recordando o início de uma carreira plena de emoções e sorrisos distribuídos à volta do Mundo.

Confirmada a morte de Maria Ascensão, muitas têm sido as mensagens que chegam à família da defunta e do próprio Grupo Folclórico da Camacha. Ontem, através da RTPM, Jardim referiu-se a um «acontecimento muito triste», lembrou Maria Ascensão como «imagem da Madeira espalhada por todo o Mundo» e encara a sua morte como «algo que todos nós perdemos».

AGOSTINHO SILVA
asilva@noticias.pt

Anexo 6 ó Recorte de jornal (Diário de Notícias ó 14 de maio de 2021): Casa-museu Maria Ascensão.

Casa-museu ganha apoio decisivo

ORLANDO DRUMOND
odrumond@dnnoticias.pt

O Governo Regional vai apoiar a Casa do Povo da Camacha a concretizar o desejado projecto da Casa-museu Maria Ascensão. Garantia dada ontem por Miguel Albuquerque, em resposta ao desafio lançado pelo presidente da direcção da Casa do Povo local, Ricardo Vasconcelos, por ocasião da cerimónia de descerramento de peça escultória de homenagem a Maria Ascensão, evento a teve lugar nas instalações da Casa do Povo da Camacha, promotora da iniciativa.

Ricardo Vasconcelos aproveitou a homenagem a título póstumo realizada no dia em que a popular loura da Camacha faria 95 anos, para apelar ao presidente do Governo Regional apoio “para a concretização” dessa “vontade grande” da Camacha que é “a Casa-museu Maria Ascensão - Casa do Folclore Madeirense” a ser criada na própria casa onde viveu Maria Ascensão, “doada com esse propósito à Casa do Povo da Camacha”, lembrou. Considerou mesmo que “a homenagem maior ao seu legado no folclore madeirense” é “a fundação da Casa-museu”.

Perante assinalável plateia, o presidente do Governo Regional da Madeira fez questão de responder ao desafio, ao afirmar que “há a perspectiva de se recuperar e abrir ao público a Casa-museu Maria Ascensão”. Por reconhecer que importa manter o legado de quem sempre “amou e apoiou” o folclore, Albuquerque reconheceu que “para além da peça escul-



O descerrar do monumento escultórico em homenagem à 'loura da Camacha' juntou Miguel Albuquerque e Filipe Sousa numa cerimónia concorrida.

tórica magnífica” inaugurada à entrada do edifício da Casa do Povo, importa agora apoiar a recuperação e a instalação da casa de Maria Ascensão como um pólo dinamizador da etnografia e do folclore madeirense. Dirigindo-se ao responsável pela Casa do Povo foi conclusivo ao afirmar “pode contar com esse apoio”.

“Vamos tomar a decisão de apoiar a recuperação dessa casa

FILIFE SOUSA PEDE A MARCELO A ATRIBUIÇÃO DE ORDEM HONORÍFICA A MARIA ASCENSÃO

em cooperação com a Casa do Povo”, prometeu o governante, que já anunciou que a futura Casa-museu será uma casa “aberta ao público, aberta à educação e aberta à cultura”, disse.

Município propõe atribuição de comenda nacional

A Câmara Municipal de Santa Cruz propôs à Presidência da República que atribua, a título póstu-

mo, distinção honorífica a Maria Ascensão.

Revelação feita ontem pelo presidente do município, Filipe Sousa, por ocasião da cerimónia de homenagem “à grande embaixatriz da cultura etnográfica madeirense”.

Por entender que “Maria Ascensão merece muito mais” que a homenagem desta quinta-feira, o autarca do JPP anunciou que na próxima reunião de Câmara será ratificado um Despacho datado do final do mês de Abril, onde é proposto a atribuição de comenda nacional a Maria Ascensão. O autarca do JPP fez saber que entretanto já contactou o Palácio de Belém para sensibilizar Marcelo Rebelo de Sousa a atribuir uma ordem honorífica, nomeadamente a Ordem de Mérito, e sugerindo que tal aconteça já no próximo dia 10 de Junho, por ocasião da visita do Presidente da República à Madeira para presidir, no Funchal, às celebrações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas.

“Acho que esta mulher merece uma ordem honorífica vinda da República”, ao recordar que Maria Ascensão levou a cultura madeirense e, por consequência, a cultura portuguesa além-fronteiras.

“Ela merece uma ordem honorífica, nomeadamente a Ordem de Mérito” com o título a definir por Marcelo Rebelo de Sousa, devendo este “aproveitar a oportunidade, agora, no dia 10 de Junho” por entender que esta é “a melhor oportunidade de atribuir título honorífico grau de mérito da parte da presidência da República. Isso seria um símbolo forte”, concretizou.

Anexo 7 ó Recorte de jornal (Diário de Notícias ó 14 de maio 2021): Casa-museu Maria Ascensão 2.

34

CULTURA

JM

Sexta-feira
14 de maio de 2021

Casa-Museu Maria Ascensão é para avançar

Por **Lúcia M. Silva**
lucia.silva@jm-madeira.pt

A reabilitação e transformação da casa onde viveu Maria Ascensão, a embaixatriz do folclore madeirense, num museu vai mesmo avançar, segundo garantia deixada pelo presidente do Governo Regional que presidiu à cerimónia de inauguração do monumento escultórico em sua homenagem.

O desejo de ver a casa da “loira da Camacha” aberta à população, mostrando um pouco daquilo que foi a sua vida e carreira à frente do grupo de folclore daquela freguesia, foi inicialmente deixado pelo presidente da Casa do Povo local, que, num emocionado discurso, não poupou nas palavras para descrever aquela que levou o nome da Madeira e a sua alegria “por esse mundo além”.

Recordando que este monumento escultórico era há muito ambicionado, Ricardo Vasconcelos aproveitou ainda a ocasião para pedir mais intervenção pública e mais apoios para os grupos culturais locais. Relativamente à futura casa-museu, lembrou que a residência foi doada pelo seu marido, Abel Freitas, à Casa do Povo da Camacha e que esta seria “a homenagem maior ao seu legado



O monumento escultórico em homenagem a Maria Ascensão encontra-se à entrada da Casa do Povo da Camacha.

ao folclore madeirense”.

Escutado o pedido, Miguel Albuquerque disse, por sua vez, que, para além de continuar a ajudar na promoção da cultura popular, ia oferecer o seu apoio na recuperação e instalação da casa de Maria Ascensão, “como um polo dinamizador da etnografia e do folclore madeirense”.

Esse apoio, explicou, será feito em

A autarquia de Santa Cruz anunciou também que vai pedir a atribuição de uma ordem honorífica para Maria Ascensão vinda da República.

colaboração com várias entidades, entre as quais a Casa do Povo, e terá como objetivo o de garantir que a casa de Maria Ascensão será aberta ao público, à educação e à cultura”.

Falando aos presentes, o chefe do Executivo madeirense referiu ainda que, assim que acabarem as restrições relativas à pandemia, será retomado o desfile etnográfico, revelando que este fará parte dos eventos

anuais do turismo e da cultura da Madeira.

No dia em que celebraria 95 anos de vida, Maria Ascensão foi ainda lembrada nesta cerimónia pelo atual presidente do Grupo Folclórico da Camacha. Avelino Sousa recordou a “mulher de palco”, com a qual partilhou muitas atuações e viagens, bem como o seu grande profissionalismo enquanto bailarina. “Foi ela quem nos transmitiu religiosamente todos os ensinamentos dados pelo nosso primeiro diretor artístico”, lembrou.

“A senhora Ascensão tinha um coração tão grande como o seu sorriso”, afirmou, destacando o seu lado humilde e caloroso.

Também os escultores autores da peça, Nicolau Viana (autor do busto em bronze) e Zé Baptista (autor da base), deram o seu testemunho quanto ao orgulho que sentiram ao construí-la. Nicolau Viana confessou até que Maria Ascensão merecia muito mais do que isto [escultural].

Sugerida medalha de mérito

Outra das intervenções feitas nesta cerimónia foi a do presidente da Câmara Municipal de Santa Cruz. Para além de enaltecer a pessoa que foi Maria Ascensão, Elvijo Sousa anunciou que a sua autarquia vai ratificar, na próxima reunião de Câmara, um despacho, datado de há duas semanas, pedindo a atribuição de uma ordem honorífica vinda da República.

“Eu acho que ela merece uma Ordem de Mérito”, afirmou o autarca, salientando que o título da mesma ficaria a cargo do próprio Presidente da República e sugerindo que o mesmo podia já ser atribuído nas próximas comemorações do dia 10 de junho, Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas

FOTO MIGUEL MONIZ

Anexo 8 ó Recorte de jornal (Jornal da Madeira ó 03 de abril 2021): Instrumentos tradicionais nascem das mãos de jovem de 15 anos.

26

JM CULTURA

JM
Sábado
3 de abril de 2021

Instrumentos tradicionais nascem das mãos de jovem de 15 anos

Francisco Jesus, natural da Camacha, recupera e constrói na sua oficina instrumentos tradicionais madeirenses, nomeadamente viola de amare, o brinquinho, o rajão, a braguinha e o machetinho.

Por **Bruna Nóbrega**
bruna.nobrega@jm-madeira.pt

Desde pequeno que nutre o gosto pela música e pelos instrumentos musicais. Francisco Jesus tem apenas 15 anos e, ao contrário da grande maioria dos adolescentes, não demonstra grande entusiasmo pelos videojogos. Por outro lado, este jovem de tão tenra idade prefere dedicar o seu tempo livre a um ofício que vê cada vez menos artesãos: a lutheria (profissão que engloba a produção artesanal de instrumentos musicais de corda com caixa de ressonância).

Foi na sua pequena oficina, localizada na freguesia da Camacha, no sítio da Nogueira, que Francisco Jesus recebeu o JM para contar um pouco sobre a sua história e explicar como nasceu este gosto.

"Eu ando no Grupo de Romarias Antigas do Rochão desde os meus quatro anos. Nos primeiros tempos tocava concertina, mas lembro-me que não olhava muito para os instrumentos tradicionais, não me interessavam muito", começou por dizer ao jornal, enquanto mostrava entusiasmado cada detalhe da sua oficina que carrega todo o seu material que depois dá forma às suas obras de arte musicais.

No entanto, os anos foram se passando e a verdade é que o interesse acabou por surgir e floresceu. Conta o jovem artesão que foi o "mestre Montiz", de Machico, quem lhe deu as primeiras madeiras. A partir daí a paixão pela lutheria foi crescendo e ainda hoje assegura que continua a aprender com os ensinamentos que lhe vão dando outros artesãos de vários pontos da Região, com quem vai partilhando conhecimento e enriquecendo os seus saberes.

Tudo começou há um ano
Foi começando aos poucos, num



"**Já não há muita gente a construir instrumentos e enquanto eu puder vou fazê-lo porque é isto que gosto de fazer.**"

Francisco Jesus, jovem luthier



Francisco Jesus tem apenas 15 anos e prefere a música aos videojogos, contrariando a sua faixa etária.

pequeno compartimento de casa, onde guardava os seus instrumentos. Tentou, falhou e só descansou quando ouviu o som do seu primeiro instrumento: uma braguinha.

Mas não muito tempo depois o pai, Humberto Jesus, o seu maior incentivador, que também se dedica à criação de peças de artesanato, nomeadamente de figuras de presépio, decidiu construir uma pequena oficina para o jovem luthier (nome dado ao profissional especializado na construção e no reparo de instrumentos de cordas, com caixa de ressonância).

Um mês para construir um instrumento

É um trabalho que, naturalmente, exige muita paciência, dedicação e perícia. Que o diga Francisco Jesus que revelou ao JM que construir um instrumento musical demora cerca de um mês a ser construído. "Dá trabalho construir um instrumento de origem", reconhece, explicando que para si a parte mais difícil do processo é trabalhar com escala. "Se falha um milímetro o instrumento já não vai tocar de forma correta. Só consigo descobrir se deu certo ou não no fim do processo. No início, cheguei a falhar algumas vezes, mas agora já não porque uso uma aplicação em que posso calcular o tiro de corda do instrumento", refere. Em apenas um ano, o jovem luthier já construiu sete instrumentos e recuperou outros tantos que já lhe perdeu a conta, mas lembra que este é um trabalho onde "é preciso investir muito dinheiro", uma vez que "há madeiras e ferramentas muito caras".

Fez já um ano desde que Francisco Jesus começou a traçar o caminho profissional na sua própria oficina que, aos poucos, vai se compondo com materiais e máquinas, algumas delas criadas pelo próprio, necessárias à produção dos instrumentos.

Apesar de este não ser, ainda, o seu trabalho, a oficina tornou-se o sítio onde passa a maior parte do tempo. "Quando não estou em tele-escola estou quase sempre aqui", admite.

É lá que, no meio do silêncio a madeira, ganha inspiração para construir os instrumentos tradicionais, entre eles a viola de amare, o rajão, o brinquinho, a braguinha e o machetinho.

A vontade de continuar a trabalhar nesta arte é tão vigorosa que Francisco Jesus não tem dúvidas. "Eu quero seguir este ramo, já não há muita gente a construir instrumentos e enquanto eu puder vou fazê-lo porque é isto que gosto de fazer", disse com firmeza o jovem luthier que, apesar de ainda estar a estudar e ter um universo de opções diante si, decidiu dedicar-se a este ofício.

Esta é uma ambição que é apoiada a cem por cento pela família. "Eles gostam da ideia e ajudam-me sempre. Até agora todos me têm apoiado", garante, convicto de que as escolas de músicas "precisam de instrumentos e há cada vez mais grupos musicais interessados em divulgar cada vez mais as nossas tradições e os nossos instrumentos", apontou.

Interessados por este ofício também ficaram os amigos do jovem artesão. Diz que durante as tardes batem-lhe à porta da oficina e ficam lá, vendo-o trabalhar e aprendendo com ele sobre a lutheria.

"Já tenho alguns amigos que estão a começar a aprender a fazer instrumentos", contou o luthier madeirense que acredita que apesar de poucos, sempre vão aparecendo alguns jovens a demonstrar gosto por este ofício. "Não é uma arte que se vai perder", cre.

Anexo 9 – Recorte de jornal (Jornal da Madeira – 21 de abril 2021): “aCORDE”.

JM
Terça-feira
27 de abril de 2021

CULTURA | 23

‘aCORDE’ mostra dedicação pelo preservar da identidade cultural

Por Catarina Gouveia
catorina.gouveia@jm-madeira.pt

Começou ontem a quarta edição do projeto ‘aCORDE’, iniciativa que se realiza entre os dias 26 e 30 de abril. O evento levado a cabo pela Secretaria Regional de Educação, Ciência e Tecnologia, através da Direção Regional de Educação – Direção de Serviços de Educação Artística Secretária no âmbito do Dia Regional dos Cordofones Tradicionais Madeirenses é acolhido pela Assembleia Legislativa da Madeira (ALRAM) e conta com transmissões diárias nas redes sociais.

A iniciativa que se prolonga até sexta-feira foi oficialmente inaugurada ontem, com a abertura de uma exposição patente no átrio da ALRAM que contempla meia centena de desenhos e pinturas, assinados por alunos de 18 escolas do ensino básico e do ensino secundário da Região, concebidos sobre temas de madeira, correspondentes aos cordofones madeirenses.

Na ocasião, o presidente do parlamento regional, José Manuel Rodrigues, fez fortes elogios ao trabalho desenvolvido por professores e alunos e sublinhou a força simbólica do facto de a Assembleia voltar a ser a casa para um evento que procura reforçar a identidade cultural madeirense.

“Nós estamos na casa da Democracia e da Autonomia, que pretende também ser uma casa de cultura e das artes, porque foi a nossa identidade cultural, forjada ao longo de seis séculos de história, que permitiu sustentar a conquista da própria autonomia”, afirmou José Manuel Rodrigues, acrescentando que “não é por acaso que a Constituição da República Portuguesa preceitua que a autonomia é o reconhecimento de uma velha aspiração socioeconómica, mas também cultural, das gentes da Madeira e dos Açores”, uma vez que foi também a cultura “que nos permitiu conquistar a autonomia que hoje temos”.

Já o secretário regional de Educação, Ciência e Tecnologia, Jorge Carvalho, mostrou-se orgulhoso por esta iniciativa que “torna visível todo o trabalho desenvolvido nas nossas



Quarta edição do evento ‘aCORDE’ decorre durante esta semana na promoção aos cordofones tradicionais madeirenses.

escolas”, fruto de “uma dedicação muito aprimorada dos nossos professores”. Jorge Carvalho acredita que “o consumo das artes é, sem dúvida alguma, algo de relevante” e que “a educação vai muito além da simples aquisição de conhecimentos”. “A verdadeira educação é

Evento promove os cordofones tradicionais madeirenses na Assembleia Legislativa da Madeira e online até sexta-feira.

aquela que cria alicerces para que o indivíduo, ao longo do seu percurso de vida, possa ter um desempenho de grande qualidade em termos profissionais e sociais”, sustentou.

No encerrar da abertura da exposição patente na ALRAM até sexta-feira, que pode também ser vis-

ta online, através de uma galeria virtual disponível em <https://bit.ly/3vmcc0y>, dois alunos do Conservatório protagonizaram um momento musical com recurso aos cordofones, acompanhados pelo professor Roberto Moniz.

O ‘aCORDE’ contempla ainda a divulgação diária de vídeos com interpretações musicais por grupos de cordofones tradicionais madeirenses em contexto escolar, na página do Facebook da Direção de Serviços de Educação Artística, e termina a 30 de abril com uma conferência proferida pelo investigador Paulo Esteves, intitulada ‘O processo de valorização dos cordofones tradicionais da Madeira: de Carlos Santos ao parlamento’, as 15h00, seguida pela sessão de entrega dos troféus Carlos Santos e Cândido Drummond de Vasconcelos, no Salão Nobre da Assembleia Legislativa. O encerramento será feito ao som da música dos cordofones tradicionais madeirenses, num concerto protagonizado pelo Quarteto Moritz, com início previsto para as 16h00. A sessão será também transmitida nas redes sociais e na plataforma online do JM Madeira.



A exposição ‘aCORDE’ ficará patente no átrio da Assembleia Legislativa até ao dia 30 de abril.

